

**CARTAS
PARA
PAULO FREIRE**
ESCRITOS PARA ESPERANÇAR



ORGANIZADORES
ANDRÉ GUSTAVO FERREIRA DA SILVA
ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO



centro
PAULO FREIRE
estudos e pesquisas

**CARTAS PARA PAULO FREIRE:
ESCRITOS PARA ESPERANÇAR**

Vol. 1

**CARTAS PARA PAULO FREIRE:
ESCRITOS PARA ESPERANÇAR**

Vol. 1

Organizadores:

**ANDRÉ GUSTAVO FERREIRA DA SILVA
ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO**

Recife, PE

2021

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Ricardo Santos de Almeida

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas para Paulo Freire [livro eletrônico] :
escritos para esperançar / organização André
Gustavo Ferreira da Silva , Allan Diêgo
Rodrigues Figueiredo. -- 1. ed. -- Recife, PE :
Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2021. --
(Reflexões desde círculos de cultura ; 1)

ISBN 978-65-87824-05-5

1. Cartas brasileiras 2. Educação 3. Freire,
Paulo, 1921-1997 4. Pedagogia I. Silva, André Gustavo
Ferreira da. II. Figueiredo, Allan Diêgo Rodrigues.
III. Série.

21-61269

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright © 2021. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2021. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	15
PAULO FREIRE, O EDUCADOR DO MUNDO	16
André Gustavo Ferreira da Silva	
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo	
CARTAS	24
Vera Maria de Souza, São Paulo, 23 de outubro de 2020	25
Eliane Almeida de Souza e Cruz -Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2020	29
Ana Clara, Petrópolis, 21 de novembro de 2020	33
Ângela Barrêto, Recife, 22 de novembro de 2020	36
Eliane Almeida de Souza e Cruz Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2021	39
Nilmara Helena Spressola São Carlos, 24 de outubro de 2020	43
Patricia Santos Santana. Salvador, 09 de novembro de 2020	45
Patricia Santos Santana. Salvador, 20 de novembro de 2020	46
Ângela Barrêto – Recife – PE, 07 de novembro de 2020	47
Ângela Barrêto –Recife 25 de outubro de 2020	49
Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre	51
Ana Clara São Thiago, 20 de outubro de 2020	52
Ana Clara, Petrópolis, 09 de novembro de 2020	55
Ana Clara, Petrópolis, 21 de novembro de 2020	58
Ana Maria de Campos, Campinas (SP), 08 de novembro de 2020	61

SUMÁRIO

Aline Menezes, Campina Grande (PB) 23 de novembro de 2020	68
Thaís Gomes dos Santos, 25 de outubro de 2020	69
Belén Magdalena Oberti, Buenos Aires, Argentina	71
Carolina Nascimento de Jesus	73
Bianca Silva de Oliveira	75
Bianca Silva de Oliveira	76
Bianca Silva de Oliveira	77
Carlos Eduardo Pereira São, João do Piauí, 24 de outubro de 2020	79
Cristiane Costa do Carmo - Juiz de Fora, 23 de outubro de 2020	80
Belén Magdalena Oberti	82
Cristiane Ferreira da Silva, Irapá, 25 de outubro de 2020	85
Franciane Sousa Ladeira Aires, Prados, MG, 21 de outubro de 2020	86
Gisele Luwicz Costa, Cambuquira, MG, 24 de novembro de 2020	88
Yasmin Rodrigues Roque, Catalão, GO, 21 de outubro de 2020	89
Marle Fidélis, Vitória, ES	91
Laís da Hora, Recife, 26 de outubro de 2020	92
Maria da Conceição Silva Cardozo, Normandia, Caruaru, PE	93
Nilceia Vieira, outubro de 2020	95
Maria Eduarda, Brasília, 26 de outubro de 2020	97
Marta Argolo	98
COMPOSIÇÕES VISUAIS	101
Fátima Guimarães – Texto e Fotografias	102

SUMÁRIO

Graciana – Desenho	103
Dalva Mendes França e Maíra Mendes de F. Alves – Desenho	104
Laura Correia de Oliveira – Carta Pedagógica	105
Ana Maria de Campos – Paulo Freire e a Mística – Quadro	106
Adriana Gouveia – A Mística	113
Aroma Bandeira – Carta Pedagógica	114
Ana Maria de Campos – Paulo Freire: amorosidade, errância, humanização	115
DISSERTAÇÕES	133
A conscientização do Ser-mais	134
Geysa Novais Viana Matias	
A Conscientização Do Ser-Mais. Inédito-Viável	136
Giselle Ferreira Gomes	
ENSAIOS	139
Sobre Ser-mais. Sobre inédito-viável.	140
Hélio Tinoco	
Um Diálogo Imaginado Entre Manoel Rodrigues e Paulo Freire	141
Manoel José Rodrigues Filho	
Relatos de aula	145
Mônica Nascimento da Silva	
Tantas perguntas...	148
Mônica Nascimento da Silva	
O educar com amor	150
Mônica Nascimento da Silva	
O sol nasce para todxas: sonheremos!	153
Dalva Mendes de França	

SUMÁRIO

Reflexão Bloco 1	156
Maria Celina Pedroso Alves	
Luta; Vida; Esperança	158
Taís Rodrigues da R. M.	
POESIAS	162
A Conscientização do Ser-mais	163
Adriana Silva Lemos	
O isolamento isolado	165
Alberto Dias Mendes	
Ao ser descoberta	166
Alciliane Antunes de Sousa Bonomo	
O desabrochar de uma educadora	167
Aline de Abreu Andreoli	
Pandemia	169
Astanilsen Duarte	
A Teimosa Arte de Lutar	170
Dalva Mendes de França	
Procura	172
Maria Aparecida Santos de Aguiar	
O conhecimento nos liberta	173
Laura Pereira Leite	
Sempre a lutar	175
Marcelo Fernando da Silva Mateus	
Desperta	178
autor(a) não identificadx	
Carta Pedagógica	180
Alexandra de La Torre	
Paulo Freire	181
Nadja Valéria dos Santos Ferreira	

SUMÁRIO

É necessário...	182
Núbia Lafaete Santos Viana	
Além das cores	183
Neusa Daglisia Fernandes Teixeira	
Carta Pedagógica Poética	184
Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre	
Educador: quais são suas possibilidades?	186
Andiara Floresta Honotório	
Freire, uma biografia: igualdade, amor e errância	187
Manoel Rodrigues	
Vamos brincar de quadrinhas freireanas?	189
Ana Fátima	
Conscientização do Ser “Mais”	190
Maria Girlene Callado Da Silva	
Educação que inspira Esperança	192
Givanildo de Oliveira Martins	
SOBRE AUTORAS E AUTORES	194

PREFÁCIO

Nita Freire

CARTAS PARA PAULO FREIRE: escritos para esperançar.

Dois a três meses atrás Rubneuz¹ me pediu para escrever o prefácio para este livro que tem a intenção de registrar e de valorizar os escritos dos/as participantes do círculo de cultura que o centro freireano de Caruaru fez realizar.

Ler as trinta e três **Cartas Pedagógicas** e as vinte **Poesias** que constituem o livro foram para mim momentos de emoção, comoventes, pois quase todas elas giram em torno de meu marido Paulo Freire. Voltam saudades grandes, alegria pelo que ele foi capaz de com suas palavras e práxis envolver as consciências e assim as leituras de mundo de quem escreveu para esperançar.

Quero dizer duas coisas a vocês acerca desse livro: a importância e necessidade dos registros educativos ou de outra natureza e solidificação de grupos que estudaram e conviveram em torno de um projeto de **conscientização** para a transformação do Brasil.

Os registros do que foi dito ou escrito pelos estudantes servem como princípio de busca de aperfeiçoamento, através do diálogo. Assim, funciona como uma plataforma onde procuramos as Verdades, que em processo constante volta ao

¹ N.E. Rubneuz Leandro de Souza. Pedagogia pela UNIJUÍ (2001), Especializações em Educação do Campo e Desenvolvimento pela UNB (2005) e Trabalho, Educação e Movimentos Sociais pela FIOcruz - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (2013) e Mestrado em Educação Contemporânea pela UFPE - Campus Agreste (2017). Setor de Educação do MST e do Comitê Pernambucano de Educação do Campo.

dito ou escrito em movimento dialético de reflexões e mudanças à semelhança do movimento prática-teoria-prática.

Os registros, então nos impele à reflexão e ao diálogo. Por outro lado, é a forma mais perfeita e contundente de se fixar, sem perdas, o que ocorreu na convivência educativa do grupo. Um registro como este com os textos escritos por vocês torna-se um fato histórico.

Estou com a Editora Paz e Terra construindo um livro de Paulo Freire, comemorando o ano dos 100 anos de seu nascimento dele, a partir das fichas de anotação de meu marido. Ele registrava as entrevistas que fazia, sobretudo quando viveu no Chile, com grupos ou simplesmente com uma pessoa que ia procura-lo em Santiago, interessada em conhecer o seu pensamento. Quando lia autores que ele se interessava em citar nos seus escritos ele fazia as fichas com as ideias do autor. Fazia as fichas dos conteúdos dos Seminários que oferecia à uma pluralidade de profissionais. As Fichas de ideias eram e são, sem dúvida alguma, as fichas mais importantes no seu trabalho de filósofo da educação. Eram as suas ideias anotadas na hora que elas surgiam do seu ser pensante, arguto e genial, que iria utilizar em seus livros, no livro que estava construindo no momento. No livro em questão- *Meus registros de educador* - constará um texto meu de introdução e apresentação e os fac-símiles de todas as fichas de Paulo, escritas de próprio punho. Paulo nunca construiu seus textos em máquinas de escrever ou em computadores. Sempre de próprio punho, em folhas de papel branco, com caneta Bic, escreveu a teoria do conhecimento, famosa em todo o mundo.

Esse estudo/diálogo/convivência de um conjunto dos sujeitos entre si dos grupos de estudos, como foi o caso de

vocês, leva, como podemos constatar na leitura das **Cartas** e das **Poesias**, à procura ou já a fase concreta da **conscientização**. **Conscientização** nesse caso em questão preocupada em concretizar, com a luta consciente, organizada e séria a necessária transformação social, ética, estética, econômica e política de nosso país.

A conscientização não é um conceito criado por Paulo. Dom Herder Câmara ouviu-a em reunião do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), no Rio de Janeiro, e, ávido, chegando ao Recife, disse: “é isso o que você faz, Paulo”. A partir deste fato Paulo pedagogizou o termo e deu-lhe status de conceito fundante da sua epistemologia crítica.

“Nos anos 1960, preocupado já com esses obstáculos, apelei para a **conscientização** não como panaceia, mas como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, vale dizer, de suas razões de ser. Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da **conscientização**. Insisto na sua atualização. Na verdade, enquanto aprofundamento da **prise de conscience** do mundo, dos fatos, dos acontecimentos, a **conscientização** é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica. Em lugar de **estranha**, a **conscientização** é **natural** ao ser que, inacabado, se sabe inacabado. A questão substantiva não está por isso no puro inacabamento ou na pura inconclusão. A inconclusão, repito, faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são as jabuticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me “saúda” contente no começo das manhãs. (*Pedagogia da autonomia*, pp. 61 e 62).

Concluindo minhas palavras sobre as palavras e atitudes de vocês todos e todas, reunidos para pensar e refletir sobre os problemas brasileiros e em torno das qualidades e virtudes de Paulo Freire, que influenciaram o seu pensamento, sobre sua teoria nascida de sua recifencidade, de suas experiências na cidade onde cresceu e constituiu o seu Ser-Mais, que sempre procurando a razão de ser das coisas, dos eventos e dos fenômenos elegeu a conscientização e o trabalho em união como fazedores de ações culturais para a libertação.

Noite fria de julho de 2021

Ano dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire

Nita Freire (Ana Maria Freire)

Referências

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Gracias até os Severinos*. 3.ed. São Paulo: INEP-Cortez, 2001.

_____. *Nita e Paulo – crônicas de amor*. Prefácio de Marta Suplicy. São Paulo: Olho D'Água, 1998.

_____. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2ª. edição. Prêmio JABUTI 2007. Categoria Biografia, 2º. Lugar. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. e Freire, Paulo. *Nós dois*. Prefácio de Marta Suplicy; Posfácio de Mario Sergio Cortella e Epílogo de Alípio Casali. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. (Org.) *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. 2ª. edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. Recife, 1959. Tese (Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação) – Escola de Belas Artes de Pernambuco.

_____ *Educação como prática da liberdade*. 47ª edição. Introd. de Francisco Weffort. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____ *Pedagogia do oprimido*. 70ª edição. Prefácio de Ernani Maria Fiori. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____ *Extensão ou comunicação?* 15ª edição, Prefácio de Jacques Chanchol. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 5ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ *Educação e mudança*. 42ª. edição Prefácio de Moacir Gadotti. Tradução de Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____ *Conscientização: teoria e prática da libertação*. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Apresentação de Cecílio de Lora, SM. Prólogo da Equipe INODEP. São Paulo: Moraes, 1980.

_____ *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. Prefácio de Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1982.

_____ *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 27ª. edição. Notas de Ana Maria Araújo Freire e Prefácio de Leonardo Boff. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____ *Política e educação*. 5ª. edição. Notas e Orelha de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Venício A. de Lima. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

_____ *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 30ª.edição. Prefácio de Jefferson Ildefonso da Silva. Organização e Orelha de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

_____ *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 3ª. edição. Prefácio de Adriano S. Nogueira. Organização e Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

_____ *À sombra desta mangueira*. 12ª. edição. Prefácio de Ladislau Dowbor. Organização e Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____ *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 66ª.edição. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. Orelha de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____ *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. 3ª. edição. Organização e Participação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-Prefácio de Balduino A. Andreola. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____ *Pedagogia dos sonhos possíveis*. 3ª. edição. Organização, Apresentação e Notas de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Ana Lúcia Souza de Freitas. Posfácio de Olgair Gomes Garcia. Orelha Carlos Nuñez Hurtado. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

_____ *Pedagogia da tolerância* 7ª. edição. Prêmio Jabuti 2006 – Categoria Educação, 2o lugar concedido a Paulo Freire e Ana Maria Araújo Freire. Participação, Organização e Notas de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Lisete R. G. Arelaro. Orelha Luiz Oswaldo Sant’Iago Moreira de Souza. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

_____ *Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular*. Prefácio de Pedro Pontual. Organização e Notas de Ana Maria Araújo Freire; Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra/, 2018.

_____ *Direitos humanos e educação libertadora: Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. 2ª. edição. Organização e Notas de Ana Maria Araújo Freire e Erasto Fortes Mendonça. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____ e Faundez, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 7ª. edição revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ e Shor, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*; 13ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ e Guimarães, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. 2ª São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ e outros. Arlete D'`Antola (org) *Disciplina na Escola: Autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989.

_____ e Macedo, Donald. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 6ª. edição. Prefácio de Ann E. Berthoff, Introdução de Henry A. Giroux. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____ e Guimarães, Sérgio. *Dialogando com a própria história*. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Orelha de Marcos Reigota. São Paulo: Paz e Terra, 2011³.

_____ e Horton, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Tradução de Vera Lúcia Mello Josceline. Prefácio e Notas de Ana Maria Araújo Freire. Petrópolis: Vozes, 2002.

² Este livro vinha sendo publicado como *Aprendendo com a própria história*, volume I, desde o ano de 1987.

³ Este livro vinha sendo publicado como *Aprendendo com a própria história*, volume II, desde o ano de 2002.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

_____ Freire, Nita e Oliveira, Walter Ferreira de.
Pedagogia da solidariedade. 1ª. edição. Prefácio de Henri A.
Giroux, Posfácio de Donaldo Macedo, Rio de Janeiro: Paz e
Terra, 2014.

Atualizada em 2 de janeiro de 2021.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

APRESENTAÇÃO

PAULO FREIRE, O EDUCADOR DO MUNDO

André Gustavo Ferreira da Silva
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

O advento da pandemia e o contexto político que se delineava repressor com características neofascistas, no início do ano de 2020, nos levaram a repensar e reelaborar ações e estratégias de formação popular. Além desses elementos, a imediata e aligeirada incorporação da tecnologia digital nas práticas de ensino com a imposição das atividades remotas se descortinou como um grande desafio a ser encarado. Sem perder de vista que essas tecnologias não foram pensadas para se constituir enquanto experiência e espaço de formação popular e emancipadora.

Daí, ocupar o latifúndio da tecnologia digital de ensino e transformá-lo em campo de educação libertadora é a nossa mais recente luta!

No caminhar dessa ocupação, o Centro de Formação Paulo Freire (MST-PE) e o Centro Paulo Freire (UFPE) se unem para enfrentar mais essa tarefa. Parceria que já havia realizado ações como, em 2015, o curso “Pré-Pós” (preparação visando mestrado acadêmico para egressos da Especialização em Educação no Campo) e, em 2017, o curso “Aspectos do legado teórico e político de Paulo Freire” (formação sobre o pensamento e a obra de Paulo Freire), todos ocorrendo no Assentamento Normandia, Caruaru-PE, sede do Centro de Formação Paulo Freire.

Inicialmente, se formatou o curso “Paulo Freire - Educação como ato político”⁴. Esta primeira iniciativa teve cinco aulas online, onde a aula inaugural transmitida em 07 de julho de 2020, para grande surpresa nossa, contava já nos seus primeiros momentos com mais de um milhão de visualizações. Atualmente (21/07/21) essas aulas somam uma média de mais de 3.000 visualizações.

Contudo, apesar da grande aceitação pela comunidade virtual, as avaliações e discussões na Coordenação Pedagógica (CPP), composta por representantes de ambos os Centros, particularmente as considerações feitas pela Profa. Fernanda Alencar, apontavam a contradição entre ofertar uma ação que se pretendia formadora de consciência crítica segundo a ótica de Paulo Freire com a realidade bancária da aula exposta via o YouTube, na qual a participação das pessoas educandas se dá apenas via a formulação de perguntas no chat, sendo que muitas delas não podem ser lidas dada à limitação do tempo. Assim, o formato condenava a imensa maioria das pessoas educandas à mera condição de ouvinte passivo.

Neste contexto problemático é que sugerimos a adaptação da sistemática de Círculos de Cultura para o outro módulo que se estava formulando, visando a mobilização dos cursistas no sentido de praticarem algum momento de reflexão decorrendo na produção textual.

Os obstáculos técnicos à viabilização da criação de grupos online foram superados pela utilização da tecnologia disponível e acessível à grande parte dos nossos cursistas: email’s e mídias sociais gratuitos.

⁴Ver Canal do Centro de Formação Paulo Freire no YouTube. (<https://www.youtube.com/watch?v=eITf0jGQnRY&t=607s>)

Destarte, também oriundo dos debates na CPP e em consonância com a pretensão de estimular uma prática de reflexão sistematizada se estabeleceu a ideia de chamar os participantes dos Círculos de Cultura à produção de Cartas Pedagógicas.

Essas epístolas de esperança foram compostas em diversos gêneros estilo contemplando a diversidade estética e cultural que atravessa o povo brasileiro. Assim, temos cartas, composições visuais, dissertações, ensaios e poesias.

As referidas cartas foram elaboradas desde as palestras ministradas e os conhecimentos e saberes circulantes nos grupos formados para os Círculos de Cultura.

As aulas se desenvolveram acerca do seguinte universo:

A **aula 1**, intitulada “Paulo Freire e a educação libertadora no chão da escola”, foi proposta pelo Prof. Carlos Rodrigues Brandão, da UNICAMP, que dividiu a sua exposição em dois momentos: uma conversa sobre “a pessoa de Paulo Freire” e uma reflexão acerca das ideias do educador. Lembrou que Paulo era um homem apaixonado pela palavra, pela construção da leitura do mundo. Apresentou as origens do pensamento freireano, forjado numa vida profundamente sintonizada com os anseios do povo, partindo da gênese da Pedagogia do Oprimido e discorrendo sobre as suas outras obras basilares. Ofereceu, também, uma interessante reflexão acerca da ideia de Educação Popular e expôs o seu ponto de vista sobre a questão do “método Paulo Freire”. Na visão do Prof. Brandão, o conhecido método teve origem não exclusiva e solitariamente da mente brilhante de Freire, que gostava de chamar a si próprio como “o menino conectivo”, pois tudo o que fez e produziu na vida, foi em equipes, dentro de equipes. “Paulo era um grande escutador. Ele gostava de falar, falava bastante. Mas se pudesse, ele só escutava. Ele primeiro

escutava. E escutava muito”. O método Paulo Freire nasceu dessa escuta do mundo, da realidade, com outros, de forma coletiva.

A **aula 2** teve como tema a “Metodologia dos Círculos de Cultura: o diálogo como experiência formativa”, que foi abordado pelos professores Agostinho Rosas (do Centro Paulo Freire e da UPE) e André Ferreira (do Centro Paulo Freire e da UFPE). O Prof. Agostinho apresentou as bases teóricas da experiência dos Círculos de Cultura. Segundo ele, os Círculos são um espaço democrático, dialético, de comunicação aprendente. É uma sala de aula em que as pessoas têm a oportunidade de construir conhecimento juntas, numa escuta autêntica, verdadeira, que antecede a própria pronúncia da palavra. Freire falava que a educação se faz no coletivo, que é constituído pelas singularidades, pessoas que interagem entre si como sujeitos de conhecimento, históricos, e por isso mesmo, que fazem cultura e não apenas a reproduzem. Trata-se de uma experiência epistêmica, crítica, não reprodutora de outras ações, mas criativa, inventiva, de uma análise consistente marcada pelo conhecimento, pela reflexão. No segundo momento da aula, o Prof. André Ferreira propôs uma reflexão acerca de como os Círculos de Cultura podem ser ressignificados no contexto atual das atividades educativas por meio das plataformas digitais, que deverão centrar-se em torno da presença-compromisso, seja na realidade material dos corpos presentes fisicamente, seja nos encontros virtuais.

A **aula 3**, intitulada “Freire, uma Biografia: Igualdade, Amor e Errância”, esteve sob a responsabilidade do Prof. Luiz Augusto Passos, da UFMT, que começou aludindo a um poema de Freire declamado no início da aula. Ele enfatizou que o texto freireano sempre é assim, puxado em duas temporalidades: do

passado (ele, menino) e do presente (ele, adulto, judiado na época da prisão, quando escreveu o poema). Para abordar o tema da palestra, Passos utilizou uma linguagem afetuosa, cheia de amorosidade, lembrando que Freire escreve com todo o sabor daquilo que foi a luta, com muita dignidade, com a responsabilidade de dizer exatamente o que ele pensava, o que ele sentia. Destacou a importância da corporeidade na concepção freireana, lembrando que em *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia do Oprimido*, o educador fala da biografia como o fenômeno humano de escrever-se a si mesmo. Por isso, aprender a ler e a escrever para poder também se dizer, para que a palavra ajude o sujeito a se dizer, se comunicar ao mundo. O professor fez uma reflexão sobre a necessidade de afirmar a diferença, a diversidade, e asseverou que “a diferença talvez seja a única coisa que o sistema não tolera”. Nesse sentido, concluiu o professor, o momento que vivemos é para ver em Paulo Freire um homem de uma singularidade marcante até o fim: o intelectual que não tinha medo de ser amoroso, que amava o mundo, as pessoas, os oprimidos, afirmando que a justiça social deve vir antes da caridade.

A **aula 4**, ministrada pelo Prof. Adelar Pizetta, da UFES e do MST, teve como tema “A Conscientização do Ser-mais: Inédito-Viável”. O professor apresentou algumas reflexões sobre a formação da consciência, a conscientização como processo permanente, e a necessidade de passar da conscientização à ação, considerando que apenas desvelar a realidade não é transformá-la. Em seguida, propôs uma reflexão sobre a categoria do Inédito-Viável, lembrando que, segundo Freire, para os que pensam no futuro como criação, na história como possibilidade, esse inédito torna-se uma práxis real, pois implica no processo de compreensão da realidade e de luta para a sua

transformação, enfrentando as situações-limite que se apresentam, diante das quais as pessoas podem ter duas atitudes: cruzarem os braços, numa atitude pessimista e fatalista, desistindo da luta porque é difícil; ou fortalecer a sua determinação à luta, num movimento social e político que acredite nessas possibilidades. É esta a opção que uma educação libertadora mobiliza diante das situações-limites que o Inédito-Viável nos apresenta.

A **aula 5**, intitulada “Paulo Freire e a Mística”, foi coordenada pelo professor e monge Marcelo Barros. Esse teceu uma reflexão sobre o pensamento freireano dialogando com o tema da mística, tomando como ponto de partida a obra “Educação como prática da liberdade”. Barros abordou a visão antropológica do homem, sobretudo, a dimensão de relação do homem consigo, com o mundo, com os outros e com algo que faz este ir além, a autotranscendência a qual se revela na direção de um amor, ou para os que creem, de Deus. A transcendência está na potência do inacabamento humano, movimento humano aventureiro, ou seja, na abertura, fazendo com o que as pessoas sejam, através da busca constante de transformar a si e as realidades do mundo. Assim, o monge afirma que a mística já se encontra nas pessoas e só precisa brotar e ser tratada pela força de querer viver plenamente, principalmente, no fortalecimento da coletividade em prol da natureza e uma sociedade mais humana. Dessa forma, a mística passa a ser compreendida como uma experiência íntima que, aquecendo o interior das pessoas, as impulsiona à comunhão na vida, possibilitando a luta social individual e coletiva, vislumbrando uma transformação social. Por fim, Barros afirma que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um exemplo de movimento que vive a mística, nos demonstrando que essa já se encontra em nós e que precisamos desenvolvê-la.

A **aula de encerramento** teve como tema “A Importância de Paulo Freire para a Educação da América Latina”. Contou com as presenças e contribuições da Profa. Ines Mouján e do Prof. Oscar Jara. Antes disso, contamos com a participação de dez coordenadores(as) dos Círculos de Cultura que fizeram falas avaliando as experiências vivenciadas. A Profa. Ines Mouján, da Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina, destacou em sua conferência o alcance das ideias de Paulo Freire para o pensamento latino-americano, apresentando uma perspectiva dialógica entre a obra do educador pernambucano e a produção do filósofo Frantz Fanon em torno dos estudos decoloniais. Segundo a professora, as narrativas de Freire e Fanon a levaram a suspeitar da perspectiva colonial e de suas práticas, permitindo questionar os silêncios de nossas histórias. Por esta razão, acredita que as obras de Fannon e Freire são leituras obrigatórias para pensar a contemporaneidade e o trabalho pedagógico, ajudando na interrupção dos discursos e das práticas hegemônicas que organizam cotidianamente as agendas políticas de nossas academias, de nossos territórios, de nossas escolas e, também de nossas vidas. O Prof. Oscar Jara, presidente do Conselho de Educação Popular na América Latina e Caribe, discorreu sobre a importância da vida e da obra de Paulo Freire para o mundo. Começou elogiando a iniciativa da realização do Curso e manifestando a profunda admiração que sente pelo MST e sua contribuição não só para o Brasil como para a América Latina. A sua exposição teve um caráter testemunhal, partilhando a convivência com Paulo Freire desde sua juventude, quando o encontrou pela primeira vez na Nicarágua, no início dos anos 1980. Afirmou que a força da perspectiva freireana da educação está em acompanhar os processos, fazer as coisas em conjunto, coletivamente, através da escuta, do diálogo e da problematização da realidade. Disse

que se sentiu contemplado quando soube do tema do Curso – “Paulo Freire, o Educador do mundo”. Concluiu, enfaticamente, afirmando: “Freire nos inspira a recriar, a reinventar nossas abordagens, nossos pensamentos, nossas formas de fazer educação, como a Educação Popular, crítica, criativa, questionadora, transformadora”.

As Cartas Pedagógicas aqui reunidas são a expressão de um modo de apropriação da tecnologia digital a favor da educação popular. Seu conteúdo manifesta esperanças, engajamentos, saberes e compromisso com a prática de uma educação libertadora que, na atualidade, se vê desafiada a uma dimensão do real inimaginável para as educadoras e educadores contemporâneos às primeiras experiências dos Círculos de Cultura: a virtual realidade da educação remota.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

CARTAS

São Paulo, 23 de outubro de 2020.

Eterno e querido Mestre Paulo Freire!!!

Quase um centenário de sua existência! São 99 anos que você, nosso eterno e amoroso mestre invadiu várias vidas. E acho que você sabe, mas já estamos comemorando seu centenário desde já. E, como não poderia deixar de ser, estamos comemorando com reflexões e lutas. Mas sua presença física nos faz muita falta. Ainda bem que você materializou sua posição nas diversas dimensões - política, social, educacional, cultural...! Serei eternamente grata por suas contribuições. Tento continuamente fazê-las presentes em minhas falas e fazeres. Mas como é difícil! Você anunciou e denunciou...

Você vem me ensinando desde quando te conheci! Eu estava participando no grupo de Jovens de uma Comunidade Eclesial de Bases no Jardim Helena, bairro periférico da cidade de São Paulo. Mas foi no Magistério que me senti mais próxima de você. E até hoje continuo aprendendo com você! Ainda falta muito!

Você disse das situações concretas de opressão, da sectarização como obstáculo à emancipação dos homens e mulheres, da violência do dominador, da domesticação, daqueles que roubam a palavra dos pobres e oprimidos, dos opressores que impedem violentando e proibindo que outras pessoas sejam mais.

Lembro também, que você me alertou da ânsia daqueles que detêm o poder, pela posse de tudo, que deveríamos enfrentá-los porque eles têm uma consciência fortemente possessiva do mundo, dos homens e das mulheres. Buscam transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio, de seu comando, querem comprar as pessoas e seu grande objetivo são o lucro e o poder.

Ah... você também me ensinou que o opressor-dominador busca a divisão para manter a opressão, para enfraquecer o oprimido, seus métodos e processos escondem a dimensão da totalidade para intensificar a alienação. Que a manipulação é um mecanismo poderoso para conformar e alienar a população, para que ele, opressor, possa manter o poder.

Fico encantada com a sua sabedoria, como você conseguiu trazer de maneira tão brilhante e profunda tantas concepções, conceitos fundamentais, provocações e verdades? Realmente você tem um jeito muito singular, repleto de suas vivências e experiências pessoais e coletivas. Muitas questões que você problematizou desde a década de 60/70 continuam se repetindo nesse momento no Brasil. E acontecem com tanta intensidade e rapidez que me causam dor, tristeza, angústia, indignação. Está quase insuportável, é a barbárie instalada com diferentes formas e roupagens.

Vou citar apenas algumas situações, impossível lembrar de todas! Morte de aproximadamente 160.000 pessoas pela COVID-19; extermínio da população indígena, assassinatos cotidianamente de jovens negros nas periferias das cidades, é o racismo escancarado; destruição da floresta amazônica, por interesses que você bem sabe; pantanal em chamas; volta da fome nas comunidades mais vulneráveis, das famílias mais pobres no Brasil; altos índices de desemprego; privilégios para o agronegócio e ausência do financiamento da agricultura familiar; a manipulação da mídia conservadora; fake News; violência doméstica, feminicídio, discriminação com a população LGBT; descaso com a educação e pesquisa....

São situações-limites, não são? Mas como você me alertou diante das situações-limites ou as percebemos como obstáculos que não podemos enfrentar ou como algo que

precisa ser rompido e temos que lutar para superar. Compreendo que lutar é imprescindível.

E você auxilia na luta! Você já me disse que para libertar-se do que nos aprisiona e da força de uma realidade domesticadora é preciso a práxis, que exige o movimento de ação e reflexão, uma relação dialética subjetividade-objetividade. Como você mesmo define *“a práxis, porém, é reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.”* Você também anunciou a educação como prática da liberdade, que uma educação problematizadora é uma futuridade revolucionária da luta dos homens e mulheres por sua emancipação, dignidade, por sua liberdade. Que o diálogo funda a colaboração. Sim, o diálogo nos transforma, me transforma na relação com o outro, produz um novo conhecimento do mundo e do meu eu.

Você anunciou que os sujeitos, homens e mulheres precisam se conscientizar que a sua vocação é ser mais, a quem cabe conquistar o mundo, lutar pela liberdade e pela humanização.

É, Paulo Freire... diante do que você me ensinou, sei que é meu dever refutar, repudiar o que está ocorrendo no Brasil. A relação de opressão, de dominação chegou a uma situação-limite. É necessário denunciar o genocídio, o fascismo, a tentativa da homogeneização, da aniquilação das diferenças, o processo de desumanização. Temos que trabalhar para que a população, principalmente oprimida, se conscientize da situação do Brasil para poder se libertar.

Sei que o meu dever enquanto cidadã que busca a liberdade, a justiça e a equidade social é lutar... E lutar com amorosidade. Como você mesmo diz amor *“é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de*

amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação."

Então, resolvi lhe dizer que aprendi com você questões importantes, mas que preciso aprender mais. Não conseguia dormir, precisava dizer a palavra. "Que a palavra não seja algemada", não é mesmo? Não quero ser prisioneira de mim mesma! "Eu temia a liberdade. Já não a temo!" Agora, clamo pela liberdade, de mim, das pessoas, do Brasil e do Mundo.

Enfim, continuamos na luta. Voltarei a escrever para que o entusiasmo tome conta de mim, do meu corpo e da minha alma. Quero continuar a sonhar, quero buscar insistentemente a utopia. Esperançar por um mundo melhor me move. Até mais, vamos dialogando...

Vera Maria de Souza

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2020.

Caro Paulo Freire,

Não trago boas notícias nessa missiva, já se passaram 4 anos, desde do Golpe de Estado que retirou uma presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff, filiada ao mesmo partido que você ajudou a solidificar politicamente. O seu partido PT, governou o Brasil de 2003 até 2016, com erros e acertos que fizeram, sem dúvida, nos vimos com orgulho de ser brasileiras e brasileiros. A partir de 2016, as trevas foram se alastrando no solo desse país, a desigualdade social surge novamente, a economia e a política passa a ser um emaranhado de “gatos e lagartos”. O ultraneoliberalismo se finda – congelaram o orçamento por 20 anos para Educação/Saúde e Saneamento Básico, recessão à vista. Criaram, também, uma tal de “lava-jato”, que na verdade era para desmontar a economia nacional, principalmente, a Petrobras, e no campo político, contribuiu para o surgimento de uma extrema-direita-ultraneoliberal que estava bem “escondidinha” no tecido social. Tivemos até uma República Curitibana!!! Abriam as porteiras recheadas de racistas, homofóbicos, transfóbicos, sexistas, “senhores e sinhazinhas escravocratas”, perversos, terraplanistas e um “combo” de seres umbralinos que saíram de suas tocas e ganham espaços nas redes sociais, jornais, etc. Ah, não pense que esqueceram de você, meu querido Paulo!! Você foi figura central nesse debate promovido pela extrema-direita-ultraneoliberal. Veja o que estava escrito nesse cartaz: *“Chega de doutrinação marxista, abaixo Paulo Freire”*. Cá entre nós, Marx explica muita coisa para nós, né não? Não basta interpretar, temos que transformar a realidade!!!

É isso, o país ficou e está num trem sem trilhos para um debate saudável. Sabe aquela palavra que você me ensinou - dialogicidade, que até hoje ainda cultuo, foi para o brejo. O

recorrente debate político “saudável” de oposição ou diferenças de ideias, ficou nas trincheiras da insanidade, o que prevaleceu foi o antagonismo dos discursos feitos por essa gente tosca, “*careta e covarde*”, que foi se proliferando no cenário político nacional, e até mesmo dentro de nossas casas. Esses antagonistas primam pelo sectarismo, não possibilitam o diálogo, reprimem, destroem e matam; eles não têm ética e nem limites para silenciar o outro discurso, só oprimem. Estamos numa luta constante, vigiando esses “cabras”!! O ano de 2018, foi o ápice dessa polaridade, foi eleito por um conglomerado de gospel-miliciano-ultraneoliberal, o Coiso, o Inominável, o Coisa Ruim e todos os nomes inimagináveis para um ser das trevas. Esse Cabra, além de inúmeras atrocidades em quase todos os campos das políticas públicas, em 16 de dezembro de 2019, desmontou a Tv Escola, por estar a serviço da esquerda, e que fazia um “doutrinação marxista”, além de sempre se referir a você como um “energúmeno”. Para mim você é igual a pão, quanto mais sovado, melhor fica!!! Tanto que defendi minha tese de doutorado em 17 de março de 2020, onde o meu recheio predileto foram suas escritas, e com elas dialoguei muito, de cabo a rabo. Ainda continuo com péssimas notícias. É óbvio que não posso comparar seu exílio forçado do Brasil por longos anos, com o que tenho passado nesse ano de 2020, estou isolada desde 15 de março, são sete meses dentro de casa, só fui visitar mamãe duas vezes, longe de irmã, irmãos, sobrinhos, amigos e amores. Estou saindo de casa somente para fazer compras de comida e remédios. Acredito que seja semelhante sensação que você teve em seu exílio forçado fora do Brasil, mas me sinto como se estivesse exilada dentro de minha casa. Tenho passado por momentos de medo, de tensão e de angústia no meu cotidiano, e vendo um futuro incerto. Acho que isso tudo deve ter rondado o seu ser e, que agora, me ronda. Pois é, estamos diante de

uma pandemia provocada por um vírus que é avassalador e pouco conhecido, o Covid-19. É um vírus que antes os cientistas pensavam ser democrático, ledão engano, ele é seletivo e tem um direcionamento no tecido social, e, está se proliferando rapidamente no meio das classes populares, dos favelados, dos moradores de rua, dos “esfarrapados”, dos “condenados da terra”. O vírus aponta para uma população e os dados são alarmantes; na prefeitura da cidade de São Paulo, onde você foi Secretário de Educação (1989-1991), na gestão da Luiza Erundina; em 30 de abril de 2020, uma pesquisa aferiu que o risco de morte de negros por Covid-19 é 62% maior em relação aos brancos. São tempos de experimentar o novo, mas esse novo tem a cara de velho, estou *“vendo o futuro repetir o passado”*, vamos considerar que o capitalismo se molda e se remolda em cada tempo-espaço como que lhe convém, e provoca o que Ele mais sabe fazer: a exclusão e a violência. Sei de seu apreço pelas novas tecnologias, você mesmo incentivou para que nós docentes que tivéssemos formação e acesso a elas. Porém, me vi tendo que trabalhar de casa de frente a um computador, as chamadas de aulas remotas, aulas emergenciais remotas. Te confesso, a minha docência está ferida e eticamente aviltada, sabe por quê? O acesso das/dos discentes a essas aulas por dispositivo remoto (computador ou telefone celular) tem sido inexistente. Aqui no Estado do Rio de Janeiro já sabemos que somente 32% acessou essas aulas remotas, numa rede com quase 800 mil alunas e alunos, ou seja, 68% ficou sem aula; no meu caso, tenho turmas com 29 a 34 alunxs, e, somente de 0 a 6 acessam e fazem as atividades. Aqui no Rio de Janeiro, o “secretino” disse que iria comprar chips para os celulares dos alunxs, nada aconteceu. Hoje esse cabra, o “Pedro Fernandes” ocupa uma sela num presídio em Bangu (complexo penitenciário do Rio de Janeiro). Preso por roubo!!!!!! Meu fazer docente é presencial, preciso do tumulto,

da brandura, dos sorrisos, das discussões, dos barulhos dentro da sala de aula, a constante “dodiscência”.

O meu campo de insurgências é a Escola. Para não pirar, sozinha em casa, falo e vejo as minhas preciosidades todos os dias, a minha filha e neta: Laís Adelita e Lola Maria. Como sabe muito de mim, também, comendo, escrevendo, estudando, limpando, cantando e dançando, rs. Somos parecidos, mesmo diante desse caos pandêmico, não esmoreço. Você me ensinou a Esperançar, e fiz dele o verbo da minha existência. Acredito que a construção dessa minha estranha amorosidade pelos seres humanos é antes de tudo, constituída pela transgressão para/das pluralidades; é o lema do meu fazer docente, por certo, é de uma amorosidade pedagógica do diálogo, pela ação política de fomentar a conscientização crítica da realidade cotidiana, no meu espaço de luta, a sala de aula. A curiosidade epistêmica ainda está presente em mim e tento passar para aquelas e aqueles que ne cercam, possibilitando, assim, me constituindo e construindo seres mais humanos. Sim, resisto na Utopia da Esperança de um Outro Mundo Possível. A incompletude de uma existência que está numa gangorra das emoções, se faz presente nessa escrita: medo, raiva, angústia, desprezo, saudades e esperança... sem esse esperançar, sem a consciência reflexiva, crítica, transformadora nada poderia eu dizer a você, meu caro amigo. Não poderemos esmorecer nunca e continuaremos a lutar para a superação das injustiças desumanizantes que afloram nesse terreirão, chamado Brasil.

Abraços Fortes e Fraternos, da sua Lili.

(Eliane Almeida de Souza e Cruz)

Petrópolis, 21 de novembro de 2020.

Caras (os) companheiras (os) do curso Paulo Freire,

Primeiramente gostaria de dizer que estou com saudades desse encontro que fazemos... No último círculo de cultura não pude estar presente por motivos de trabalho, e espero que possamos estar juntas nesse próximo. Essa aula ministrada pelo professor Marcelo Barros foi incrível, de uma sensibilidade tocante, que não poderia deixar de ser discutida posteriormente. São palavras que precisam ser divulgadas, levadas a quem passar nas nossas vidas, refletidas interiormente e transformadas em atos, em prática. Quantas possibilidades há na mística!

Segundo o professor, a **mística é a vida que ultrapassa o sentido material, é a causa que defendemos, é o ALGO MAIS**. Pensando a respeito do livro 'Educação como prática de liberdade' de nosso querido Freire e trazendo alguns trechos a respeito Barros apresenta alguns valores importantes que completam esses sentidos da mística:

- O ser humano é um ser de relações, ele não está somente no mundo, ele está **com** o mundo
- O ser humano é capaz de transcender, de ir além – em meio a diversidade, criticidade
- O ser humano é ser **carente, é inacabado**. Ele precisa das crenças, do crer em algo, que pode ser chamado de Deus, como pode denominado **amor**

E pensando sobre essa ótica, sobre essa crença, essa necessidade a qual nos ligamos, que dá sentido à nossa vida estamos falando da **MÍSTICA. Esse ir além de nós mesmos – Do EU para o NÓS – autotranscendência**. Também achei muito bonito quando o professor deu o exemplo do MST como movimento que transcende a individualidade. O que vocês pensaram sobre isso?

Mais adiante, ele cita as palavras de Dom Helder Câmara e as três sedes do ser humano: 1- sede de dar mais sentido ao que se vive; 2- sede de colocar mais amor no mundo, de ter a capacidade solidária de amar, de superar o egoísmo, o orgulho, de modificar a nós mesmos em nossos defeitos e 3- sede de mudar o mundo. Penso que é muito interessante esse percurso visto que, essa sabedoria não é adquirida de um momento a outro, ela leva tempo e autotransformação. Primeiro o ser reflete os sentidos da vida, de suas crenças. Dessa forma, reflete sobre si mesmo e suas possibilidades como ser único, com características construídas, influenciadas, diferenciais, e o que precisa modificar para amar mais. E assim, reflete na diferença que pode fazer no mundo, nesse caminhar que vai além.

Ao longo das perguntas, outras palavras são relacionadas à mística. Na vida, ela seria o sabor, o tempero que dá gosto, são os motivos que nos levam a transcender, ligada aos sentimentos e não somente à razão. A mística seria essa conexão entre sentimentos, razão e operação, não num mero sentido ativista, em emoções descontroladas ou numa razão que esquece do coração, mas num misto que equilibra o ser. Seria ligada à espiritualidade, ao autoconhecimento.

Algo que achei essencial na fala do professor foi quando ele destacou que Paulo Freire é um homem que pensou à sua época, nas relações entre oprimidos e opressores, muito mais relacionadas às classes sociais e estados econômicos. Pensar Paulo Freire HOJE é **transcender nacionalismos, os oprimidos são outros na sociedade contemporânea**. Não são mais somente relacionados às classes sociais, ao campo, são questões relacionadas a diversidade. Trago ao grupo: como pensar Paulo Freire hoje? Quais questões podemos levantar em nosso círculo?

Nesse final, Barros nos faz questionamentos

interessantes, como por exemplo apontar a importância da dúvida. Trago para o nosso grupo algumas das perguntas e reflexões: se possuímos o anjo e o diabo dentro de nós, quem irá vencer? – **Vencerá aquele que alimentarmos.** Qual o melhor método para guiarmos nossas vidas? **Não há um único certo, mas a REFLEXÃO DIÁRIA** pode nos auxiliar nesse caminho – estamos conciliando o diálogo com a prática? Qual semente vamos regar ao longo da vida, o que deixaremos brotar de dentro de nós?

Outra pérola que não poderia deixar de trazer antes de finalizar meus escritos é que **momentos difíceis virão, para todos nós, então acumulemos reservas nos momentos de leveza, para que consigamos superar a aridez.** Esses círculos, essas conversas, esse curso, são as reservas, e que consigamos superar os obstáculos da vida carregando conosco essas palavras e reflexões que não nos permitiremos sucumbir ao deserto.

Palavras-chaves: Autoconhecimento,

Transcendência, Ir Além

Nos vemos em breve queridas! Um grande beijo no coração,

Ana Clara

(Escritos e impressões elaborados a partir da 5ª aula: **Paulo Freire e a Mística** – ministrada pelo professor Marcelo Barros – 17.11.2020)

Recife, 22 de novembro de 2020

Caro Paulo Freire, cá estamos, prestes a nos despedir dessa etapa e já cheia de saudade!

Chegamos à última aula do nosso curso e tivemos, para finalizar, um brinde com nada menos que o monge Marcelo Barros para falar sobre a mística! Iluminados esses nossos organizadores, não acha?

Não pude evitar aquele movimento que sempre acontece quando estamos prestes a concluir uma etapa – temos esse hábito de parar, olhar pra trás, refletir sobre o caminho pra chegar até aqui e seguir em frente!

Na palestra o monge inicia discorrendo sobre a mística, como sendo aquilo que nos dá sentido, aquilo que transcende, aquilo que nos eleva do eu para o nós! Um nós amplo, um nós humano, um nós natureza, um nós planeta, um nós universo!

Citando Dom Hélder ele falou sobre dar um sentido transcendental à nossa vida, crescer na capacidade de amar, referindo-se ao cuidado mútuo e, por fim, à busca pela construção de um mundo mais justo e melhor para todos. Falou da mística enquanto espiritualidade, não no sentido religioso, mas como a busca do ser humano em descobrir e conviver com aquilo que há de melhor em si mesmo.

Na sua boniteza, recordou também o Dalai-lama que diz que todo ser humano tem em si a semente da solidariedade e compaixão e que o importante é regar e cuidar da semente que vai brotar.

Diante de tempos tão difíceis, com tanta truculência e violência, confesso que me encanto com as palavras e a pureza daqueles que acreditam que há sim, em todo ser humano, essa semente. Na minha limitação de fé na humanidade, confesso que me pego pensando em quantas e quantas pessoas

parecem só trazer em sua essência, sementes de urtiga brava a outras ervas daninhas. Perdão! Vamos parar com a maledicência! Disso o mundo já está cheio, não devo ser eu, num espaço como esse, a divagar por tais caminhos espinhosos.

Basta saber que existem, para que possamos tratar de evitá-los e não permitir que tomem conta do nosso jardim e do nosso pomar.

Bem, voltando à mística, querido Paulo, penso na grandiosidade que você representa, uma vez que a “simples” pronúncia do seu nome, nos incita a buscar mais, a coletivizar, a construir e reconstruir, sempre! A esperar, no sentido mais real da palavra. Penso também nas iniciativas e trabalhos que tivemos oportunidade de construir e conhecer durante essa pequena jornada. Quanta gente espalhada nesse nosso “Brasilzão”, fazendo seu trabalho de formiguinha, lutando, acreditando, caindo e levantando! Aquela máxima que está cada dia mais válida: “Ninguém solta a mão de ninguém!”

Desse modo sigo confiante. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas nesse ano de 2020, quando o mundo virou de cabeça pra baixo, penso na oportunidade que tivemos de deixar cada vez mais evidente que “nós, a humanidade, entortamos o mundo” e que agora, tornou se cada vez mais evidente e gritante, a necessidade de mudar e melhorar esse mundo.

A mística hoje é pela coletividade, pelo fortalecimento da luta contra as desigualdades e injustiças sociais, contra as mazelas de gênero, raça, nacionalidade... Pela necessidade de reatar as relações com a mãe terra para que ela possa continuar a nos acolher em seu ventre. É a consciência cada vez maior de que não se faz isso sozinho, mas através da organização coletiva.

Despeço-me desse ciclo, agradecendo a todos que contribuíram, participaram, compartilharam suas vidas, suas experiências, seus anseios, seus medos, suas esperanças e que me fizeram compreender que todos esses sentimentos que pareciam “meus” são na realidade “nossos”.

Parabenizo o MST, o Centro de Formação Paulo Freire, a UFPE e, em especial a Alessandra, nossa coordenadora dos Círculos de Cultura, que de forma amorosa e solidária, nos auxiliou nessa caminhada.

Gratidão a todas e todos!

Ângela Barrêto

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2021.

Caro Paulo Freire

Não trago boas notícias nessa missiva, já se passaram 4 anos, desde do Golpe de Estado que retirou uma presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff, filiada ao mesmo partido que você ajudou a solidificar politicamente. O seu partido PT, governou o Brasil de 2003 até 2016, com erros e acertos que fizeram, sem dúvida, nos vimos com orgulho de ser brasileiras e brasileiros. A partir de 2016, as trevas foram se alastrando no solo desse país, a desigualdade social surge novamente, a economia e a política passa a ser um emaranhado de “gatos e lagartos”. O ultraneoliberalismo se finda – congelou o orçamento por 20 anos para Educação/Saúde e Saneamento Básico, recessão à vista. Criaram, também, uma tal de “lava-jato”, que na verdade era para desmontar a economia nacional, principalmente, a Petrobras, e no campo político, contribuiu para o surgimento de uma extrema-direita-ultraneoliberal que estava bem “escondidinha” no tecido social. Tivemos até uma República Curitiba!!! Abriram as porteiras recheadas de racistas, homofóbicos, transfóbicos, sexistas, “senhores e sinhazinhas escravocratas”, perversos, terraplanistas e um “combo” de seres umbralinos que saíram de suas tocas e ganham espaços nas redes sociais, jornais, etc. Ah, não pense que esqueceram de você, meu querido Paulo!! Você foi figura central nesse debate promovido pela extrema-direita-ultraneoliberal. Veja o que estava escrito nesse cartaz: “Chega de doutrinação marxista, abaixo Paulo Freire”. Cá entre nós, Marx explica muita coisa para nós, né não? Não basta interpretar, temos que transformar a realidade!!! É isso, o país ficou e está num trem sem trilhos para um debate saudável. Sabe aquela palavra que

você me ensinou - dialogicidade, que até hoje ainda cultuo, foi para o brejo. O recorrente debate político “saudável” de oposição ou diferenças de ideias ficou nas trincheiras da insanidade, o que prevaleceu foi o antagonismo dos discursos feitos por essa gente tosca, “careta e covarde”, que foi se proliferando no cenário político nacional, e até mesmo dentro de nossas casas. Esses antagonistas primam pelo sectarismo, não possibilitam o diálogo, reprimem, destroem e matam; eles não têm ética e nem limites para silenciar o outro discurso, só oprimem. Estamos numa luta constante, vigiando esses “cabras”!! O ano de 2018, foi o ápice dessa polaridade, foi eleito por um conglomerado de gospel-miliciano-ultraneoliberal, o Coiso, o Inominável, o Coisa Ruim e todos os nomes inimagináveis para um ser das trevas. Esse Cabra, além de inúmeras atrocidades em quase todos os campos das políticas públicas, em 16 de dezembro de 2019, desmontou a TVEscola, por estar a serviço da esquerda, e que fazia um “doutinamento marxista”, além de sempre se referir a você como um “energúmeno”. Para mim você é igual a pão, quanto mais sovado, melhor fica!!! Tanto que defendi minha tese de doutorado em 17 de março de 2020, onde o meu recheio predileto foram suas escritas, e com elas dialoguei muito, de cabo a rabo. Ainda continuo com péssimas notícias. É óbvio que não posso comparar seu exílio forçado do Brasil por longos anos, com o que tenho passado nesse ano de 2020, estou isolada desde 15 de março, são sete meses dentro de casa, só fui visitar mamãe duas vezes, longe de irmã, irmãos, sobrinhos, amigues e amores. Estou saindo de casa somente para fazer compras de comida e remédios. Acredito que seja semelhante sensação que você teve em seu exílio forçado fora do Brasil, mas me sinto como se estivesse exilada dentro de minha casa. Tenho passado por momentos de medo, de tensão e de angústia no meu cotidiano, e vendo um futuro incerto. Acho que

isso tudo deve ter rondado o seu ser e, que agora, me ronda. Pois é, estamos diante de uma pandemia provocada por um vírus que é avassalador e pouco conhecido, o Covid-19. É um vírus que antes os cientistas pensavam ser democrático, ledor engano, ele é seletivo e tem um direcionamento no tecido social, e, está se proliferando rapidamente no meio das classes populares, dos favelados, dos moradores de rua, dos “esfarrapados”, dos “condenados da terra”. O vírus aponta para uma população e os dados são alarmantes; na prefeitura da cidade de São Paulo, onde você foi Secretário de Educação (1989-1991), na gestão da Luiza Erundina; em 30 de abril de 2020, uma pesquisa aferiu que o risco de morte de negros por Covid-19 é 62% maior em relação aos brancos. São tempos de experimentar o novo, mas esse novo tem a cara de velho, estou “vendo o futuro repetir o passado”, vamos considerar que o capitalismo se molda e se remolda em cada tempo-espaco como que lhe convém, e provoca o que Ele mais sabe fazer: a exclusão e a violência. Sei de seu apreço pelas novas tecnologias, você mesmo incentivou para que nós docentes que tivéssemos formação e acesso a elas. Porém, me vi tendo que trabalhar de casa de frente a um computador, as chamadas de aulas remotas, aulas emergenciais remotas. Confesso-te, a minha docência está ferida e eticamente aviltada, sabe por quê? O acesso das/dos discentes a essas aulas por dispositivo remoto (computador ou telefone celular) tem sido inexistente. Aqui no Estado do Rio de Janeiro já sabemos que somente 32% acessou essas aulas remotas, numa rede com quase 800 mil alunas e alunos, ou seja, 68% ficou sem aula; no meu caso, tenho turmas com 29 a 34 alunxs, e, somente de 0 a 6 acessam e fazem as atividades. Aqui no Rio de Janeiro, o “secretino” disse que iria comprar chips para os celulares dos alunxs, nada aconteceu. Hoje, esse cabra, o “Pedro Fernandes” ocupa uma cela num presídio em Bangu (complexo penitenciário do Rio de

janeiro). Preso por roubo!!!!!! Meu fazer docente é presencial, preciso do tumulto, da brandura, dos sorrisos, das discussões, dos barulhos dentro da sala de aula, a constante “dodiscência”. O meu campo de insurgências, de reflexão, de atuação em prol de mudança na sociedade é a Escola. Para não pirar, sozinha em casa, falo e vejo as minhas preciosidades todos os dias, a minha filha e neta: Laís Adelita e Lola Maria. Como você sabe muito de mim, também, comendo, escrevendo, estudando, limpando, cantando e dançando, rs. Somos parecidos, mesmo diante desse caos pandêmico, não esmoreço. Você me ensinou a Esperançar, e fiz dele o verbo da minha existência. Acredito que a construção dessa minha estranha amorosidade pelos seres humanos é antes de tudo, constituída pela transgressão para/das pluralidades; é o lema do meu fazer docente, por certo, é de uma amorosidade pedagógica do diálogo, pela ação política de fomentar a conscientização crítica da realidade cotidiana, no meu espaço de luta, a sala de aula de também no cotidiano. A curiosidade epistêmica ainda está presente em mim e tento passar para aquelas e aqueles que me cercam, possibilitando, assim, me constituindo e construindo seres mais humanos. Sim, resisto na Utopia da Esperança de *Outro Mundo Possível*. A incompletude de uma existência que está numa gangorra das emoções, se faz presente nessa escrita: medo, raiva, angústia, desprezo, saudades e esperança... sem esse esperançar, sem a consciência reflexiva, crítica, transformadora nada poderia eu dizer a você, meu caro amigo. Não poderemos esmorecer nunca e continuaremos a lutar para a superação das injustiças desumanizantes que afloram nesse terreirão, chamado Brasil.

Abraços Fortes e Fraternos, da sua Lili.

Eliane Almeida de Souza e Cruz

São Carlos, 24 de outubro de 2020.

Queridos,

As cartas tem sido muito preciosas para mim. Neste momento em que são parte do trabalho da escola em que trabalho e tenho refletido muito sobre as cartas pedagógicas de Paulo Freire também fui levada a lembranças do tempo em que me comunicava por meio das cartas com a família e amigos.

Ainda não tinha ouvido sequer falar de Paulo Freire, morava em uma parte do Nordeste que aprendi a amar tanto e só fui conhecer um de seus mais nobres filhos que me inspiraria tanto mais tarde.

É aí que tenho sentido a necessidade de mais e mais pessoas viverem toda essa filosofia que Paulo Freire inspira e evoca. É na dinâmica dos Círculos de Cultura que tantas possibilidades de ser mais podem ser vislumbradas. É nessa aprendizagem que tenho me sentido mais gente. E sorrido muito com tantas pessoas que também estão sendo.

O encontro do curso sobre biografia de Freire: igualdade, amor e errância trouxe muito do Esperançar com as palavras de Luis Augusto Passos. Essa lembrança forte de que nós e a natureza em uma relação de respeito, bondade estamos unidos e na lembrança do nosso estar no mundo e união com o todo bem como nossa corporalidade. Daí a lembrança dos caminhos, nossa andarilhagem. Reconheco-me também Andarilha da Utopia. Reconheço estes tantos novos companheiros neste curso.

As palavras consciência, mundo, diálogo, coerência, vida, conhecimento, saberes tomam tantas formas. Parecem brilhar nos olhos de crianças, de jovens, de adultos, de homens e de mulheres. Mulheres que estão dando as mãos, que

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

parecem dizer: A rosa abriu-se, Paulo Freire. Chegou a hora. Vamos lá!

É nestes tantos sentidos e significados que escrevo às companheiras e aos companheiros de curso para também dizer que é bom neste momento da vida, nesta aprendizagem da pandemia sentir que estamos construindo caminho.

Sigamos de mãos dadas, Pedagogia do Oprimido e da Esperança nas mãos, poesia nos lábios, pés no chão e coração aberto. Para frente e para cima!

Amorosamente,

Nilmara Helena Spressola

Salvador, 09 de novembro de 2020.

Paulo Freire,

Como seus ensinamentos aquecem meu coração e me faz esperar em um momento tão sombrio. A desumanização que assola a realidade se apresenta como um fluxo natural da sociedade, às vezes, confesso que já pensei que a classificação e a desumanização eram inevitáveis no bojo de uma sociedade, mas seus escritos são desvelados, pois a cada palavra, a cada frase, a cada parágrafo, a cada capítulo que estão contidos em suas obras apresentavam uma nova descoberta que destampam meus olhos. Como é importante sua sensibilidade para o mundo, pois me faz ser rival dos modelos sociais que tendem a valorizar a segregação, a opressão e o desamor.

Seus fundamentos se forjam em uma escrita poética que reuni tempestade e calma. Lembro-me que quando li pela primeira vez uma de suas obras me causou estranheza pelo ir e vir das palavras que diferenciavam da linearidade dos textos acadêmicos que me cercavam na época, fiz a leitura, por diversas vezes, até me libertar das minhas próprias amarras. É uma inflexão do sujeito, uma tomada de consciência individual e ao passo da práxis se amplia para um coletivo. Desse modo, o eu transforma-se em um ser diferente, um ser potente, um ser ativo, um ser inconformado, um ser que sofre, um ser que fala, um ser que escuta, um ser que não se satisfaz com as injustiças, um ser que não perde a boniteza de sonhar.

Patricia Santos Santana.

Salvador, 20 de novembro de 2020.

Paulo Freire,

Mais uma tarde que me trouxe muita inspiração, como aprendo com suas palavras, como me descubro na profundidade do meu ser. Hoje, pensei muito sobre a mística que há em mim, meus mistérios silenciosos, individuais, coletivos e utópicos, geradores da boniteza visitadas pelos meus olhos para o mundo.

Foi falado sobre a autotranscedência, a entrega até as raízes, ir além de nós mesmo. Confesso que esse processo é doloroso, pois é ir na contramão do fluxo engessado do que se diz vida, porém o desvelamento da realidade é um despertar sem volta. São alianças baseadas no cuidado, no diálogo, no respeito, no ser, no existir, na construção de uma humanidade.

Mulher, preta, periférica, nordestina, professora são algumas faces do inacabamento que definem meu eu, o nós.

Patricia Santos Santana.

Recife – PE, 07 de novembro de 2020.

Caro Paulo Freire, bom dia!

Tivemos o nosso primeiro encontro do Círculo de Cultura e foi muito bom, não apenas pelas produções decorrentes da aula anterior como, principalmente, pela diversidade de experiências e percepções compartilhadas pelos componentes do grupo. Nesta semana tivemos outra bela aula, dessa vez com o professor Adelar Pizetta que trouxe como tema “A Conscientização do Ser-mais. Inédito-Viável”. Para iniciar, o professor discorreu sobre a necessidade da compreensão da construção histórica da nossa sociedade, que resultou nessa estrutura desumana e opressora, fundada em relações coloniais e excludentes que se perpetuam até os nossos dias. A partir da perspectiva da Pedagogia do Oprimido, Pizetta destacou o ato pedagógico como um ato político e coletivo sendo, portanto, através do diálogo e da reflexão e ação contínuas, que se dá a formação da consciência e o desvelamento da realidade. Dentre alguns desafios apresentados, um deles foi a condição do oprimido enquanto hospedeiro da ideologia do opressor. Daí, ressaltou que é através de uma educação problematizadora, que o indivíduo é provocado a refletir sobre a realidade e, a partir da sua compreensão, tornar-se sujeito dela. Lembrou ainda que a consciência nos propõe a buscar aquilo que está fora de nós. Referindo-se à tomada de consciência como a capacidade de capturar, analisar, compreender a realidade e agir sobre ela, em busca de transformá-la. Alguns aspectos essenciais elencados pelo professor para essa tomada de consciência são: conhecimento construído local e historicamente e que está num permanente crescer; o autoconhecimento/autoconsciência a partir dos quais compreendemos a nossa capacidade de transformar, saindo da

posição de objetos para sujeitos; a indignação e o amor, no âmbito das emoções; a utopia, no que diz respeito à capacidade de projetar e pensar o futuro; o engajamento efetivo das ações – a práxis. Esses elementos levam à emancipação, que é sempre uma conquista. Pizetta falou da importância da solidariedade e luta e fez uma reflexão sobre as dificuldades na área de educação formal, por exemplo, em que há uma fragmentação e não comunicação entre os diversos níveis e, em certos casos, até mesmo dentro das mesmas instituições. Além disso, destacou a necessidade do trabalho de base na busca da construção de uma consciência social socialista. Para isso ressaltou o engajamento e a prática de uma educação problematizadora e libertadora, lembrando que é necessário assumir uma postura organizativa, política e de luta. Ao falar no “Inédito Viável” o professor nos propôs pensar o futuro como criação. Lembrei de um trecho do seu livro “Conscientização”, no qual você escreveu: “A educação problematizadora – que não aceita nem um presente bem conduzido, nem um futuro predeterminado – enraíza-se no presente dinâmico e chega a ser revolucionária.” Vamos sim, continuar na luta e esperar sempre! Obrigada por nos auxiliar nessa eterna construção da nossa humanização incompleta e contínua.

Ângela Barrêto

Recife 25 de outubro de 2020

Caro Paulo Freire, meu amado e admirado conterrâneo!

Acredito que você esteja bem! Tenho certeza que lhe foi reservado um belo lugar em recompensa à sua maravilhosa contribuição à humanidade, através das suas inquietações e reflexões que nos atizam, nos mobilizam e, acima de tudo, humanizam a nossa caminhada. Como você bem sabe, estamos vivendo um momento muito complexo para a humanidade. O planeta e a humanidade estão adoecidos! Queimadas, enchentes, fome, miséria e muita desigualdade. Como não bastasse, estamos enfrentando uma pandemia! Um vírus que não faz distinção no seu contágio, mas que causa uma doença que aflige e dizima, principalmente aqueles mais vulneráveis. Tudo muito triste! Não fosse a nossa capacidade de cultivar as utopias, talvez tivéssemos sucumbido. Mas, como dizia minha sábia avó: “ – Não há mal que não traga um bem!” E cá estamos nós, participando de um curso, através de uma rede fantástica de pessoas que se mobilizam e se organizam para a reconstrução e fortalecimento das forças populares. Na última terça-feira tivemos um belo encontro, apesar de virtual, com muitos educadores, estudantes, militantes, enfim, pessoas cheias de desejos de aprender e de buscar caminhos para aprimorar a si mesmos e àqueles com os quais compartilham a sua vida e o seu trabalho. Acima de tudo, pessoas que têm o desejo de construir um mundo melhor. Todos ali, encantados pela fala do Professor Passos, que de forma afetuosa e delicada, discorria sobre Paulo Freire, o educador e o homem que tanto nos ensina a partir da sua consciência de "incompletude". Foram trazidas pelo professor, questões básicas do seu pensamento sobre "estar no mundo". Pensar educação como ato permanente, a importância do aprender mútuo, o

diálogo, respeito às diferenças, a amorosidade. Também tratamos sobre as nossas dificuldades, nossos medos e conflitos internos. Diante de tais questões, não há dúvida de que o diálogo, a alteridade, bem como a utopia e a esperança, são ingredientes fundamentais para a construção de um novo mundo no qual, apesar da necessidade da sua contínua construção, possamos superar as práticas que resultaram nesse momento tão difícil pelo qual passa a humanidade e, em especial, nós brasileiros. Nesse sentido, algumas questões de ordem prática me afligem bastante. Uma dessas questões refere-se ao diálogo, pedra fundamental da pedagogia freireana. Como lhe falei, estamos num momento muito difícil. O mundo está polarizado. Fantasmas horrendos, que julgávamos senão mortos, pelo menos enterrados, surgem em todos os lugares do mundo. O racismo, a misoginia, a homofobia, as perseguições religiosas... Todas essas questões vieram à tona nos últimos tempos. A intolerância e truculência cresceu assustadoramente. Pois bem! Enquanto falamos de alteridade, amorosidade, diálogo... Me pergunto como por em prática, como conseguir estabelecer o diálogo e manter o respeito diante de pessoas com discursos tão absurdos! Preocupo-me em não adotar uma postura tão agressiva e impenetrável quanto a dessas pessoas. Ao mesmo tempo, não desejo me permitir uma postura omissa diante de tal situação. Eis a questão: " - Como dialogar com um fascista?" Aqui encerro meu caro Paulo! Pedindo a você e aqueles que entrarão nessa conversa conosco que possamos, através de uma troca de experiências e discussões, buscar formas de superar essas dificuldades e construir novos caminhos.

Paz e Bem!

Ângela Barrêto

CARTA PEDAGÓGICA

Esta carta expressa a minha total admiração pelo Professor Adelar Pizetta. Em sua aula mostrou a todos nós um resumo brilhante da obra “Pedagogia do oprimido”, demonstrando que só a prática dos ensinamentos é que leva a mudança. Não adianta o povo ficar só no discurso da mudança se não arregaçar as mangas e botar em execução o que pensa. Ficou muito clara a conotação político social da obra. Paulo Freire. Para além de seu método de alfabetização, mostrou para nós, todo um caráter dialético de discurso que nos faz refletir sobre a vida em sociedade e sua opinião de como aplicá-la a “Práxis”. Como a maioria dos alunos envolvidos nesse curso são da classe do professorado, acredito eu, que faremos nossa “práxis” bem diferente de agora em diante. Ficou claro que não podemos perpetuar a noção de sociedade que foi historicamente construída de forma machista, patriarcal, misógina, discriminatória e capitalista que aí se encontra. Devemos buscar junto aos nossos alunos, amigos e sociedade em geral uma nova visão de mundo. Uma visão mais justa, mais social, mais democrática e mais humana. Então, mãos à obra camaradas!! Vamos juntos nos dar as mãos e lutar, pois, **só a luta muda à vida!!!**

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre

20 de outubro de 2020

As palavras do professor Luiz Augusto Passos me fizeram refletir principalmente a respeito de uma palavra, que se sobressaiu ao longo de sua fala, que se repetiu em vários momentos: a DIFERENÇA. Ele inicia suas reflexões falando sobre uma importante característica dos textos de Paulo Freire que é o de estar conectado com duas temporalidades, a sua infância (seus tempos de menino) e as suas experiências de vida, de luta, seus medos, suas expectativas, seu presente. Essa possibilidade envolve consultar o nosso corpo na escrita, mas que traz consigo o outro, a partir das reflexões que fazemos em conjunto com o mundo. Desse modo nossa palavra não pode ser repetida, ela precisa ser SINGULAR, ÚNICA a partir do que temos e do que elaboramos coletivamente, posto que, como disse o professor, quando negamos a nós mesmos estaremos negando a diferença (*negar a diferença é negar a si próprio*). Nesse momento, o prof^o Luiz cita Rubem Alves, quando destaca o segredo da natureza que se encontra na UNICIDADE dos seres. Dentro de cada repetição, de cada movimento, há sempre a SINGULARIDADE. Na formação de cada ser há a colaboração de infinitas outras vidas a se organizar em torno daquela formação, que em seguida será única, mas que parte da COLETIVIDADE. Por exemplo, para a existência de uma árvore, primeiro existiu a semente, formada por diversos átomos únicos, que juntos constituem aquele ser. Ao ser depositada na terra, ela necessita de diferentes cuidados para brotar, se desenvolver, despontar do solo e se tornar uma árvore, para que possa colaborar com a coletividade a sua volta através das suas funções, através da sua SINGULARIDADE. *Somos outros em nós e nós em outros*, como colocou o professor. Outro ponto esclarecedor foi quando ele cita a ALTERIDADE como o respeito às diferenças e de que através do outro buscamos

conhecer melhor a nós mesmos. Afirmo ainda a importância das RECONCILIAÇÕES entre os diferentes, de que é preciso ir profundo nas palavras para que elas abracem as diferenças, e que escutemos as concepções que são divergentes às nossas. A palavra que liberta não pode estar algemada a concepções, ela precisa ser formativa, coletiva na singularidade e essa dimensão envolve a DIVERSIDADE. Uma educação que se expressa no ato de que somos 'aprendizeseducadores' a todo momento é uma educação que respeita e compreende o outro em suas diferenças, que escuta com atenção e que se sente responsável a "dizer a sua palavra", a se implicar com o mundo e ao mesmo tempo entendê-lo. E ao finalizar sua bela preleção, o professor destaca a fala sensível de Paulo Freire como um educador preocupado com o mundo, um intelectual que não tinha medo de ser amoroso, pensava na justiça social como ato de AMOR. E nos conclama à luta em favor das diferenças, situação intolerável nesse sistema que vivemos, que busca apagar a diversidade e calar os que se incomodam com as injustiças. É preciso a partir dessas reflexões agir de acordo com o que acreditamos, em uma luta que seja movimentada pela PACIÊNCIA, COMPREENSÃO, SENSIBILIDADE, TOLERÂNCIA, FIRMEZA e acima de tudo, o AMOR. Essas palavras foram marcantes nas respostas dadas pelo professor após a sua aula aos questionamentos feitos, que em grande maioria perguntavam como agir com o outro em caso de divergências de opiniões, de pensamentos contrários, e mais uma vez ele nos dá uma grande aula – a grande luta começa em nós mesmos para que nos tornemos melhores – Refaçamos nossas opiniões a cada momento, nos transformemos, e que através da CONVERSA com o outro busquemos compreender suas elaborações e possamos contribuir mutuamente para a mudança, que é sempre em prol do coletivo.

Palavra-chave: DIFERENÇA

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Palavras geradoras: DIVERSIDADE, SINGULAR,
SINGULARIDADE, ÚNICA, UNICIDADE, COLETIVIDADE,
ALTERIDADE, RECONCILIAR, AMOR, TOLERÂNCIA, PACIÊNCIA,
FIRMEZA, COMPREENSÃO.

Ana Clara São Thiago

Petrópolis, 09 de novembro de 2020.

Caras (os) companheiras (os) do curso Paulo Freire,

Na última terça-feira, as palavras do querido professor Adelar me fizeram refletir muito a respeito do 'amanhã que almejamos'. Quais as ações, palavras, conversas que podemos desenvolver pensando nesse 'amanhã'? Fazemos realmente parte dessa construção ou nos consideramos aquelas e aqueles que somente 'esperam' o acontecer? Quando Geraldo Vandré coloca de forma bela em sua música "*vem vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não esperar acontecer*" ele reafirma a importância do SER relacionado ao FAZER, ao AGIR e é esse o INÉDITO-VIÁVEL que somos em *praticateoriapratica*. Não sei se lembram, mas no início de sua fala ele apresenta as ideias fundantes da Pedagogia do Oprimido, destacando que todo ato pedagógico é um ato: - POLÍTICO – não há espaço para uma educação NEUTRA - COLETIVO – não há uma educação emancipadora sem a participação de homens e mulheres, ela não ocorre a partir de um único sujeito Nesse sentido, o que estamos realizando aqui nesse espaço parte desses princípios, posto que nos posicionamos diante do mundo, de forma coletiva. Não estamos encontrando respostas sozinhas (os), mas nos esforçando para alcançá-las em conjunto, no diálogo. Mais adiante, Piazzetta fala da Pedagogia da Libertação, que acontece a partir dessa pedagogia do oprimido forjada COM os oprimidos, e não PARA os oprimidos, nesse processo de conscientização da própria realidade, para então transformá-la. Nesse caminho, o ser MENOS torna-se o ser MAIS, num empenho para si e para a sociedade que deseja modificar o que: REQUER UMA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA – TRANSFORMADORA. Amigas, quando destaco aqui essa

conduta necessária, não pretendo dizer que é uma atitude fácil de ser praticada, ela parte de muita reflexão, de muito DIÁLOGO. Esse é o outro ponto chave dessa aula, em que o professor destaca a importância do direito de PRONUNCIAR A PALAVRA, pois não é no silêncio que os homens e mulheres se fazem. A HUMILDADE também é percurso necessário, pelo fato de que somos todos seres INACABADOS, com uma perspectiva constante de melhoramento, de formação, de que não somos donos de uma verdade única. Ainda ressalto os movimentos necessários ao processo de conscientização destacados pelo professor, no desvelamento da realidade para nós e para os outros a nossa volta, num processo que ocorre para fora de nós mesmos.

1- Adquirir conhecimento num processo reflexivo, entre passado e presente para compreender o futuro – Estudar é uma obrigação revolucionária;

2- Autoconhecimento – Somos sujeitos em constante transformação

3- Capacidade de projetar – Ser idealista, sonhar, a UTOPIA é necessária para a mudança

4- Ter decisão, ação de mudança – ENGAJAMENTO NA LUTA, ação transformadora

E através dessas ações combinadas temos a possibilidade de transformar o mundo a nossa volta, construir uma sociedade mais igualitária, mais justa, no sentido do INÉDITO-VIÁVEL. – o professor destaca: “Nós construímos a história, o futuro está em permanente mudança, parte das nossas ações no presente” – e digo, parte de uma determinação nossa, de mudança interior, para assim querer mudar o

exterior. Após essas reflexões, trago essa questão para nosso encontro amanhã. O que é necessário nesse percurso, entre memória e utopia para que sejamos autores, sujeitos de nossas histórias?

MEMÓRIA ← ? → UTOPIA

Palavras-chaves: LUTA, ENGAJAMENTO, PRÁXIS

E assim, despeço-me de todas até o encontro de amanhã! Espero ter colaborado com as suas reflexões.

Grande beijo,

Ana Clara

Petrópolis, 21 de novembro de 2020.

Caras (os) companheiras (os) do curso Paulo Freire,

Primeiramente gostaria de dizer que estou com saudades desse encontro que fazemos...

No último círculo de cultura não pude estar presente por motivos de trabalho, e espero que possamos estar juntas nesse próximo. Essa aula ministrada pelo professor Marcelo Barros foi incrível, de uma sensibilidade tocante, que não poderia deixar de ser discutida posteriormente. São palavras que precisam ser divulgadas, levadas a quem passar nas nossas vidas, refletidas interiormente e transformadas em atos, em prática. Quantas possibilidades há na mística! Segundo o professor, a **mística é a vida que ultrapassa o sentido material, é a causa que defendemos, é o ALGO MAIS**. Pensando a respeito do livro 'Educação como prática de liberdade' de nosso querido Freire e trazendo alguns trechos a respeito Barros apresenta alguns valores importantes que completam esses sentidos da mística:

- O ser humano é um ser de relações, ele não está somente no mundo, ele está **com** o mundo
- O ser humano é capaz de transcender, de ir além – em meio a diversidade, criticidade
- O ser humano é ser **carente, é inacabado**. Ele precisa das crenças, do crer em algo, que pode ser chamado de Deus, como pode denominado **amor**.

E pensando sobre essa ótica, sobre essa crença, essa necessidade a qual nos ligamos, que dá sentido à nossa vida estamos falando da MÍSTICA. **Esse ir além de nós mesmos – Do EU para o NÓS – autotranscendência**. Também achei muito bonito quando o professor deu o exemplo do MST como movimento que transcende a individualidade. O que vocês pensaram sobre isso? Mais adiante, ele cita as palavras de Dom

Helder Câmara e as três sedes do ser humano: 1- sede de dar mais sentido ao que se vive; 2- sede de colocar mais amor no mundo, de ter a capacidade solidária de amar, de superar o egoísmo, o orgulho, de modificar a nós mesmos em nossos defeitos e 3- sede de mudar o mundo. Penso que é muito interessante esse percurso visto que, essa sabedoria não é adquirida de um momento a outro, ela leva tempo e autotransformação. Primeiro o ser reflete os sentidos da vida, de suas crenças. Dessa forma, reflete sobre si mesmo e suas possibilidades como ser único, com características construídas, influenciadas, diferenciais, e o que precisa modificar para amar mais. E assim, reflete na diferença que pode fazer no mundo, nesse caminhar que vai além. Ao longo das perguntas, outras palavras são relacionadas à mística. Na vida, ela seria o sabor, o tempero que dá gosto, são os motivos que nos levam a transcender, ligada aos sentimentos e não somente à razão. A mística seria essa conexão entre sentimentos, razão e operação, não num mero sentido ativista, em emoções descontroladas ou numa razão que esquece do coração, mas num misto que equilibra o ser. Seria ligada à espiritualidade, ao autoconhecimento. Algo que achei essencial na fala do professor foi quando ele destacou que Paulo Freire é um homem que pensou à sua época, nas relações entre oprimidos e opressores, muito mais relacionadas às classes sociais e estados econômicos. Pensar Paulo Freire HOJE é **transcender nacionalismos, os oprimidos são outros na sociedade contemporânea**. Não são mais somente relacionados às classes sociais, ao campo, são questões relacionadas a diversidade. Trago ao grupo: como pensar Paulo Freire hoje? Quais questões podemos levantar em nosso círculo? Nesse final, Barros nos faz questionamentos interessantes, como por exemplo apontar a importância da dúvida. Trago para o nosso grupo algumas das perguntas e reflexões: se possuímos o anjo

e o diabo dentro de nós, quem irá vencer? – **Vencerá aquele que alimentarmos.** Qual o melhor método para guiarmos nossas vidas? **Não há um único certo, mas a REFLEXÃO DIÁRIA** pode nos auxiliar nesse caminho – estamos conciliando o diálogo com a prática? Qual semente vamos regar ao longo da vida, o que deixaremos brotar de dentro de nós? Outra pérola que não poderia deixar de trazer antes de finalizar meus escritos é que **momentos difíceis virão, para todos nós, então acumulemos reservas nos momentos de leveza, para que consigamos superar a aridez.** Esses círculos, essas conversas, esse curso, são as reservas, e que consigamos superar os obstáculos da vida carregando conosco essas palavras e reflexões que não nos permitiremos sucumbir ao deserto.

Palavras-chaves: AUTOCONHECIMENTO, TRANSCENDÊNCIA, IR ALÉM

Nos vemos em breve queridas! Um grande beijo no coração,

Ana Clara

“SER MAIS” OU O ARTESANATO DA PRÓPRIA VIDA

Campinas (SP), 08 de Novembro de 2020

Queridas educadoras do curso Paulo Freire,

Escrevo esta carta com carinho, pois nosso encontro muito me animou. Paulo Freire nos ensinou a amar a vida! Cuidar da vida em primeiro lugar é um dos grandes desafios que nós, educadoras e educadores, temos em nosso ofício. Acolher o outro em sua singularidade demanda de nós disponibilidade para a escuta e a aproximação pela via do diálogo, como bem ressaltou o professor Adelar João Pizetta. Ele também nos convidou a pensar que a própria obra de Paulo Freire é uma sistematização da sua prática, pois Freire não separou pensamento e ação. A obra de Paulo Freire é uma reflexão políticofilosófica de seu trabalho enquanto educador, mas também das práticas dos oprimidos em suas ações por sua própria libertação. Nesse sentido, posso dizer que Paulo Freire é uma constante inspiração em minha vida, pois buscando na história das/dos estudantes a aproximação do seu contexto social, vamos juntas/juntos refinando nossa compreensão da realidade. Ainda segundo o professor Pizetta, devemos nos apropriar do legado de Paulo Freire a partir do lugar onde estamos, de onde nossos pés pisam, como também nos ensinou Leonardo Boff. Ler sua obra não apenas do ponto de vista acadêmico, mas sobretudo como uma dinâmica dos movimentos populares, da Educação Popular, pois esta não se desvincula da educação política, quer dizer, da educação da classe trabalhadora. Assim, no trabalho docente e também aqui nesse registro, procuro pensar a partir da prática, pois como ensinou Freire (1978) “estudar é também e sobretudo pensar aprática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar

certo". A partir da atuação docente tenho trabalhado com a história de vida dos estudantes. Essa opção tem sido o início de um fecundo caminho de produção do conhecimento, como também de transformação de nossas vidas e de nossas práticas. Sinto que há que se criar tempo e espaço para ouvir do outro a sua interpretação de si e de como percebe que tem sido construída a sua história. A interpretação de si, produzida em um ambiente acolhedor e protegido, contribui para fazer emergir memórias significativas, favorecendo a educadoras e educadores o trabalho de repensar suas práticas e de ressignificar o seu modo de "estar sendo" no mundo. Evidentemente essa atitude carrega consigo o risco da abertura para o novo, para o inesperado e para desafios não imaginados previamente. Paulo Freire nos ensinou que, "Antes de tudo, não é possível exercer a tarefa educativa sem nos perguntarmos, como educadores e educadoras, qual é nossa concepção do homem e da mulher. Toda prática educativa implica na indagação: que penso de mim mesmo e dos outros?" (FREIRE, 2008, p. 21). Tendo em vista as considerações de Freire tenho sempre convidado estudantes a partilharem suas histórias de vida e, a partir delas, nos aproximarmos de nosso objeto de estudo. Em uma turma recente uma aluna registrou: "Pensei primeiro que era só mais uma apresentação minha, que faço tantas dessas que até me canso, mas dessa vez eu chorei. Tentei não chorar, mas ao falar da ciranda e lembrar de todo o trabalho que realizamos [em instituição que atua com crianças e adolescentes], eu chorei. De leve, rapidamente contida, e tão rapidamente já coloquei culpa no meu signo. A professora disse que me entendia, que também chorava, numa atitude de compreensão e empatia. Gostei". (Carina, agosto/2017). Os nomes de estudantes são fictícios a fim de preservar suas identidades. As memórias ofertadas durante a aula possibilitaram o contato com histórias de vida singulares,

de pessoas vindas de diferentes regiões do Brasil para realizarem o sonho de fazer um curso, mostrando a recusa e a luta contra a subalternização promovida ininterruptamente na sociedade de classes. Em um fragmento do registro de Clarice podemos ler: “Minha segunda memória significativa da aula foi o momento da escuta, que considero como a continuidade da acolhida. Eu pude me expressar e compartilhar, e foi muito bom ser ouvida e me sentir acolhida por todos; da mesma forma também escutei a fala de cada um fazendo o mesmo movimento que recebi, de ouvir e acolher os outros”. (Clarice, agosto/2017). Ruth, por sua vez, afirmou: “Essa aula nos presenteou com a confirmação de que ainda é tempo de construir relações com as pessoas através do contato direto, olhando nos olhos e ainda é possível ouvir! [...] A importância de ouvir o aluno é tão significativa, pois dá chance também do próprio aluno se ouvir e refletir sobre sua própria fala, além de compartilhar saberes com o outro, interação intensa com colegas e abrange as possibilidades de aprendizagem através da troca”. (Ruth, agosto/2017).

Poetas, músicos, artistas plásticos, são parceiros constantes em meu trabalho educativo e com eles aprendo a “esticar horizontes”. Os registros e memórias dos/das estudantes vão enchendo a vida de cor e esperança. O laborioso trabalho de se refazer a cada passo vai sendo experimentado nesse artesanato da própria vida.

A terra é o mesmo lugar
Onde se ama pra poder sonhar
A terra é o mesmo lugar
Onde se sonha pra despertar
(Walter Franco)

Em cursos de Especialização em Educação Infantil apresentei o desafio de produzirmos uma exposição com objetos sentimentais guardados desde a infância. Essa proposta teve como intenção uma aproximação sensível da história pessoal de cada sujeito. Solicitei que buscassem em seus “baús de achados e guardados” objetos remanescentes desse período fértil da vida de cada pessoa. Cada turma apresentou suas singularidades, mas em todas um sentimento de alegria, surpresa e amorosidade, tomou conta das pessoas no dia da realização da exposição. Objetos os mais variados foram trazidos para a compor o cenário e para a rememoração no grupo: bonecas, livros infantis, carrinhos, bolinhas de gude, disco sonoro com histórias infantis, casaquinhos de bebê, canequinhas de louça, cadernos escolares, ursinhos de pelúcia, enfim, uma infinidade de brinquedos, de roupas e também doces da infância, como balas “7 Belo” e arroz doce, relembrando os agrados da mãe. Até mesmo um mamão verde foi trazido e na hora da exposição nele foram colocados palitos de fósforos, a fim de fazer alusão às “vaquinhas” de brinquedo.

Walter Benjamin, o filósofo berlinense tão atento às produções infantis e à prática da narrativa, nos ensina que a compreensão do passado ultrapassa a fronteira do estritamente racional. A preservação da memória, portanto, não está ligada ao acúmulo de informações, como pareciam ser as entediadas aulas que tivemos ao longo de nossa escolarização. “A preservação da memória precisa ter um benefício para a vida das pessoas. É necessário que haja questionamento do presente, que nos coloquemos em movimento, a fim de que a produção do conhecimento seja substantivamente favorável à expansão da vida” (CAMPOS, 2016, p. 04). A partir da rememoração, da escuta da narrativa do outro, do entretecer da história pessoal à de um grupo social responsável pela formação escolar de novas gerações, as reflexões acerca da

constituição da profissionalidade docente ganharam um outro teor com cor e sabor.

A atuação docente pode vir a ser um trabalho de humanização de práticas com as quais tivemos doloroso contato em nosso percurso de escolarização. Tenho observado em muitos memoriais de estudantes a rememoração de situações de descaso, violência e de intimidação vividos em instituições escolares. A criação de um ambiente protegido para a pronúncia da palavra tem mostrado que há um envolvimento de educandos, educandas e educadora na construção de novas possibilidades de ser e estar no trabalho educativo. Na escuta implicada podemos nos deixar afetar e também afetarmos ao outro a partir das questões emergentes do cotidiano e da reflexão sobre as nossas práticas.

Caras educadoras, desejei partilhar aqui com vocês alguns fragmentos de vivências, pois o aprendizado elaborado a partir da parceria com estudantes sempre produz impacto em mim, levando-me a repensar as minhas práticas e radicalizar cada vez mais a escuta das suas palavras. Como ensinou Paulo Freire, docente aprendiz (2003, p. 23-24): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...] Ensinar inexistente sem aprender e viceversa e foi aprendendo socialmente que, historicamente mulheres e homens descobriram que era possível ensinar [...] Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”. Para encerrar, sem concluir, gostaria de voltar outra vez à palavra do professor Pizetta, ressaltando oportunamente que o estudo, para Paulo Freire, é um ato revolucionário. Vivemos em uma sociedade desigual e injusta, portanto, a ação de uma educadora popular é sempre em vista da transformação social. Agradeço a oportunidade de estar com vocês!

Um abraço, Aninha “No fundo, o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem [...] É trabalhando que os homens e as mulheres transformam o mundo e, transformando o mundo, se transformam também [...] Estudar para servir ao Povo não é só um direito mas também um dever revolucionário. Vamos estudar!” (FREIRE, 1993, p. 60, 65 e 70). CAMPOS, Ana Maria de. Guardadas do lado esquerdo do peito... In: VIII Seminário Nacional do Centro de Memória da UNICAMP: Memória e acervos documentais: o arquivo como espaço produtor de conhecimento, 2016, Campinas. Anais do VII Seminário Nacional do Centro de Memória da UNICAMP: Memória e acervos documentais: o arquivo como espaço produtor de conhecimento, 2016. p. 01 – 17. FRANCO, Walter. O dia do criador. Intérprete: Walter Franco. In: FRANCO, W. Vela Aberta. Rio de Janeiro: CBS, 1980. 1 Disco Sonoro. Lado A, faixa 2.

Ana Maria de Campos

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: _____. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 09-12.

_____. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. In: FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 36 – 87.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

_____. Pedagogia da autonomia. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular. Indaiatuba: Vila das Letras, 2008. p. 21.

Campina Grande (PB) 23 de novembro de 2020

- Um dia ouvi que o valor das coisas está na importância que damos a ela, depois da aula do padre Marcelo de Barros sinto-me privilegiada por tantos aprendizados. Em período de pandemia onde estamos todos afastados da nossa sala de aula, sinto que consigo me aproximar de pessoas que estão em vários lugares deste país e fora dele, quantos aprendizados, quantas realidades e debates. Algo que me tocou profundamente diz respeito ao que padre Marcelo de Barros, cita sobre o método que usamos, e na capacidade que cada um (a) pode realizar suas próprias perguntas, sobre o que passamos para o outro? Se fomos gentis? O que fazer para ajudar o outro? Fomos coerentes? Após tantas que questões observo que em tempos tão difíceis precisamos ser fortes e corajosos para superar tantas adversidades dos sistemas e a exaustão tão presente agora. Para chegar a mística da liberdade exige de nós a força e a luta diária para resistir as pressões sociais e aos engessamentos do sistema, a falta de recursos e apoio e mesmo assim olhar para o futuro e enxergar as mudanças que queremos e lutarmos por ela. Que nossa caminhada seja como a proposta por Paulo Freire com esperança, compromisso e esperança.

Todos que estiveram neste círculo de cultura dedico este escrito.

Aline Menezes

IGUALDADE, AMOR E ERRÂNCIA

25 de outubro de 2020

Thaís Gomes dos Santos

Aos caros colegas de curso,

Escrevo essa carta para que seja além de uma tarefa do curso, escrevo porque é necessário, escrevo porque aprendi com vocês, escrevo porque Freire nos ensinou o poder da PALAVRA. No processo de ensino aprendizagem do curso fomos capazes de nos compreender mais enquanto pessoas e seres produtores de cultura, entendendo a importância das nossas singularidades percebendo que para além do que temos em comum nossas diferenças nos igualam, nos aproximam. A capacidade que temos de nos colocar no lugar do outro e de estarmos abertos a possibilidade de aprender com ele, nos une.

Pouca coisa tem o poder de restaurar a gente num momento como esse, de pandemia e isolamento social, mas o círculo de cultura é um deles. Ainda que virtualmente, recuperar a dignidade e ter a consciência de que a nossa palavra, o que temos a dizer importa e entender a inevitabilidade de escutar e como isso nos livra da violência institucional da homogeneização. A educação popular nos trás uma forma libertadora de aprender e ensinar despertando nossa consciência crítica, uma consciência que começa de nós e parte para nós a partir da autonomia da sabedoria popular que propõe o debate fundamentado no cotidiano que nos abraça e por muitas vezes também nos enforca.

Errar é por consequência a melhor forma de aprender, que não busquemos de maneira alguma a perfeição em nossos ensinamentos ou aprendizados, devemos nos abrir para a educação popular como ela está aberta a nós de maneira

horizontal que nos iguala dentro das nossas diferenças e nos faz aprender ensinando e ensinar aprendendo sem passividade, mas, também sem agressividade com participação geral ampliando nosso olhar sobre a realidade, nos fazendo enxergar além de nós, em busca da justiça social sem perder a amorosidade e por meio dela produzindo um saber de todos.

Fraternalmente, a companheira de luta de vocês

Thaís Gomes

Buenos Aires, Argentina

Entendiendo la dimensión política siempre presente en los procesos educativos, la tarea docente implica necesariamente un posicionamiento político-pedagógico específico. El rol de lxs docentes transformadorxs no es la transmisión de saberes unidireccionalmente en donde se consideran a lxs estudiantes como frascos vacíos que hay que llenar, se apuesta a la constitución de ciudadanos de pleno derecho con herramientas para discutir esta realidad que entendemos injustas.

En base a esto, el desafío que enfrentan educadores en contextos neoliberales o pos-neoliberales, sería no caer en recetas de enseñanza mecánica formuladas desde una exterioridad de la escuela y las realidades de sus estudiantes. "ser un auténtico profesor no pasa únicamente por ser un profesional de la educación en el sentido pleno del término, sobre todo en cuanto a su formación académica, sino por una formación política ideológica que le posibilite la construcción de una mística profesional que lo comprometa con su profesión, con el desarrollo de su pueblo y, especialmente, con los menos favorecidos. La formación del docente pasa tanto por la conciencia ética como política; mientras no exista este tipo de formación que deconstruya y construya las raíces profundas del ser del sujeto, sólo se mejoran los métodos, los contenidos, a lo mejor los procesos de aprendizaje, pero no la problemática social que los oprime." (del Granado Cosio, 2008; p. 88)¹ La mística es pedagogía pero también es didáctica. Sobre la pedagogía Freire nos habla de las materias de la currícula y nos dice que ahí "no se agota" su tarea, lxs maestrxs buscan agenciar procesos pedagógicos que no se reduzcan a una fría transmisión de saberes sino a producir un vínculo recíproco con

el conocimiento que sea situado y que tenga una correspondencia con las realidades que viven.

La didáctica debe ser comprendida también como un espacio político que hay que militar, en espacios donde sí solo se toma en cuenta la pedagogía, suceden casos como que en un nivel de conceptualización silábico o silabico-alfabetico² se implemente en una primera actividad, la escritura "PUEBLO" como palabra 1 Gadotti, Gomez, Mafra, Fernandes de Alencar (2008). Paulo Freire: Contribuciones para la Pedagogía. 2 Emilia Ferreiro (1979) desarrolla 5 niveles de conceptualización para entender la escritura de lxs niñxs en su proceso de educación inicial, muchos de estos niveles se pueden observar en la escritura de personas adultas. El nivel silábico es cuando lxs niñxs pueden detectar al menos un sonido de la sílaba, mientras que el nivel silábico alfabético ya empiezan a poder reconocer algunas sílabas completas de las palabras. generadora. La cual, pese a ser super rica en cuestiones de debate y reflexión política, no tiene en cuenta el momento del proceso educativo en el que se hallan lxs estudiantes.

Belén Magdalena Oberti

Marcelo Barros, iniciou a fala abordando os conhecimentos que versam acerca dos escritos de Paulo Freire relatando um texto do livro *‘Educação como prática de liberdade’*, abordando que todo ser humano têm uma característica *“aventureira (o)”*. Explicou a relação dos escritos de Paulo Freire com a mística. Sobre as três sedes sagradas, imagine alguém que levanta pela manhã toma café, vai para o trabalho, volta do trabalho, enfim a vida evolui de forma transcendental de um ser revolucionário para um ser social. A gente precisa superar a gente mesmo. Sede de colocar sentido naquilo que a gente faz, a sede de mudar o mundo, a mística está em todos nós, só precisa ser desenvolvida.

O educador se apresenta diante do mistério da vida do educando com muita humildade e afetividade, através da alegria, curiosidade que o educador faz parte e contribui na vida do educando.

Quem educa com emoção tende a conduzir o outro à transcendência. O educador é a pessoa que usa de sua capacidade para contribuir com os educandos para a vida, barreiras e empecilhos, que essa, lhes reserva e exige. O educador deve na sua totalidade fortalecer em cada educando o desejo pelo aprender. É na mediação dialógica que se dará a verdadeira *Pedagogia do amor*. Essa mediação deve ser vivida por meio da *emoção, do carinho e do afeto*. Na pedagogia da autonomia, Freire valoriza essas características através do processo de mediação do educador.

A existência no mundo e pelo mundo é que fundamenta a essência do ser na vida. As pedagogias, no seu ato de ajudar e colaborar com o outro, corroboram na construção desse mundo *‘mais humanista ou humanizado’*. São os povos do mundo em busca de paz. A característica verdadeira atribuída a mística além da pedagogia do amor é fazer com que os educadores transformem os sonhos dos educandos em

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

conquistas, por meio da pedagogia da esperança, onde o educando é amparado, e instigado a fortalecer o sucesso para amenizar as dores de um mundo que têm enfrentado uma grande crise.

Carolina Nascimento de Jesus

Relato de uma futura pedagoga. Bem oh nós aqui com mais um relato de uma futura pedagoga, sobre o nosso último encontro o que dizer além de inspirador, é sempre inspirador falar do amor e de amar, acredito que esse é um dos princípios para minha futura profissão amar, amar o bastante para acreditar que possamos fazer algo para mudar a realidade de alguém nos doar por uma causa, dar um sentido a nossas ações acredito e o que devemos fazer para ter uma vida mais leve e feliz. Claro tenho ciência que em alguns momentos essa tarefa não será tão fácil, mas como foi afirmado em nossa última aula a decepção faz parte da vida, o que temos que fazer é em momentos bons nos preparar para os momentos não tão bons. Afinal nessa vida tudo é passageiro, não existe uma felicidade eterna, bem como não existe um sofrimento que dure para sempre. Quanto a tarefa de amar ao próximo como já afirmei anteriormente tenho plena consciência que às vezes é uma tarefa bem difícil, porque existem pessoas que não facilitam em nada, mas o que nos resta treinar a nossa paciência com este e ser empáticos com todos, principalmente nesse momento em que estamos/ou menos deveríamos estar afastado fisicamente, devemos sempre nos propomos a estar conectado de outra forma. Acredito que o princípio que vou levar desse encontro é a lição de amor ao próximo por mais árdua que essa tarefa se torne.

Bianca Oliveira

Relato de uma futura pedagoga. Gostaria de evidenciar a incrível coincidência que ocorreu "ou nem tão incrível assim " entre os tópicos discutidos no curso Paulo Freire educador do Futuro e a minha graduação, ambos encontros abordarão a mesma linha de pensamento, enquanto no curso o professor convidado destacou que o futuro que queremos é plantado no hoje, Que todos os educadores são seres políticos, Que não basta estar no mundo, mas é preciso estar com o mundo, Que a realidade que nós encontramos não é algo fixo e imutável, ela pode ser modificada através de ações, Que o novo nasce no interior do velho, Que o conhecimento se constrói através do diálogo dentre outros pontos muito interessantes. Em minha graduação focamos nossas discussões sobre o movimento escola nova e seus pensadores, Pierre Bourdieu, o atual sistema de ensino brasileiro e a piada de mau gosto que se constitui o ideal de meritocracia. Em minha visão os tópicos discutidos são compatíveis e até complementares... (Recomendei muitíssimo a nossa aula passada em minha sala da faculdade)... se torna claro a partir dessas discussões que nossa realidade pode ser modificada, as desigualdades podem ser superadas e a educação, a verdadeira educação, a educação emancipatória como defendia Paulo Freire é o meio para alcançar tal mudança.

Bianca Oliveira

Relato de uma futura pedagoga.

Para todos aqueles que fazem parte desse curso, para ela mesma e para quem mais possa interessar. Começando do começo eu sou Bianca, me formarei em pedagogia em quatro anos, claro sem contar com as greves (que são extremamente necessárias) e futuras pandemia (que se Deus quiser não vão voltar a acontecer), tenho conhecimento que estou apenas no começo da minha (espero que longa) caminhada, conheci o educador Paulo Freire através da minha professora de EJA (MODALIDADE de ensino a qual tenho um imenso interesse) e sou intensamente agradecia a ela por isso, por me apresentar a essa pessoa tão ímpar, posso dizer que nosso encontro foi amor à primeira leitura, me encantei com suas com suas ideias, com sua filosofia de ensino, e principalmente com suas atitudes, sou uma grande entusiasta da companhia que ele realizou em Angico no Rio Grande do Norte, contudo me pergunto qual seria o cenário do nosso país se essa campanha tivesse se espalhado para outros estados, não era apenas ensinar a ler e escrever como um ato meramente mecânico, mas sim ler mundo e entender que podemos ser os autores de nosso futuro, porem quanto a atuação infelizmente não tem muito relatar, nunca tive oportunidade de estar em uma sala como educadora, no entanto acredito que a educação é a única forma de promover mudanças (com o intuito de melhorar) a sociedade como diz a música " O povo tem a força só precisa descobrir ", e certo que alguns dos meus professores falam que eu tenho uma visão muito romantizada do que é a educação e a função de um pedagogo, mas prefiro enxergar o mundo assim a me entregar ao sistema atual que não apenas promove a desigualdade, mais a reforçam. Término parabenizando a quem escolheu o none do curso não poderia ser outro, afinal

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Paulo Freire é sim o educador do futuro, pelo menos do futuro a qual eu quero para o nosso país.

Bianca Oliveira

São João do Piauí, 24 de outubro de 2020.

Sou Carlos E. P. da Silva, estou cursando o último ano do ensino Médio. Gosto de escrever poesia e buscar novos conhecimentos. Paulo Freire me inspira a buscar conhecimento, principalmente, pela concepção de educação expressa em sua obra. Ao tempo em que os cumprimento, espero que todos tenham um bom entendimento sobre as Cartas Pedagógicas, externo aqui a minha alegria em poder compartilhar minhas reflexões.

A vida, a igualdade, o amor, a errância e a infância. Isso traz a perspectiva de como o pensamento de Paulo Freire está ligado ao ato de educar. A vida, a amorosidade, a igualdade entre as pessoas e a liberdade de pensar em cada um desses princípios traça um paralelo entre o pensamento de alguns renomados filósofos, faz mais do que isso, afirmar se o próprio Freire, um filósofo visto que pensa a educação e a política de maneira muito próximas relacionadas na educação no Brasil.

Paulo Freire lutou pela igualdade de classes e conhecimentos por um mundo sem opressores e oprimidos, contextualizando também no nosso momento atual no país já que Freire passou a ser alvo de vários ataques, principalmente, contra a sua pedagogia. Não é a toa o medo que se tem de Paulo freire, sua pedagogia é libertadora, emancipadora e questionadora e vinculada ao contexto social e político.

Em tempos de ódio, a pedagogia Freiriana nos traz a amorosidade como o foco de suas ações mesmo que envolva nossas almas e corações de angustiadas pelo momento crítico que passamos no país.

Carlos Eduardo Pereira

Juiz de Fora, 23 de outubro de 2020.

Prezados alunos,

Escrevo essa carta nesse momento de pandemia para que possamos aproximar nossas questões. Estamos sem contato presencial há sete meses. Nunca ficamos tanto tempo sem estar todos os dias nos falando e trocando olhares. Imagino suas angústias a partir das minhas.

O trabalho remoto é mais cansativo do que o presencial e ainda existe sempre a dúvida de que estou chegando a todos vocês. Gostaria de conhecer a realidade pela qual estão passando. Sei que muitos precisaram trabalhar para ajudar a família, outros não tem acesso a internet ou aos recursos que precisamos nesse momento.

Dessa forma, resolvi escrever para vocês para dizer que não estão sozinhos. Nós professores também estamos compartilhando e sofrendo todas essas dificuldades e aflições. Um medo por nossa saúde, pelo trabalho e por aquilo que ainda nos é privado de conhecimento.

Escrevo, também, para acalantar seus corações, trazer um sopro de esperança que tudo vai passar. Uma coisa que aprendi é que a vida sempre acontece. Ela encontra seus meios. Nesse momento concentrem-se em cuidar de sua qualidade de vida. Tenham uma rotina saudável. Estudem! Não deixem de lado seus estudos. Leiam! Tenham os livros como seus melhores amigos. Eles são companhias inestimáveis. Não se deixem levar por todas as informações que recebem. Leiam e sejam observadores da realidade.

Tenham dúvidas e perguntas. Questionem sempre que precisarem. Ninguém detém toda verdade do conhecimento. Pesquisem! Não se tornem reprodutores de falsas verdades, mas de verdades sinceras. Todos já somos alguém. Ninguém

estuda para ser alguém, mas para que esse alguém conheça seus direitos e lute por eles e que também seus deveres cumpra honestamente com todos.

Vamos todos contribuir para que o Brasil tenha menos analfabetos funcionais, para que a educação seja de qualidade, para que todos tenhamos nossos direitos garantidos e que sempre possamos esperar um país melhor.

Cristiane Costa do Carmo

Buenos Aires, Argentina

¡Hola! Soy Belén, tengo 22 años y soy militante de la Campaña de Educación “El Futuro es Nuestro” del Movimiento Popular La Dignidad. Ante la falta de respuesta del Estado Argentino frente a las necesidades educativas de las villas, decidimos organizarnos y asumir un desafío: que todos y todas podamos leer y escribir.

La Campaña de Alfabetización trabaja desde la educación popular que plantea Freire y el constructivismo de Emilia Ferreiro. Comprendemos que el hecho de aprender a leer y escribir carece de significado si estos no te brindan las herramientas de lucha y organización contra los poderes dominantes, que siguen acaparando los privilegios de vivienda, comida, trabajo, etc. Trabajamos desde una educación humanizadora porque vemos el hecho de alfabetizar como un acto político y revolucionario, ya que leer y escribir es participar de una ideología, disputar los lugares hegemónicos en una sociedad que nos trata de ubicar en ciertos lugares y roles mediante diversos mecanismos de opresión en un sistema en donde priman las necesidades del mercado y no de la vida de los pueblos.

Amo mi trabajo, es un espacio hermoso en el que junto con todas mis compañeras le ponemos el cuerpo y el corazón. Las alfabetizandas son COMPAÑERAS, militamos juntas, movilizamos juntas, cortamos la calle juntas y luchamos juntas! Son personas maravillosas con una trayectoria de vida increíble.

Es difícil transmitir todos los sentimientos que tengo por mi espacio de militancia, si algún día vienen a Argentina me encantaría mostrárselo!

Mi desafío actual es con la Pandemia, tuvimos que suspender los espacios físicos de alfabetización porque los lugares donde los hacemos funcionan como comedores

populares y son muy chiquitos, no podemos entrar todas allí adentro y mantener la distancia al mismo tiempo. Muchas son mujeres grandes que entran dentro del grupo de riesgo, así que debemos cuidarlas. Además todavía sigue la cuarentena aquí. Es muy triste, porque tampoco tenemos un gran acceso a internet para poder tener encuentros virtuales. Admito que estoy triste, porque los espacios de alfabetización es un lugar hermoso que te hace bien al alma, donde se arman debates polémicos y se realizan grandes asambleas. Sin embargo, confié en que pronto nos podamos volver a ver y seguir con nuestras actividades.

Creo que como sociedad, todavía nos cuesta dejar de hablar de la "meritocracia educativa". Nosotras sabemos que no existe, pero muchas personas siguen creyéndolo. En Argentina cuando les cuento que trabajo con personas que no saben leer y escribir, no me creen! Piensan que miento, y que todas las personas de argentina sí saben. Eso es porque los CENSOS de Argentina apuestan a preguntas vacías sobre la educación y no problematizan la realidad.

Sigue existiendo mucha discriminación para las personas que son de las villas, en la Ciudad la derecha sigue ganando votos pese a que denunciemos todo el tiempo sus ataques a la educación pública.

Sin embargo, algo me da un poco de esperanza: cada vez hay más jóvenes luchando y organizándose, más jóvenes que se quieren sumar a militar y ayudar!

Nose si pude contarles un poco de mi trabajo, es difícil hacerlo desde la pantalla pero espero que se haya entendido. De todas formas les voy a dejar un video para que vean nuestro trabajo y nuestra red social.

Belén Magdalena Oberti

Irará, 25 de outubro de 2020.

Boa tarde, camaradas!

No cenário que nos encontramos atualmente, é preciso ter esperanças e acreditar que tudo isso vai passar e retornaremos para nossas escolas, para nossas salas de aula e para nossos educandos. Mas, com a certeza de que não seremos os mesmos. Se antes era preciso amor, diálogo, autonomia e outros, hoje mais do que nunca será necessário tudo isso e mais um pouquinho.

Camaradas, gostaria de compartilhar com vocês uma pesquisa que realizei tem uns dois meses com os estudantes para saber como estavam nessa pandemia com o distanciamento social. Foi muito legal, mas percebi o quanto é grande a desigualdade social. Tenho vinte e um alunos e desses só oito têm Whatsapp, os outros têm aparelho porém não é smartphone.

Foram várias lamentações, desde angústia por não estar na escola à falta de dinheiro para fazer consulta. É triste, triste. Acredito que manter o vínculo com esses educandos é essencial para que a autoestima deles não baixe.

Com os oito que tinham o aplicativo, conseguimos fazer um grupo que dei o nome de "Sujeitos da EJA", grupo este que estou realizando algumas atividades, tipo: envio de vídeos, depois peço que coloquem por escrito ou áudio o que compreenderam. Envio um texto e fazemos a reflexão. É o que posso fazer no momento.

Nesse espaço chamado Grupo da EJA tento ser cada dia amorosa, trazendo o diálogo como prática para a libertação, já que não podemos estar presencialmente, realizando o círculo de cultura que sempre fiz.

Amigos de curso, confesso que estou sentindo muita falta das rodas, dos dizeres dos meus educandos, dizeres esses que não ficam algemados. Da simplicidade e autenticidade da turma.

Sendo assim, caros amigos, só me resta esperar, correr atrás de ideias e sugestões que possam ajudar-me na construção de um projeto que venha a acolher os outros que não estão fazendo parte do grupo.

Com a falta de compromisso da gestão municipal, os educandos da EJA ficaram sem acesso total a escola, aumentou de vez a desigualdade, a exclusão desses educandos é visível. Só me resta esperar, me movimentar, ir em busca, politizar a minha prática com atitudes freireanas.

Um forte abraço de uma educadora freireana!

Cristiane Ferreira da Silva

Prados/MG, quarta-feira, vinte um de outubro de dois mil e vinte.

Camaradas de Círculo de Cultura,

Primeiramente, devo me apresentar. Sou Franciane Sousa Ladeira Aires, mulher, filha, esposa e professora paulofreireana. Atuo no Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal de Lavras, desde agosto de 2018. Sou mestra em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei e minha dissertação abordou a relação entre artesanato e alfabetização emancipadora com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, tendo como fundamentação os pensamentos de Mikhail Bakhtin e de Paulo Freire. Na ocasião, desenvolvi Círculos de “Artesanar”, reinventando Freire.

É com muita alegria que participo desse momento de formação promovido pelo Centro de Formação Paulo Freire. Gostei muito da experiência do primeiro curso e penso que essa nova proposta, nesse segundo curso, é uma oportunidade singular de nos aproximar mais ainda de Freire, visto que estaremos em ação-reflexão-ação com as palestras on-line e com a palavra sendo gerada nos encontros dos Círculos.

A apresentação do Professor Luiz Augusto Passos, na última terça-feira, me instigou a refletir muitas questões. Ele nos apresentou Freire como gente, com toda a humanidade que nosso patrono da Educação transbordava, aliás ainda transborda.

Refleti a partir da fala “somos o que somos na relação que estabelecemos com os outros”. O outro é importante para nossa constituição. É no encontro com o outro que nos tornamos nós. Isso me leva a pensar no que Freire dizia que “educamos em comunhão”. Por isso, devemos pensar na pluralidade dos nós que constituímos ao longo de nossas vidas.

Cada ser, cada gente deixa um pouco de si e leva um pouco para si. Assim vamos criando possibilidade de sermos cada vez mais, por sermos seres inacabados, por sermos cada vez mais humanos. Contudo, nem sempre esse nós se constitui em uma relação convergente. Há tanta diferença e diversidade que devemos privilegiar a pluralidade de vidas. São vidas dialógicas e abertas que nem sempre caminham ao nosso lado na mundanidade.

Por isso, devemos exercer a pedagogia da tolerância, e como nos disse o professor Passos: “ter tolerância é dialogar até o fim”. Dessa maneira, ao desenvolvermos a tolerância, devemos ter o respeito pelo outro, por mais que este pense em total desacordo conosco. Por isso, é importante não afrontar, mas respeitar, colocar nosso pensamento e ouvir atentamente também o outro. É o que Freire nos falava em amorosidade, em ter amor pelas gentes, fé no homem, fé na mulher, fé na humanidade.

Então, “andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá”. Por isso, a importância de não nos deter frente ao outro que pensa diferente e/ou que tenta nos impor um mundo mitificado, desalienado, intransitivo. Assim, como Freire andarihou pelo mundo, sendo errante, aprendente de culturas, aprendente de mundo, também devemos nos colocar na vida, com vida, com vidas.

Afinal, nos disse o professor Passos: “Sempre há possibilidades de encontrarmos novos caminhos”...

Sigamos refletindo...

Fraternalmente,

Franciane Sousa Ladeira Aires - UFLA
Cambuquira/MG, 24 de novembro de 2020

Prezadas companheiras e prezados companheiros de Círculo de Cultura, a carta desta semana é cheia de mistério.

Gostaria de compartilhar com vocês uma frase que muito me impactou durante a palestra do professor Marcelo Barros: “A mística é a nossa essência que nos ilumina e conduz os pensamentos com discernimento e clareza.” Ela foi escrita no chat da live. Eu escutava as sábias palavras do professor e estava concentrada para entender o significado de mística. Quando li as palavras escritas pela companheira Aparecida Apolinário, fiquei com uma vontade imensa de abraçá-la! Era tudo o que eu queria poder falar. Senti uma sintonia enorme! Eu tentava sintetizar para mim mesma, causar um significado interno, explicar para mim mesma, mas, parecia que me encontrava num estado de plenitude. Aparecida me fez pisar no chão. Não sei, é o que o professor me explicou quando lhe perguntei se essência profunda tinha definição. Ele prontamente respondeu, citando Santo Agostinho, que todos sabemos o que significa o tempo, mas, todos tem dificuldade de explicar. Que tudo isso passa pela ilusão de termos uma racionalidade absoluta que nos guia e resolve todos nossos problemas. Afinal, quando a gente raciocina, a gente deixa de sentir?

Não dá para separar a razão da emoção, aliás, a gente nem devia pensar isso. É tudo junto, a essência profunda das coisas nos transcende, basta a gente aceitar. Aceitar e deixar ser.

Onde é que a gente se perdeu?

Profundas essências,
Fraternalmente,

Gisele Luwicz Costa

Catalão (GO), 21 de outubro de 2020

Caras companheiras e companheiros,

Me chamo Yasmin Roque tenho 18 anos, e atualmente sou graduanda no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Catalão, e participo do projeto de extensão da universidade “cursinho popular Paulo Freire” onde atualmente sou monitora da área de História e coordenadora da núcleo da secretaria. Poder direcionar essas cartas à vocês me deixa bastante gratificada e honrada pelo conhecimento que trocamos uns com os outros.

Gostaria de usar este espaço para questionarmos e analisarmos as nossas condutas perante a educação, como educadores e futuros educadores aproveitando que a fala de Luiz Passos é muito pertinente na atual realidade que nos encontramos.

Luiz me deixa intrigada ao falar da necessidade de sermos singulares, e essas diferenças de singularidades é o que compõe uma sociedade de igualdade, amor e errância. Mas como ser singular em meio a tanto ato de padronização? Como ser singular na educação em um país que vê a necessidade da padronização na curricularização? Como ser singular perante a métodos educativos sendo eles provas, simulados ? E como fazer que o meu educando compreenda a singularidade e passe a se auto analisar como um cidadão que pode ser diferente? Visto que estamos em um atual governo que é conservador e tradicionalista, em um país vasto de diversidade e diferenças. Diversidade essa que está sendo morta, queimada, assassinada.

Ao longo da aula encantadora e poética que tivemos a respeito da biografia, é importante analisarmos, se nós fazemos a nossa autobiografia, acredito que o mais essencial desse

encontro não é só anotar livros, descobrir novos pensamentos e pesquisadores, mas sim nos autos avaliarmos, como educadores que queremos ser, e que queremos renovar essa educação cada vez mais mercadológica.

Luiz indaga a importância da reconciliação entre as culturas e compartilhar as diferenças, entendo que esse é um dos processo mais dolorosos e demorados de se acontecer, em um passo lento, mas que precisa ser realizado. Descobrir a cultura e entendê-la não é fácil, não é rápido e não é indolor. Nós sentimos, nós nos questionamos e é graças a essas indagações que nos modificamos e nos recriamos a cada instante.

Visando assim, como Luiz presa um palavra solta, sem algebras, sem frieza e que possamos compreendê-la a medida da nossa vivência pessoal, cultural e reflexiva. transformando essas palavras e nos permitindo ter a nossa palavra.

Espero que possamos refletir mais a fundo sobre essa questão das singularidades presentes no grupo, que juntos possamos pensar a respeito da educação que Paulo Freire idealizou para o Brasil.

Yasmin Rodrigues Roque

A MÍSTICA QUE NOS UNE

Camaradas do Círculo,

A partir do nosso encontro fiquei me perguntando em como manter a mística em tempos tão sombrios...como manter a esperança se o que temos em vista é desesperança! Alguns acontecimentos têm nos emudecido! Por vezes vimos uma apatia em relação ao outro.

Nesse emaranhado de questões, dúvidas e reflexões o Círculo e os encontros me encham de esperança! Que riqueza nossos encontros! Que sentimento de amorosidade na nossa relação estabelecida ainda que por uma plataforma. Fico imaginando se tivéssemos a possibilidade de estarmos juntos, numa mesma sala, presencialmente, fisicamente. Os abraços apertados, o olhar no olho, as lágrimas, os gritos de ordem que ressoam nossas pautas por vezes emudecidas!

Estar com vocês me motiva a seguir em luta, para mim, esta é a mística que nos une!

Avante camaradas! Vamos vencer e voltar a esperançar!

Um abraço cheio de amorosidade!

Vitória, ES.
Marle Fidèles

Recife, 26 de outubro de 2020

Carta Pedagógica, ou Carta para não deixar de acreditar.

É difícil falar sobre Educação nestes tempos sombrios, por isso acreditar no seu poder transformador é um ato revolucionário. E não existe revolução se não houver amor. Cada dia, lendo Paulo Freire, assistindo às aulas do Curso, ou no exercício diário como professora, isso fica mais claro. Ensinar é um ato de amor, capaz de mexer com as estruturas sociais, capaz de transformar o mundo. E eu - apesar do nó na garganta, da insônia e do medo, que têm feito parte dos meus dias de 2016 pra cá - sou uma esperançosa, no sentindo mais profundo e menos ingênuo da palavra. Acredito que a arma mais poderosa e mais eficaz (única necessária) contra a ignorância, contra o conservadorismo e o retrocesso é a Educação. Por isso conjugo todos os dias o verbo esperar. Respiro fundo e sigo, lutando por uma educação pública de qualidade que promova a equidade, o respeito, a liberdade, que promova o fim de todas as opressões. Respiro fundo e sigo "preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera". A revolução virá.

Laís da Hora

Normandia, Caruaru, PE

A educação, como direito, segundo Freire é a situação de conhecimento crítico da prática real, e isso se dá pela interação educando e educador, ambos, sujeitos da ação-reflexão educativa para despertar a conscientização. O conhecimento crítico é a leitura do mundo, a revelação da realidade. Neste sentido deve necessariamente levar os sujeitos envolvidos no processo a uma ação que vise transformar a realidade que os oprime, que os domina. A educação precisa despertar a vida, a igualdade, o amor, a errância e a infância. A vida de Freire foi dedicada a tentar tirar os oprimidos dessa condição, buscando, ao mesmo tempo, acordar os opressores de sua condição de opressores. Revelada na filosofia da educação e nas influências do seu pensamento. A igualdade é objetivo a ser alcançado em algumas esferas como a econômica, política e social. Paulo Freire, contudo a afirmava como um princípio. Educadores e educandos devem ser iguais, o que pressupõe que não há ninguém superior nessa relação que se estabelece. O amor é para Paulo Freire, uma condição de educar. "É necessário amar o aprender para poder ensinar o que se ensina". O amor é um dos pilares da pedagogia do Oprimido, como nos revela no texto que finaliza a obra "se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar". A errância refere-se ao sentido de que o educador é aquele que anda, caminha e se desloca, tanto no quesito físico, quanto no modo de pensar, vez que "uma educação política parte do princípio de que o mundo pode ser de outra maneira". Paulo Freire aqui entendido como um andarilho, de corpo e que transita pelas ideias. Veja-se que ele foi um homem que viajou por diversos lugares do mundo buscando contribuir para a

educação e também se fez educando nessas viagens. Seus pensamentos também viajaram pelo mundo, já que é estudado em diversos países. Em síntese, a vida do Paulo Freire nos inspira como inseparável de qualquer prática educativa; a igualdade é um pressuposto da educação; o amor não é apenas pelas pessoas, mas pela posição educadora que se ocupa; a errância pode ser entendido como equivocar-se e de viajar sem um destino predeterminado; a infância deve ser entendido como impulso vital e não apenas como idade cronológica.

Maria da Conceição Silva Cardozo
Centro de Formação Paulo Freire - Fazenda
Normandia/Caruaru-

DIALOGANDO COM PAULO FREIRE...

outubro/2020

Que alegria, que emoção!!! A possibilidade de enunciar, de compartilhar com vocês ideias, palavras e sentimentos nesse percurso formativo abre caminhos diferentes pra expressar minhas compreensões, me faz pensar no que dizer, como dizer, a quem dizer... me desafiando a fazer opções!!

Escolho escrever, me inscrevendo nas maravilhosas enunciações do Prof^o Luiz Augusto, que em sua inspiração na vida e obra de Freire nos convida à compreensão da alteridade, à defesa das diferenças, ao reconhecimento de nossa ligação com a mãe Terra, ao respeito à vida em todas as suas expressões e manifestações!!

Instigada por essas palavras, revivo muitas lembranças, reencontro-me com experiências da infância, da adolescência, de estudante de magistério na década de 80 e prossigo, biografando-me, pelas décadas que seguem, revivendo outras situações como professora, como estudante, mãe, filha, irmã, companheira... Circunstâncias de vida entrelaçadas aos contextos sociais, políticos e econômicos que marcaram e, muitas vezes, (re)definiram minhas trajetórias!

São tantas vivências, tantos lugares e pessoas diferentes, distintos aprendizados, contradições, ressignificações!! Em diversos momentos reafirmo a escolha que fiz aos 15 anos e continuo escolhendo ser professora!! Por muito tempo, se me perguntassem o porquê dessa escolha, diria que “é porque gosto de ensinar”... Mas tenho repensado esses sentidos e agora acredito que continuo sendo professora “porque preciso sempre aprender”.

Em muitas dessas vivências e dessas escolhas, as leituras das obras de Paulo Freire estavam presentes, me

acompanhando desde a década de 1990, nutrindo movimentos de pensar as condições de opressão e as possibilidades de libertação! Afasto-me de suas palavras por um tempo, reaproximo-me em outros momentos...

E este encontro é, para mim, mais uma possibilidade de, como aprendente, revigorar os diálogos com Freire, em interlocução com tantas outras vozes, com as vivências singulares de cada pessoa... Sigamos esperançando, dialogando e fortalecendo a defesa da vida, da cultura, da educação, da justiça e da liberdade!!

Abraços
Nilceia Vieira

Brasília, 26 de outubro de 2020

Prezado futuros professores,

Que não recaia apenas à sua pessoa o papel de mudar a lamentável situação da educação brasileiras, mas que seja você um participante árduo e frequente na mudança do pensamento de novas mentes, que haja mais ocorrências de alunos desenvolvendo novos projetos do que alunos desistindo dos estudos por desmotivação.

Como eterna aprendiz, meu desejo é que não apenas os militantes e docentes se preocupem com a educação de nossas futuras gerações, mas que este seja um assunto a ser discutido sem hesitação e com sede de mudança por todos da sociedade. É preciso mais do que nunca que haja avanço no pensamento sobre como criar novas cabeças pensantes por si próprio. Chega de decorar e esquecer, é preciso aprender a nunca parar de aprender, a se questionar e questionar o mundo, a ter sempre a curiosidade no alheio.

O conceito de educação bancária vem da prática de decoração do conteúdo feita pelo estudante, conteúdo que apenas é entregue pelo professor. O estudante seria passivo ao ensino, recebe o conteúdo e não o processa como prática de sua vivência, repete o que ouviu e logo esquece o conteúdo apresentado. O educador terá a sabedoria e o educando nunca saberá. Assim, perdendo a oportunidade de usar seu conhecimento para maiores buscas no mundo. Conhecimentos não são passados, são esquecidos e desvalorizados.

Atenciosamente,
Maria Eduarda

CARTA

Dirijo-me a ti, Senhor colonizador. Falarei do lugar de mulher. Desse lugar que, durante tanto tempo estive destituído de cidadania e de voz. Esse lugar que, quisestes, fosse apenas um lugar de serviço, serviço aos senhores da casa grande.

Falo do lugar de errâncias. Não a errância que me quiseste imputar, com a qual tentaste me rotular. Não, nós mulheres não somos menos racionais, menos intelectuais, destituídas de voz, de poder. Nós portamos todas essas dimensões e mais outras, das quais o senhor hegemônico nunca se apropriou. A subjetividade, o afeto, a ética do cuidar, são dimensões que integram nosso ser cidadãs, nosso compromisso com a vida e que, quiseram, pertencesse ao feminino.

A minha fala nasce em meu corpo, parte da minha corporeidade. Sim, nós mulheres permitimos que os temas ecoem e tenham ressonância nos nossos corpos, no nosso afeto, antes de devolvermos ao mundo a nossa voz. A nossa corporeidade é o lugar onde fazemos um acerto de contas entre a gente e o mundo. É onde sentimos e refletimos. É onde a errância acontece para que surja a aprendizagem e assim possamos compreender o mundo. Não nos importamos de sermos aprendentes sempre, pois a historicidade nos constitui, e somos afetadas pelas transformações e mudanças.

Subjugada fomos, nos campos, nas senzalas, no espaço doméstico e em tantos outros lugares, submetidas a tantas violências. Nos negamos, entretanto, a usar as mesmas ferramentas que as suas aqui neste diálogo. Nos negamos aos caprichos do patriarcado, da masculinidade sórdida, capitalista, escravagista, misógina. Mas temos uma boa notícia: **convocamos um mediador**. Ele compreende a sua linguagem, a linguagem dos homens, conhece os pactos do patriarcado, esse

lugar hegemônico. Mas também compreende a nossa alma feminina. Convocamos Paulo Freire. Ele falará por nós. Ele, melhor do que nós, compreende a arte do diálogo, na diferença, no conflito. Ele tem a saga de esperançar, quando tudo parece árido.

E por falar em árido, ele profetizou terra deserta e sem vida caso os homens insistissem no egoísmo, no desamor para com o planeta, que ele chama de Casa Mãe. Ele sabia falar de economia, não de uma economia para produção da fome, da miséria, da morte. Não de uma economia de acumulação, mas de uma economia de subsistência, uma economia para a “mesa posta”, para que todos tenham direito ao pão.

O mediador do nosso diálogo, o Mestre Paulo Freire, te oferece a oportunidade de reverter esse cenário desalentador em que nos colocaste, e que te colocaste também. Esse genocídio que já não ameaça mais apenas negros, apenas pobres, pois as pandemias extrapolam esses marcadores. Ele te convida a pensar em princípios que restabeleçam a possibilidade de continuidade da vida, em eixos para um projeto de Bem viver: Reforma Agrária, Terra e Trabalho, Proteção à Natureza, Água e Biodiversidade.

Sim, senhor colonizador, não há alternativa para reverter este cenário desolador que não seja pelos mesmos princípios defendidos pelos povos originários. O seu modelo de colonização não deu certo. Falhou. A tentativa de anular os saberes desse “Outros” que instituístes, gerou o não saber sobre a vida, sobre felicidade, sobre amor, sobre bem viver.

A errância que experimentamos, nós mulheres, negros, indígenas, quilombolas, crianças, etc, é a errância de quem se permite escutar, reaprender, reajustar. Nós cremos que é possível realinharmo-nos com os princípios da Casa Mãe, a Mãe Terra. Mas o que ela espera de nós? Ela não será tolerante com os mapas da fome em que lançaste os mais humildes, os

negros, quilombolas, indígenas, povos do sertão. Ela espera, e tem urgência, a Reforma Agrária, que produza alimento para todos. Pede respeito aos povos tradicionais, aos saberes ancestrais, aos conhecimentos dos povos originários. Essas são as regras.

E, em tempo, te avisamos, nós, mulheres, homens, educadores, educadoras, comprometidas e comprometidos com o respeito às diferenças, com a igualdade de direitos, avisamos: estamos dispostas e dispostos a lançarmos mão das nossas ferramentas, para fazer ruir a casa grande, e servir banquete em abundância aos que têm fome.

Marta Argolo

Obs.: inspirada nas falas de Leonardo Boff, Luiz Augusto Passos, nos escritos de Sueli Carneiro e nas minhas andanças e errâncias.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

COMPOSIÇÕES VISUAIS

CARTA PEDAGÓGICA

Por Fátima Guimarães

- 1- Quando procurei por mim, não me vi no brilho dos olhos do outro.
 - 2- Voltei ao espelho para enxergar, o sonho futuro, a imagem distorcida me levou ao passado.
 - 3- Encontrei lembranças do néctar de meu útero, das dores de parir, da angústia do aprender na labuta diária, anos a fio.
 - 4- Mergulhei mais fundo e vi a arte do riso, acompanhando as lágrimas que caíam dos olhos de crianças famintas de voz, de vós.
 - 5- Dei asas à imaginação, em busca de meu eu e me barrei, berrando.
 - 6- Fixei o olhar no além, além do que me ofereceram
 - 7- e a cor dos olhos dos que me esperavam explodiram em luzes
 - 8- Era esperança de dias melhores? De sonhos roubados?
 - 9- Ou esperar, por mundos melhores, resultados de lutas passadas, em situações presentes?
 - 10- Uma criança, certa vez me disse: O mundo não é construído por omissão.
 - 11- Mas acredito que o silêncio é o princípio da sabedoria, quando o caos gera oportunidades.
 - 12- A união das raças, crenças, classes, credos, culturas, tudo vale na caminhada do recomeço.
 - 13- Mais vale o recomeço, onde as oportunidades são prá todos e a soma constrói um só mundo. Mais vale a união com sabedoria do que o avanço com a destruição.
- FOTOGRAFIAS E TEXTO: FÁTIMA GUIMARÃES. 25/10/2020.

Graciana



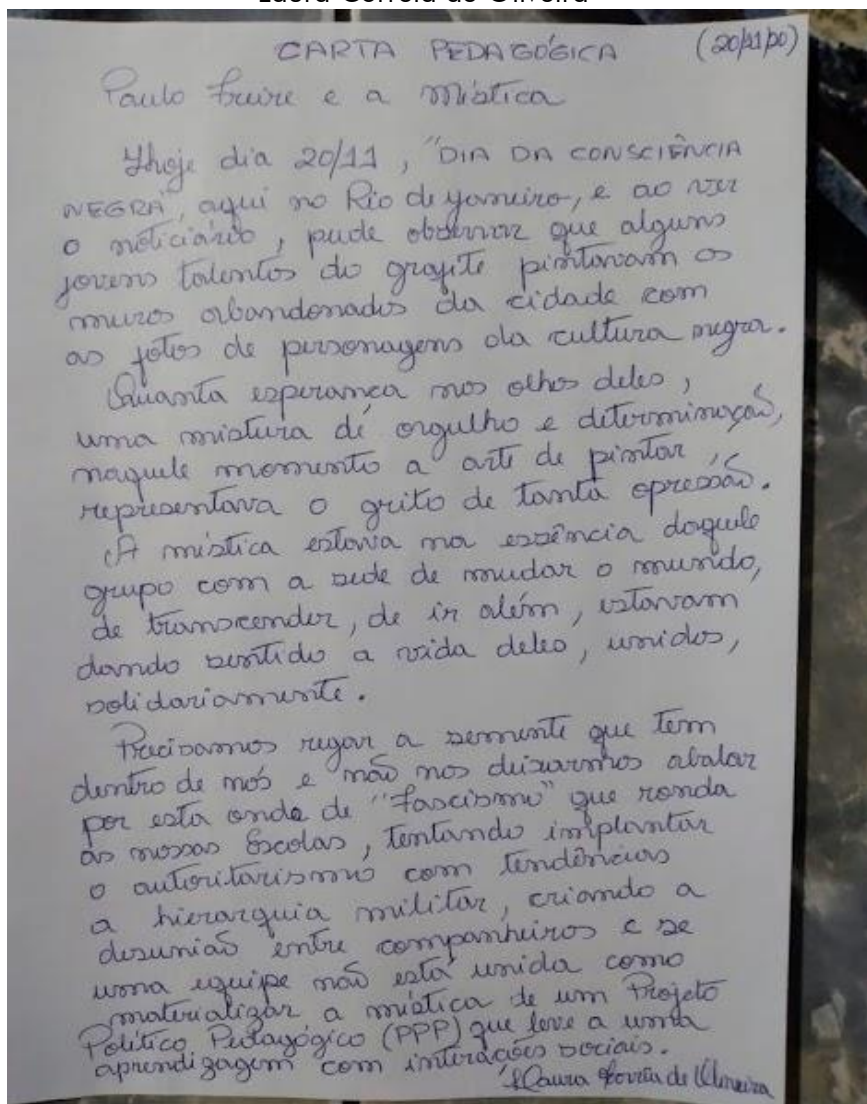
CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Dalva Mendes França
Maíra Mendes de França Alves



Laura Correia de Oliveira



Ana Maria Campos

Paulo Freire e a mística

A educação como prática da
liberdade é um ato de amor ,



Ana Maria de Campos

Educadora Popular
Campinas, São Paulo
Novembro de 2020



Paulo Freire tratou a educação como forma de comunhão

"Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo."

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 79.

Educação tem a ver com a fé na vida, fé nas pessoas. Educadoras e educadores semeiam as sementes do amanhã...

Pela fé partilhamos os saberes de experiência feitos, como também os conhecimentos científicos produzidos pelas mulheres e pelos homens





"O futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro; por isso, então, a história é possibilidade e não determinação*."

FREIRE, Paulo. Educação na cidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 90.



**Para os cristãos e cristãs
pão e vinho simbolizam a
partilha, a comunhão, a
vida eterna pela fé no
salvador...**

As práticas educativas,
grávidas de simbolismo,
também são gestos de fé e de
amor partilhados com o outro



O vaso de flor na janela

A "senha" criada pelo casal de namorados, para sinalizar a possibilidade do encontro, pode ser uma boa sugestão para nós também inventarmos símbolos delicados junto com nossos educandos e educandas...



"Não se estuda apenas na escola. Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema. O ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem".

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 58 e 60.



"Fé na vida, fé no que virá
Vamos lá fazer o que será..."

Gonzaguinha

Desejo... Sonho... Utopia...

Que sejamos sempre construtoras e
construtores de novos caminhos, mais
humanos, mais respeitosos com todos os
seres vivos, mais solidários.
Que nossas metáforas e símbolos sejam
sempre amorosos...



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



CURSO PAULO FREIRE

O educador do mundo

CARTA PEDAGÓGICA

Círculo de Cultura

Campinas, 23 de Novembro de 2020

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não
aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.

Mas
eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

BARROS, Manoel. Biografia do orvalho. In:
Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010. p. 374.



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



Adriana Gouveia

A Mística ^{por} Adriana Gouveia

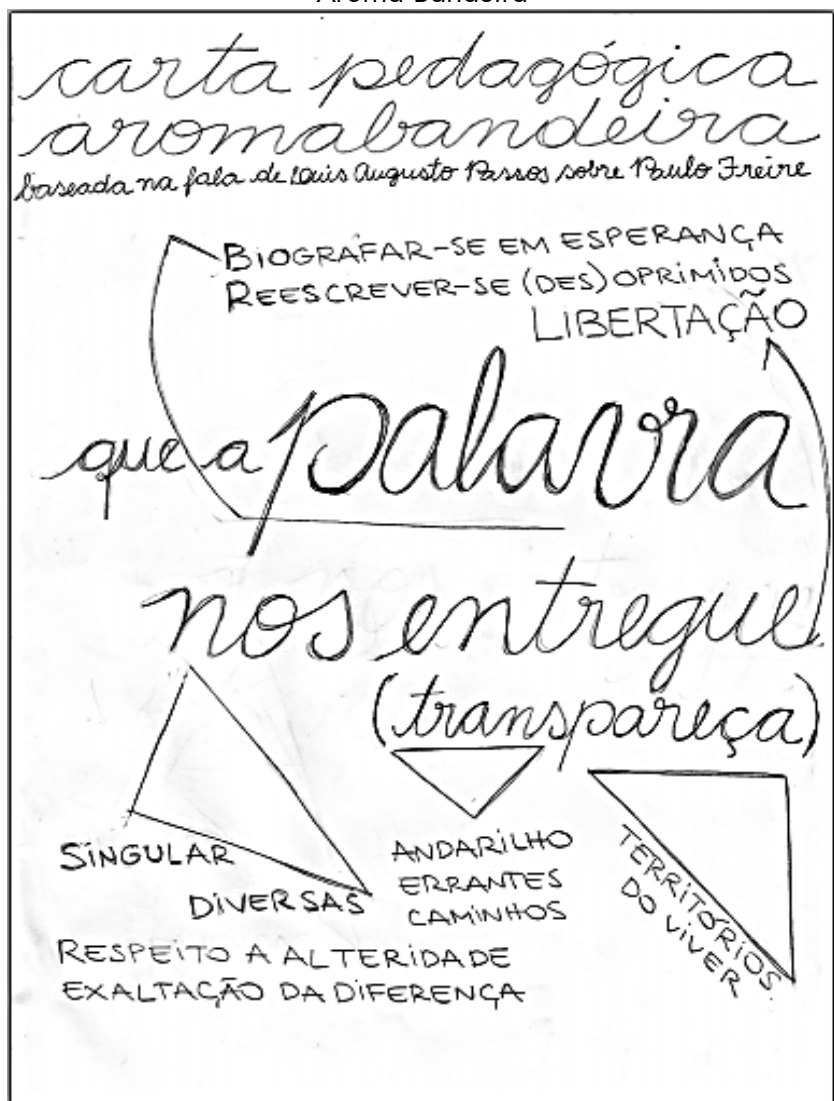
Quando cheguei a Pernambuco e comecei a participar de eventos de agricultura e agroecologia, achei muito interessante as participações iniciais com cantos e mensagens que a princípio eram por mim entendidas como uma recepção aos participantes e que sempre tinham uma boa e importante mensagem mas jamais pensei que era uma prática de tamanha importância e que tinha ligação ao nosso mestre, Paulo Freire.

A apresentação do monge a importância da mística que como tudo em Paulo Freire transcende o falado, o escrito e o encenado...

A mística é luta! É expressão do desejo humano amoroso e coletivo!

É leitura, é escrita, é prática que introduz e deixa reflexões e posicionamento. É o mistério revelado em cada interação!

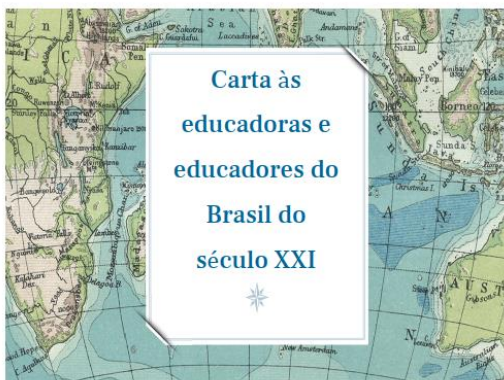
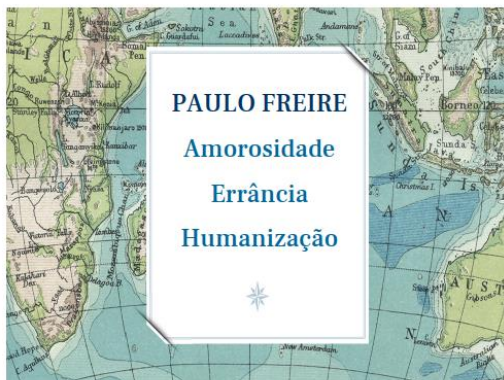
Aroma Bandeira



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Ana Maria Campos



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



Caras e caros educadores de nosso país,

*

Escrevo estas mal traçadas linhas, porque a saudade invadiu o meu coração, como cantaram os poetas...

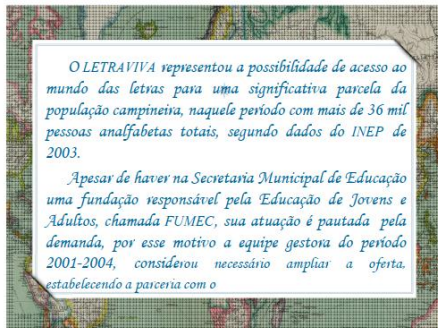
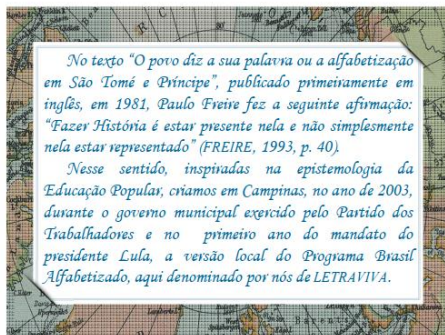
Compartilho com vocês, uma dentre várias experiências que vivi e continuo vivendo como educadora popular, no trabalho docente em grupos de educação popular, na universidade ou em secretarias de educação, sempre lembrando, porém, que Paulo Freire é inspiração, com sua amorosidade, generosidade e estímulo à criação de "inéditos viáveis".

Por estarmos vivendo um momento difícil em nosso país, com o povo e as instituições sendo tratados de forma perversa e humilhante pelos governantes, quero trazer à memória o que nos pode dar esperança, como sugeriu o profeta Jeremias. Paulo Freire nos ensinou a denunciar e também anunciar um outro mundo possível.

*Assim, movida por essa inspiração, lembro e partilho uma experiência singular, transformadora de muitas vidas, pois essa é uma forma de comemoração que nos enche de esperança, do verbo *esperançar*, pois as sementes já foram plantadas e estão por aí dando seus frutos.*

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

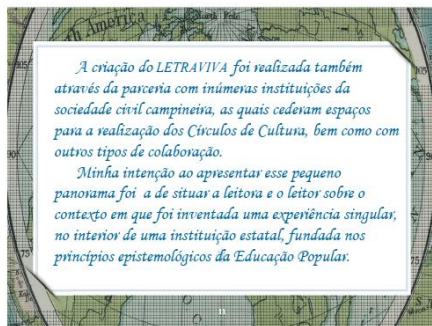
governo federal, recém eleito e que acabara de criar o Programa Brasil Alfabetizado.

“O início foi muito difícil porque estávamos criando um Projeto novo, com dimensões pouco trabalhadas pelo poder público. A opção pela Educação Popular no interior de uma instituição governamental é bastante delicada e suscita muitos questionamentos. [...] o LETRAVIVA foi criado com a intenção de ampliar a oferta de grupos de alfabetização de jovens e adultos, com ampla mobilização social para a sua constituição,

e o consequente aumento da oferta do ensino fundamental do primeiro ciclo, visto que a intenção era a de enviar para as salas de EJA da FUMEC os educandos e educandas egressos do Projeto LETRAVIVA. Na primeira etapa do programa do governo federal “Brasil Alfabetizado”, a previsão de funcionamento das turmas era de seis meses, posteriormente ampliados para oito meses (CAMPOS, 2009, p. 95 e 100).

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



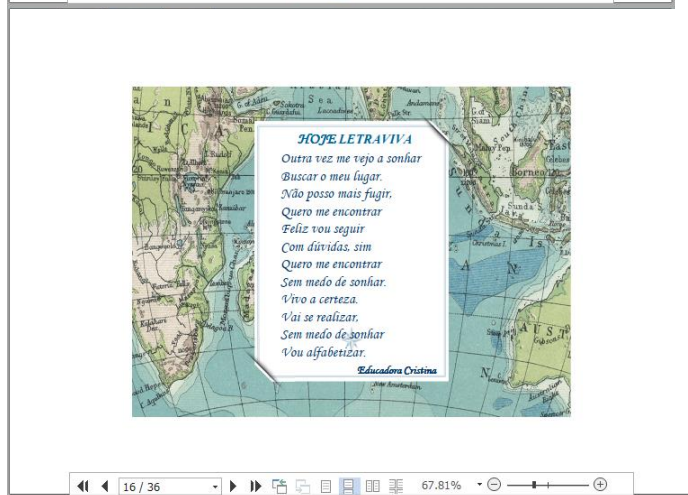
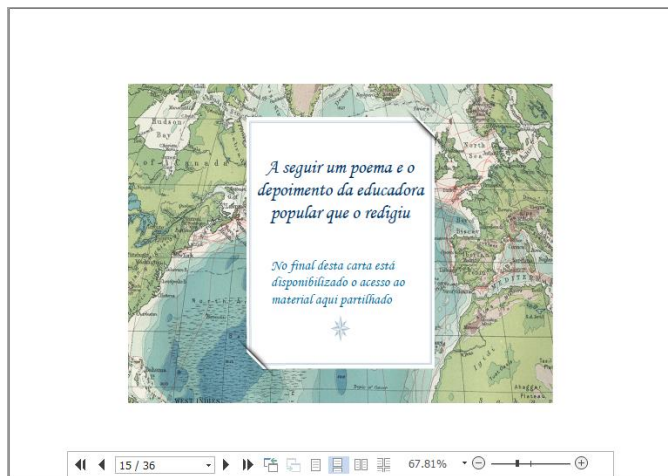
CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



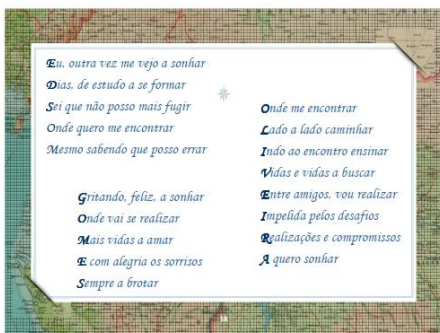
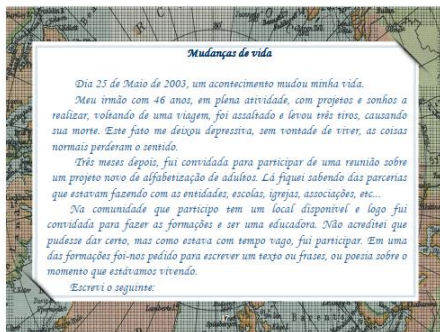
CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



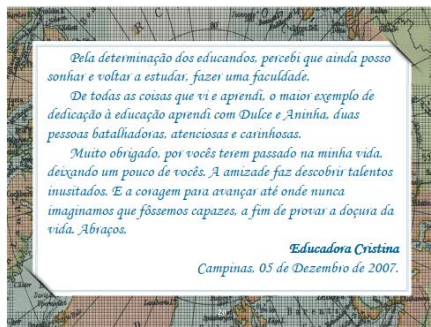
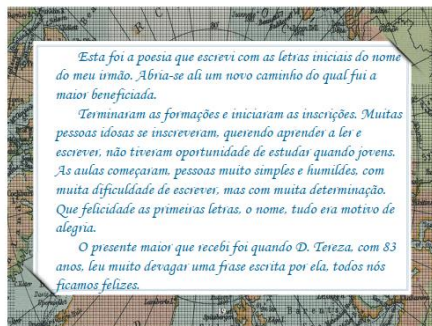
CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

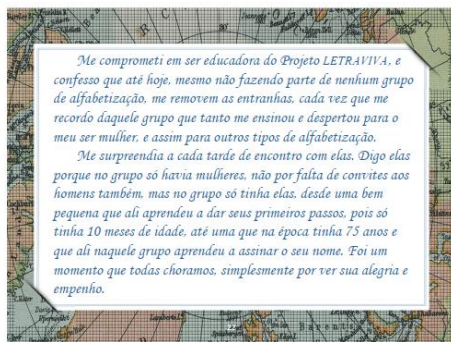
André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

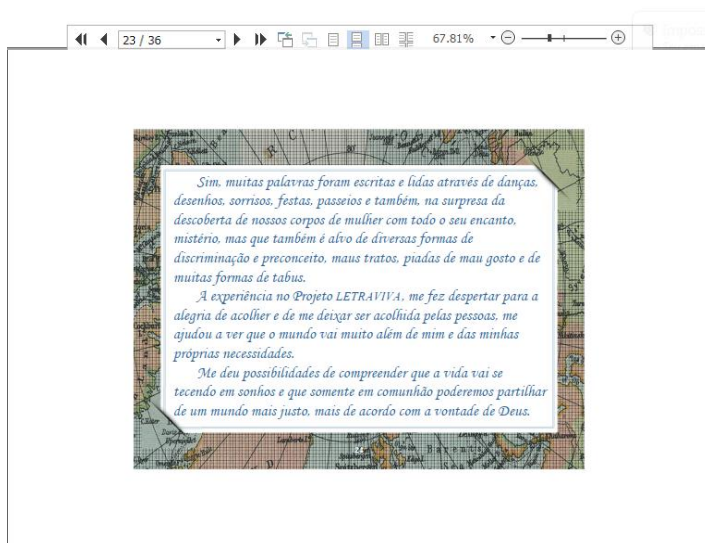
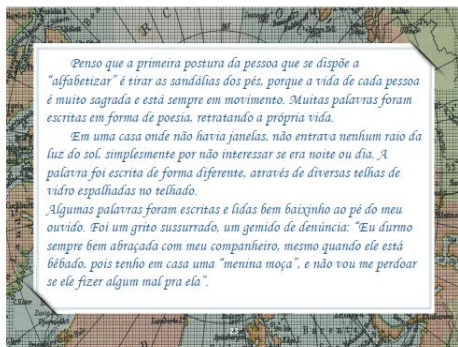
André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)





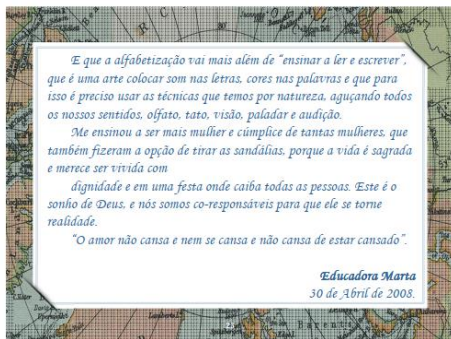
CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



*Depois de escrever
sobre sua vida,
Escreveu também
um poema para
Paulo Freire*



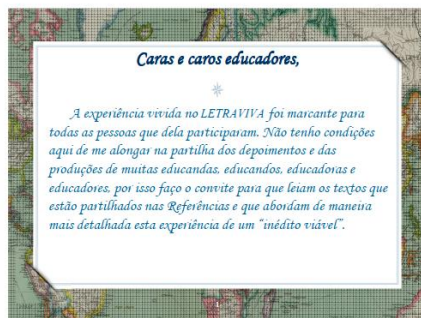
Impossível
Seu espaço

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

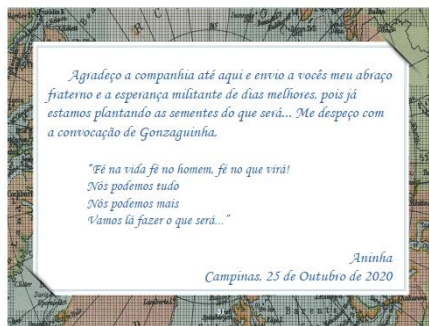


Impossível
Seu espaço



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



Impossív
Seu espaço



CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)



REFERÊNCIAS

A CARTA. Intérpretes Renato Russo e Erasmo Carlos. Compositores: Deníl Santos e Raul Sampaio. In: *Série BIS*. Intérpretes Renato Russo e Erasmo Carlos. Rio de Janeiro: EMI, 1999. 2 CDs. CD 1, faixa 1.

CAMPOS, Ana Maria de. *Diálogos com quem ousa educar, educando-se* – a formação de educadores a partir de uma experiência de Educação Popular. 2009. 370f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2009. Disponível em: <http://rede.biblioteca.digital.puc-campinas.edu.br/8080/ispui/handle/tede/623>. Acesso em: 25 out. 2020.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Ana Maria de; PACHANE, Graziela Giusti. Vamos fazer da nossa vida uma obra de arte? *Educar em Revista*, Curitiba, n. especial 2, p. 173-190, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrpr.br/educar/article/view/13557/14010%3e>. Acesso em: 25 out. 2020.

CAMPOS, Ana Maria de. Histórias contidas e nem sempre contadas na formação de jovens e adultos. 2014. 392p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIT/254097>. Acesso em: 18 ago. 2019.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. In: FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 36 – 87.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

DISSERTAÇÕES

A CONSCIENTIZAÇÃO DO SER-MAIS (Palestra Adelar Pizzetta - UFES e MST)

Geysa Novais Viana Matias

Com este olhar inspirador embasado na militância social de Paulo Freire, foi abordado pelo companheiro Adelar Pizzetta a importância da educação para a vida, que possibilite todos os envolvidos o pensar e refletir criticamente sobre a sociedade. Para ele, a educação só é transformadora quando permite aos sujeitos mudarem os olhares para sociedade que vivem.

A obra "Pedagogia do Oprimido" foi abordada como base, para a tomada de consciência social e política numa educação inédita viável que nos situe nesta realidade com sabedoria, para termos esperança no amanhã que almejamos, através das atitudes que construam e transformem o presente. Visto que, todo ato pedagógico é um ato político, pois numa educação libertadora é impossível a ideia de uma educação neutra, porque todos os sujeitos são imbuídos de se posicionarem coletivamente para o bem social.

Quando nós educadores negligenciamos o poder de transformação da educação, por consequência estamos nos posicionando mesmo que inconscientemente a favor da manutenção do sistema político e social vigente. Estamos corroborando com: exclusões, injustiças e mazelas sociais. Somos responsáveis pela mudança ou manutenção social, assim sendo o conhecimento e as reflexões podem propiciar a mudança gradativa da sociedade. Paulo Freire convida homens e mulheres a se envolverem coletivamente em busca dessa libertação, com ideias que vão contra esse capitalismo individualista e excludente vivenciado de forma mais cruel no atual governo.

O professor enfatizou os processos históricos que constituíram essa sociedade desumana, o que conseqüentemente impõe a necessidade de uma ruptura dessas ideologias subjugadoras através da tomada de consciência e com ações para que uma nova ordem social emancipadora seja alcançada.

Esta abordagem foi inspiradora, porque mesmo numa realidade que é de extrema crueldade e desvalorização do educador, pudemos ver que há uma luz, uma possibilidade de manter a nossa "sanidade intelectual" na busca de um futuro melhor, através de mudanças no presente.

A CONSCIENTIZAÇÃO DO SER-MAIS INÉDITO-VIÁVEL

Giselle Ferreira Gomes

Em sua contribuição, o professor Adelar Pizzeta muito me impressionou ao dizer que “as pessoas precisam perceber que as ideias que dispõem não são suas, mas **reprodutoras da ideologia dominante**”, e ao possibilitar-nos refletir sobre as várias provocações que isso implica, sob um olhar freireano. Certamente, temos sempre uma prévia noção, uma resposta “na ponta da língua” sobre o que ocorre ao nosso redor, a partir destas “verdades” a que sempre fomos submetidos, que não permitiam que em nós surgisse alguma forma de questionamento. Porém, contrapondo-se sempre a essa alienação vigente desde sempre, Freire nos diz que existe a “troca de experiência com que os grupos humanos se aperfeiçoam e crescem” (FREIRE, 1967, p. 75). Portanto, não mais precisamos pensar dentro dos moldes que alguns sistemas nos oferecem. Conheçamos agora sobre a potencialidade do sujeito, ao ir além de si mesmo. Sobre essa discussão, o professor Leandro Moreira em recente palestra concedida à Fundação CECIERJ, nos diz que

O “vir a se mais” é um conceito que é desenvolvido pelo Paulo Freire, que está relacionado com o sujeito se tornar aquela potencialidade do que ele pode ser, dele se imaginar na sua potência e de ter a liberdade para trilhar esse caminho até tornar-se esse potencial que ele gostaria de ser (MOREIRA, 2020 apud FREIRE, 1988, grifo nosso).

E é por meio do diálogo, possibilitado democraticamente nos círculos de cultura deste curso, que nós, enquanto educadores, podemos nos reconstruir e reinventar, na busca permanente dessa potencialidade, abandonando a forma de reproduzir da ideologia dominante e possibilitando interação com nossos educandos. Essa carta foi escrita não apenas a partir da fala do nosso professor, mas também a partir do pensamento e contribuições de vocês, meus companheiros de curso, mediadores e a todos os envolvidos, que permitem uma “dialogação eterna” (FREIRE, 1967, p. 5) e a produção de vários sentidos para a mobilização coletiva e individual na práxis de cada um. Assim, entendemos que, como nos ensina Freire “... existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem” (ibid.). Finalizando minha fala sobre esse encontro, recordo Pizetta, quando nos diz que

Se a gente ver a história como possibilidade e não como algo determinista, que as coisas já estão dadas, então nós encontramos ali perspectivas de um futuro que se constrói no presente, ou seja, o amanhã que nós almejamos, é aquilo que nós vamos conseguir construir no presente (PIZETTA, 2020).

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967

PIZETTA, Adelar João. Aula 04: A Conscientização do Ser-mais. Inédito-Viável. (2h). Realização do Centro de Educação Paulo

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Freire. IN: Paulo Freire Educador do Mundo. Youtube.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Pm-](https://www.youtube.com/watch?v=Pm-6L5ucqEI&list=PLC0E4Q3gec-Q9HaI9W_7SGKXwvEKw51TK&index=4)

[6L5ucqEI&list=PLC0E4Q3gec-](https://www.youtube.com/watch?v=Pm-6L5ucqEI&list=PLC0E4Q3gec-Q9HaI9W_7SGKXwvEKw51TK&index=4)

[Q9HaI9W_7SGKXwvEKw51TK&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=Pm-6L5ucqEI&list=PLC0E4Q3gec-Q9HaI9W_7SGKXwvEKw51TK&index=4). Acesso em 03 nov. 2020.

MOREIRA, LEANDRO. 2º Webseminário "Arte & Ciência:

diálogos possíveis". (2h11min). Realização Eureka! Cecierj.

Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tj-](https://www.youtube.com/watch?v=tj-abySWN-A)
[abySWN-A](https://www.youtube.com/watch?v=tj-abySWN-A). Acesso em 28. nov. 2020.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

ENSAIOS

SOBRE SER-MAIS. SOBRE INÉDITO-VIÁVEL

Hélio Tinoco

Conceber a educação para além do ensinar pedagógico, didático, construindo um cognitivo.

É fazer enxergar que o muro da escola não passa de um limite, senão meramente edificado. É reconhecer extremamente em si, a incessante possibilidade do poder conquistar, rompendo todo autodomínio, imposto por uma “ordem” farsante e frustrante.

É buscar preencher-se com as mais variadas possibilidades de ser, e, principalmente, no ato e no efeito de humanizar-se humanizando o outro. É reconhecer na utopia, a realidade da conquista, estimulando no semelhante o auto reconhecimento que ele pode ser mais e melhor de tudo aquilo que já o é.

É olhar para a linha do horizonte tomado pela certeza que ela não se limita aos olhos, porém é o alvo de toda conquista.

É o não aceitar-se como limitado e vazio, a ser satisfatoriamente preenchido pelo pouco da imensa possibilidade de transformações e conquistas de tudo que é possível para o ser cidadão, e não o ser meramente humano.

É acender no semelhante a consciência de educar e educar-se, num movimento para alcançar sempre mais. Não como o limite da conquista de um atleta, mas com a inquietação de que não há limite quando temos a certeza de que toda possibilidade de transformar-se é incessante.

UM DIÁLOGO IMAGINADO ENTRE MANOEL RODRIGUES E PAULO FREIRE

Manoel José Rodrigues Filho

TEMA: CONSCIENTIZAÇÃO DO SER-MAIS. INÉDITO VIÁVEL

01 - MANOEL - Paulo Freire, no seu livro PEDAGOGIA DO OPRIMIDO percebemos os sinais de contradição entre o ser-mais e o ser- menos, entre o comportamento do opressor e a luta do oprimido pela sua libertação. É possível que o oprimido se liberte sem libertar , também, o opressor?

PAULO FREIRE - A luta do oprimido pela sua libertação já é um fato que vem tomando corpo a medida que as “ minurias” tomam consciência, se organizam e descobrem sua capacidade de ser-mais e isto se percebe nas diversas frentes de lutas contra as injustiças sociais e trabalhista, contra o racismo, contra a homofobia, contra o feminicídio , contra a intolerância religiosa, contra os latifúndios , inclusive do saber. A luta para libertar o opressor da sua ação desumanizadora é possível mas tem suas dificuldades uma vez que o veneno que os alimenta é muito forte: o capitalismo selvagem com base no colonialismo e no imperialismo escravocrata. O importante agora e fortalecer o povo que sempre foi oprimido e teve seus direitos negados.

02 - MANOEL - Paulo Freire , como você se sente diante desta polêmica de retirar seu nome de “patrono da Educação brasileira” ?

PAULO FREIRE – Meu caro Manoel, esta reação é uma prova de que a burguesia, os neo liberais, que veem o homem apenas como uma das peça de suas máquinas e os defensores da educação bancária estão preocupados e incomodados e até de certa forma com medo da educação problematizadora e

libertadora que leva os homens e as mulheres a pensar e a agir a se tornarem sujeitos de sua educação e defensores da sua cultura, que sabem que a palavra tem sentido e tem poder. A minha alegria não está no título, mas em ver uma população empunhando a bandeira da liberdade, se pondo em marcha, derrubando as cercas do latifúndio, inclusive do saber e ocupando dignamente o seu espaço na sociedade. Se isto deixar de acontecer ficarei triste e preocupado.

03 - PAULO FREIRE - Manoel, você já esteve próximo de um opressor, já conviveu com algum dele? Se sim, quais as suas aprendizagens dessa convivência?

MANOEL - Sou da zona da Cana de açúcar, nasci, me criei, estudei e tive meu primeiro trabalho numa usina de açúcar. Frequentei a casa grande, convivi com os patrões e tive com eles um “bom relacionamento”. Me sentia bem em ser “um negro de alma branca” ou “o boi que pulou a cerca”. Todavia, tive um pai também operário da Usina que me ajudou muito na formação da minha consciência de operário, para compreender qual era o meu lado e qual o meu papel neste processo. Que eu não era negro de alma branca, que eu era negro e que alma não tem cor, e que eu não era boi que pula cerca, eu era gente. A prova deste aprendizado com meu pai contrariando o aprendizado da casa grande é que participei ativamente da greve dos operários da indústria açucareira, reivindicando melhores condições de trabalho e salários dignos. O que aprendi na casa grande eu inverti e apliquei de forma favoráveis para os trabalhadores e trabalhadoras da cana.

04 – MANOEL - O Professor Adelar João Pizetta em sua aula sobre CONSCIENTIZAÇÃO DO SER-MAIS, O INÉDITO VIÁVEL falou que para compreender sua obra, especialmente A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO precisaríamos focar em dois

pontos: A educação como ato político e o ato pedagógico como um ato coletivo. Caríssimo Paulo, você pode me ajudar entender melhor esta colocação do Adelar?

PAULO – Amigo Manoel, vou citar alguns trechos da minha obra Pedagogia do Oprimido e espero que eles te ajudem: “Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. [...] A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por si mesmo, ação com eles.[...] A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transforma-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho -, também não é libertação de uns feita por outros.” Agora eu te pergunto Manoel você tem lido os meus escritos? Se já os leu, releia e reescreva-os, reinvente-os, mas não me copie.

05 - PAULO FREIRE - Manoel , você se considera um sujeito consciente?

MANOEL – Sim e Não. A formação da consciência é um processo que está relacionado com a realidade social, econômica e cultural em que estamos mergulhados. Está relacionado também com a nossa incompletude. Como sujeito histórico eu estou neste processo. O capitalismo tem arquitetado novas estratégias para copitar adeptos e manter o fosso das desigualdades, por isto cada dia devemos tomar a consciência de que estamos vivos, que somos sujeitos da nossa história e que somos capazes de lutar na construção de um

mundo mais humanos. Penso que, no momento em que eu me considerar um sujeito plenamente consciente eu me fecho, deixo de esperar acreditar que tudo já foi feito e me torno presa fácil para o opressor que todo dia tem uma nova estratégia pra me iludir e me aquietar.

RELATOS DE AULA

Mônica Nascimento da Silva

Na última aula teve questionamentos muitos importantes e reforçaram a prática do que vejo como a educação deve Reexistir! Que a nossa fala seja nossa Práxis! Por vezes são muito difíceis os processos mais são necessários para sempre revisitarmos a nossa prática enquanto seres humanos e educadores. A mudança só será efetiva pelo coletivo por isto talvez o mundo esteja assim tão hostil para quem sente demais. E que a história nunca nos libertou enquanto indivíduos, mas escravizou, colonizaram e assim não houve rupturas com este processo opressor histórico. E que precisamos está com o mundo, sendo sujeito ativo da nossa história e do mundo. Fiquei pensando muito sobre a fala do Adelar por que o professor tem que ser a figura central, não deve e nem deveria e que palavras devem ser partilhadas e que o estudo é uma ação revolucionária! E sim é preciso ter um sonho e uma utopia! Que a ordem do capital deve ser rompida para dar início a uma consciência socialista. E o que me deixou com mais "quentinho no coração" é ter coragem de gritar, mostra se sem medo, refazendo caminhos e aumentar a nossa força no Presente e construí a nossa Pedagogia. E que se existem questionamentos e dúvidas é porque há dialogo e assim uma mediação do conhecimento. Sobre as questões levantadas foram de suma importância e nos fazem refleti qual o nosso lugar no mundo? O que estou fazendo?

Nas questões propostas inicialmente pelo Manoel **"Como trabalhar com o oprimido para que este se recuse a hospedar as ideias do opressor se o opressor tem usado da estratégia de beneficiar os seus "novos" escravos?"**.

Para mim através de uma educação, rodas de conversas, espaços de culturas, cursos que promova o dialogo mostrando o que somos nossa essência e vivencias sem medo e que possamos aprender com a fala do outro sem julgamentos, só acolhimento e espaço para a Práxis.

Já a questão da Marle **“Como chegar ao inédito viável nesta atual conjuntura, especificamente com aqueles/as que nunca leram Freire, e ainda assim o atacam?”**.

É uma pergunta muito difícil, entretanto basta abriremos nossos corações e enxergarmos o outro, mas o outro no seu todo, com as suas necessidades, dúvidas, aqueles que não têm o comer, onde dormir, não tem amor se eles conseguirem entender que estas situações proveem de um capitalismo desumano, não precisar citar Freire, mas agir com aquilo que ele nos ensinou e para mim seria mostrar aos oprimidos que somos mais fortes juntos não precisarmos ser opressores, precisamos nos libertar.

Já a questão da Elizandra **“Diante de tantos ataques ao professorado, como fortalecer a ideia do “ser mais”?”**

Através do dialogo com seus pares, através do coletivo, sem medo de perder algo, mas com a certeza da construção de algo maior, esquecer este egoísmo e a falta de união, sabe que envolve muitos fatores, mas só a coletividade poderá romper este sistema opressor.

A questão da Simone **“O que pode haver enquanto “estar sendo” entre o oprimido e o opressor algo que rompa esta dualidade”. Ela é a única possibilidade? Mas existem formas de estar sendo além do opressor e do oprimido?**

Acho que sim, sendo pelo coletivo e pelo socialismo.

A Arlete indagou **“como trabalhar a ideia do ser mais com as crianças”** pensa que seria com a autonomia e o poder de escolha e questionamentos desde sempre, como por que não

podemos sujar o chão? Trazer questões que permeia o mundo e sua realidade.

A Lili me incomoda **o inédito-viável das plataformas de aulas remotas que irão excluir mais ainda os discentes do país.** Fale um pouco sobre isso.

Como poderíamos mudar isto enquanto educadores? O mundo não irá parar se todos os educadores dissessem Não?

A Simone questiona **Temos muito movimento popular com história de força, mas muitos não se conhecem, seria importante unificar ações de modo a caminharmos juntos para esta utopia?**

Sim, permitindo o dialogo e a abertura com todos a partir de nós.

Já a Sabrina Mendes **“quais seriam esses benefícios da questão feita? por que os trabalhadores não têm benefício algum, são expropriados diariamente de corpo e alma”.**

Por que ainda não nos identificarmos como parte do tudo, nos sentimos acuados e reprimidos com medo do desemprego, da fome, mas me pergunto por que não pararmos ser tão egoístas e começarmos a romper este processo capitalista?

E novamente a Simone **“Será que a militância seria o "estar sendo" entre estes dois polos oprimido e opressor?”.**

Sinceramente de certa forma a partir do momento que os acordos e as “politicagens” são colocados as frentes do povo podem citar a política atual de São Paulo do qual o partidos dos trabalhadores poderiam ter se juntado com Boulos e Erundina para não dividi votos e novamente temos esta política elitista e assassina dos partidos de direita e extrema direita!

TANTAS PERGUNTAS...

Mônica Nascimento da Silva

O que é Mística?

Qual o sentido da vida?

Qual o sentido de nossas existências?

Como na prática freiriana podemos mudar as vidas dos sujeitos/educandos?

O amor é realmente uma escolha?

Tantas perguntas me vieram na aula da semana passada e de um novo conceito que é a Mística que não conhecia. Entendi que esta é muito além do eu, muitas vezes somos egoístas a tal ponto que nos esquecermos dos outros e nós perdermos em nós mesmos, nos quais os pensamentos nos perturbam e esquecemos o nosso projeto de vida. E que o amor genuíno e solidário é além do que somos e sim mais o que fazemos. O desejo de mudar o Mundo penso que seja de todos, mas o que fazemos? Sinto-me inerte perante o mundo e penso demais sobre tudo, talvez por isto dói às vezes Existi. O convívio com o melhor de nós mesmo é um aprendizado, assim como o educar e o amor. Não podemos falar de educação sem amor? O que é educação? O que é amor? Tem coisas que não se definem só sentirmos e que beleza e quanta poesia quanto realmente nós entregarmos sem pudor com toda nossa essência, quando fecharmos os olhos e sentirmos o vento ou quando entendermos que o amor é um sentimento e assim é mística é que nos move, o que nós faz levantar todos dos dias. Entendo que a mística é o profundo de nós mesmo, o quanto estamos dispostos a realmente nós entregarmos sem política e sem prostitui nossas almas e sem jogos. A mística como sentimento, mas uma emoção que irá se materializar a partir de

nossas vivencias. Quando acontece o despertar para a vida? Quando percebermos que só a luta, o nosso amor genuíno e o nosso projeto de vida nos salvam? E porventura salvam o mundo. Como não desabar? Quando seremos todxs capaz de amar generosamente e amorosamente sem interesses? Estas questões só me fazer pensar e reafirmar que a dúvida nós faz permanecer vivos e tudo bem se muitas vezes não tivemos forças e afundarmos, mas o importante é entender como sair e como crescermos nestas crises e como o professor mencionou é Preciso ter reservas para os momentos difíceis, pois sempre existiram e que somente o amor nos salva. A educação é coletiva. A pandemia nós trouxe aos menos além de perdas, o espelho da sociedade, a fome, o egoísmo, a insegurança alimentar e como as pessoas morrem de descuido e como morreremos a cada dia e nem percebemos. Por fim devemos reforçar os laços, espalhar consciência social e fazer aquilo que realmente nos toca profundamente e assim daremos sentido à vida, o que te faz viver? Qual o seu projeto de vida?

Por fim, pode ser utópico, mas aos menos tentar mudar o Mundo através da educação, sem este modelo atual um modelo para a vida e que ser diferente ou senti demais ou acreditar no amor solidário não nós faz fracos, mas sim fortes! E talvez a nossa maior luta que talvez poucos entendam é sermos nós mesmos e ter coragem de amar genuinamente desde as os caramujos no quintal até nossos educandos, filhos e companheiros de luta e vida!

O EDUCAR COM AMOR

Mônica Nascimento da Silva

Falar de Freire para mim é base de tudo que acredito e sempre acreditei desde o primeiro ano de Licenciatura. Na graduação e mestrado encontrei professores demagogos e bancários que visavam um ensino tradicional e sem amor, mas com a minha vivência com a minha mãe sabia que só a educação e o amor genuíno nos libertariam e daria coragem apesar das quedas. Mesmo com exemplos um tanto contraditórios logo percebi que ser educadora era um processo e até hoje não me coloco como tal, pois penso que somos inacabados e estamos num processo de crescimento, transformação e empoderamento de classes, lutas e como mulher e ser no mundo. Quando leciono sinto um nervoso e uma alegria tamanha de senti “borboletas voando” em meu estômago e quando observo meus educandos vejo amorosidade nos quais seus questionamentos e o brilho do olhar me faz emocionar. Tive vivências únicas e transformadoras que mostraram que só o educar com amor faz o educando dar significado e sentido aquele conteúdo, imagine Física, por que aprende física? A física é só uma ferramenta para falarmos de amor, respeito e sermos abraçados com ternura pelos nossos educandos e para mim uma segunda família. Entretanto neste mundo hostil ser o que somos com a decência da boniteza e assim a decisão ética de ser e amar profundamente me senti podada, mas ao mesmo tempo liberta que certos espaços não contempla a educação libertadora, mas a bancária e escrevo isto com tristeza, pois que ama o que faz e lhe é tirado isto é uma dor insuportável, mas com mais leveza a certeza que o educar é lutar para que todos tenham condições e a garantia de seus direitos. Assim

Amor.
Sonho!
Utopia.
Boal.
Freire.
Vida!
Escutar o vento.
Ouvi os sons.
Abraçar as palavras.
Amar.
Esperançar.
Aprender com alegria.
Voar!
Construí.
Transformar!
O que te move?
O que está sentindo?
Vivo.
Feito casulo.
Ora borboletas!
Educadora!
Basta de violência!
Matar a Mãe Terra.
Queima os seres.
Sangrar.
Amor.
Justiça Social.
Tolerar.
Amar.
Acolher.
Ser.
Somos!

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Universo.

Freire Presente!

Uni-vos educadores!

O vermelho que junta.

Dilacera.

Floresce!

Dar aula com gozo!

Fazer amor educando.

Ser.

Senti.

Estar!

O SOL NASCE PARA TODXS: SONHAREMOS!

Dalva Mendes de França

A partir das discussões abordadas pelo grande educador e estimado companheiro Adelar Pizetta (2020) referente a contribuição do pensamento de Paulo Freire, na luta pela construção dos processos político pedagógicos, da amorosidade, da humildade, de formação e emancipação humana, acredito que, pensar permanentemente sobre nossa práxis nos impulsiona a acreditar que ainda há muito a ser cultivado, aprendido-ensinado, vivido, experienciado.

Neste sentido, refletir sobre nossas ações educativos nos remete re-pensar: Como vem sendo tecida a constituição e desenvolvimento da sociedade brasileira? Educar para que? Que práticas educativas temos exercitado na escola e/ou movimentos sociais? Qual o nosso papel enquanto educadoras/educadores militantes das causas do povo oprimido? Qual o sentido da educação para a classe trabalhadora?

Sabe-se que historicamente a sociedade brasileira carrega consigo traços de um processo de desumanização, resultado de um país injusto, que explorou/explora, massacrou/massacra, escravizou/escraviza e continua exterminado seres humanos, destruindo a Mãe Terra e seus habitantes. Com a implantação e desenvolvimento do modo de produção capitalista a barbárie se aprofunda - o aniquilamento dos recursos da natureza, a opressão e eliminação dos marginalizados (negros, mulheres, LGBTQI+, pobres, índios) se ampliam -, como se esta atrocidade fosse natural.

Mas entendemos que a partir do engajamento das pessoas nos movimentos de formação da consciência e luta, permite-as irem percebendo que a realidade vem sendo

conduzida em direção a valores anti-humanos, mas que ela pode ser modificada coletivamente. Que há possibilidades de resistir e contrapor as amarras do capital.

As questões levantadas nos provocam também a repensar nossas práticas nos espaços de produção de vida, pois, nós enquanto educadoras/educadores militantes, seres históricos, sociais e políticos, temos a empreitada de estudar sempre, de buscar novos conhecimentos, de contribuir com o desvelamento da realidade. Somos convocados a provocar as pessoas a refletirem, a pensar e se tornarem sujeitos deste processo educativo. A História nos evoca a assumir uma postura política e problematizadora; de seres humanos comprometidos com o cultivar da memória das bravas lutadoras e lutadores, com a organização e lutar pela libertação e emancipação humana.

Tais indagações nos impulsionam a perceber o nosso papel nos processos formativos, pois, jamais podemos esquecer que somos seres humanos inconclusos, inacabados, e, estes movimentos de autoformação e de busca, se inauguram na ação coletiva com os seres da natureza, permitindo assim, que as pessoas tenham condições de dizer a palavra, de pensar, de ler o mundo. E nesta ação dialógica, desafiadora, amorosa e criativa possam ir se constituindo sujeitos dos procedimentos educativos, construindo se na relação com o outro e com o mundo, numa marcha rumo a construção de novos seres sociais.

A crença na possibilidade da classe trabalhadora, prosseguirem a caminhada com alegria, resgatando a memória, vivenciando a mística, conhecendo e desvelando a história nos impulsiona a projetar o futuro, a acreditar no sonho, na utopia de que conquistaremos uma sociedade diferente, sem explorado e exploradores, sem opressor e oprimido. Um mundo de mulheres e homens livres. Seres

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

conscientes de sua função na sociedade, sujeitos capazes de lutar com ousadia e de se encantar com a melodia da poesia ecoando: Socialismo!

(Dalva Mendes de França, MST/ES, 22/11/2020)

REFLEXÃO BLOCO 1

Maria Celina Pedroso Alves

Como trabalhar com o oprimido para que este se recuse a hospedar as ideias do opressor se o opressor tem usado da estratégia de beneficiar os seus "novos" escravos????? quais seriam esses benefícios da questão feita? por que os trabalhadores não têm benefício algum, são expropriados diariamente de corpo e alma O que pode haver enquanto "estar sendo" entre o oprimido e o opressor algo que rompa esta dualidade. Ela é a única possibilidade? Mas existem formas de de estar sendo além do opressor e do oprimido? Será que a militância seria o "estar sendo" entre estes dois polos oprimido e opressor?

Refletir sobre o que mantém opressor e oprimido agindo de forma "colaborativa" é um grande desafio e remonta a própria o início da humanidade. Sentir-se livre e autônomo não é algo que está intrínseco ao homem, basta ler com mais detalhe a Servidão Voluntária⁵, mas muito antes já haviam grupos que achavam melhor ser escravos do que viver à própria sorte.

Sendo assim, cultivar o espírito de liberdade e a autonomia é algo que deve ser iniciado desde a infância, mas no princípio que discutimos vamos além pois são insuficientes para que haja justiça social, é preciso também incutir e desenvolver o senso de justiça, solidariedade e fraternidade.

O diálogo e um ambiente cooperativo pode permitir que o oprimido rompa com os benefícios que o opressor lhe

⁵Discurso da Servidão Voluntária é um discurso de autoria de Étienne de La Boétie, publicado originalmente após sua morte em 1563. O texto foi elaborado depois da derrota do povo francês contra o exército e fiscais do rei, que estabeleceram um novo imposto sobre o sal. Wikipédia

concede como sustento, proteção, segurança e talvez até um certo reconhecimento, algo que para muitos já é suficiente para continuar a ser subserviente. Mas até que ponto esta posição de oprimido é clara para o indivíduo, quando ele começa a enxergar o opressor e o que lhe mantém nesta condição?

Pensemos que o espaço privilegiado da transformação das mentes e corpos é a educação, vejam bem, não a escola, instituição formal que milita sob a égide da ideologia e interesses dos que estão no poder, mas algo maior, mais abrangente e que pode estar em espaços formais, não formais e informais.

Penso que é preciso criar o hábito de discutir a realidade que vivemos independente de estarmos formalmente estruturados para isso, falo isso porque a liberdade e a autonomia de pensamentos e ações surge lentamente, pelas nossas práticas cotidianas, nossas conversas e ações. Portanto, o ato de discutir a nossa realidade e as forças que nos mantém reféns de sistemas injustos e alienantes precisa ser calculado e organizado, não mais espontâneo e ocasional.

Neste sentido, a militância que penso ser necessária é aquela que envolve toda a nossa vida, nos transforma em seres fraternos, políticos e também, porque não, amorosos para com o sofrimento alheio para não mais aceitar que as injustiças fazem parte de um sistema mais poderoso que todos nós juntos.

LUTA; VIDA; ESPERANÇA

Taís Rodrigues da R. M.

Nos tempos atuais, é mais que necessário procurarmos nos juntar em busca de conhecimento, troca e diálogo. Mas também procurar por pessoas que abracem os mesmos ideais, pensamentos, como uma forma de pertencimento, de que não estamos sozinhos, lutando contra um sistema opressivo, que procura a todo tempo, desqualificar os que são contrários ao modo de agir e pensar.

Enquanto penso nas questões que estamos vivenciando, direta ou diretamente, percebo que o momento é muito importante e necessário de acolhimento, união e solidariedade e porque não dizer, de muita luta.

Luta a favor da cultura, da classe trabalhadora, da educação, das pesquisas, da liberdade de fala, e contra a exclusão, o racismo, a intolerância, a indiferença, a negação do diferente e a negação, também, da ciência.

Um governo, que como representante de um Ministério da Educação, aponta que os professores são aqueles que não conseguiram outra colocação, que optaram pelo magistério como falta de opção, soa agressiva e remete a uma reflexão da importância dispensada a educação pelas autoridades e à conscientização de que lutar por uma educação realmente transformadora, conscientizadora, que leve o aluno a pensar, falar, questionar de forma crítica e a refletir sobre os acontecimentos, formará sujeitos críticos, capazes de reconhecer seu lugar na sociedade e não negá-la, mas sim, ser capaz de lutar por um país mais justo e menos desigual.

Pelo menosprezo dado à ciência, por parte do governo e também por um pensamento elitista, que insiste em negar/não enxergar as diferenças, chegamos a 156.926 mortes e a

5.381.224 casos registrados, em plena pandemia. Pandemia essa que trouxe consigo muitas perdas. Perda não só do ente, mas também da tradição em cultos de despedida dos corpos, como na tradição indígena, por exemplo. O respeito às tradições não pode ser cumprido. A não obrigatoriedade de tomar vacina, como discurso mais atual de irresponsabilidade, talvez nos leve a um aumento de casos de doenças já erradicadas daqui a algum tempo, nos remetendo a um retrocesso na saúde.

A pandemia acentuou as diferenças sociais, o desemprego e deixou escancarada a fome, a miséria e o descaso com aqueles menos favorecidos, excluídos da sociedade, que não conseguiram sequer realizar cadastro para recebimento de auxílio. O auxílio para essas famílias surgiu através da solidariedade, da mobilização social. As queimadas na Amazônia também atingiram os povos indígenas, a população ribeirinha e pescadores que vivem da natureza para garantir seu sustento.

As autoridades apresentam uma falta de compromisso com o outro, um desrespeito não apenas com os seres humanos, com a classe trabalhadora, os direitos humanos, mas também com a natureza, onde se nega dados comprovados por órgãos competentes e tenta se eximir da culpa, procurando desculpas que não convencem. Afinal, “contra dados não há argumentos”.

Essa falta de compaixão e responsabilidade se reflete nos atos, falas e condutas daqueles que se sentem representados por essa autoridade onde o importante é salvar a economia e repetem discursos sem fundamentos, como o de que os menos favorecidos se encontram nessa condição porque querem, são acomodados; de que não existe fome no Brasil , e por aí segue....

Como trouxe o professor Luiz Augusto Passos (UFMT), não podemos negar as diferenças. Cada corpo é único, mas não somos únicos. E como seres sociais que somos, é na relação e também na diferença que nos construímos como sujeitos. Precisamos conviver com as nossas diferenças e lutar por uma igualdade social, por uma sociedade mais justa, mais aberta e democrática e não tentar aniquilar com medicamentos de eficácia duvidosa e liberação de agrotóxicos, que só favorecem as empresas, ao mercado capitalista.

Quando o professor traz em sua fala conceitos como respeito, bondade, simplicidade e fraternidade, o amor aos animais e também as falas de Papa Francisco, me lembro de São Francisco de Assis e de sua oração (das mais bonitas, na minha opinião) "Onde houver ódio que eu leve o amor, onde houver ofensa que eu leve o perdão,..., onde houver desespero que eu leve a esperança..."

E, é pensando nessa oração, na história de vida dele, é que precisamos lutar usando armas contrárias ao sistema vigente em prol de uma transformação social.

Lutar com humanidade, amor ao próximo, doçura, paciência, solidariedade, lucidez e tolerância.

É urgente e necessária a luta contra a agressividade, irresponsabilidade, a omissão e o preconceito. É lutar contra o retrocesso, contra pensamentos retrógrados e excludentes, contra a desvalorização do outro, é abraçar e conviver com o diferente, com seus pensamentos, suas culturas, crenças. É estar atento e disposto a ouvir suas histórias, suas formas de enxergar os acontecimentos, mas desde que esses pensamentos não firam, não agridam, não seja um discurso de violência, de segregação, de exclusão.

Lutar contra as mídias sociais e as informações falsas encontradas, que acabam sendo compartilhadas e disseminadas, sem uma checagem da informação, sem uma

análise crítica de conteúdo. É mostrar que não somos algoritmos, mas seres capazes de pensar, analisar e agir.

Como visto, o contexto que vivemos é assustador, mas não podemos desanimar. É um momento de luta, de estar a postos, de estarmos atentos, mas não podemos jamais perder a esperança. Mas como disse Paulo Freire, “esperança do verbo esperançar. Se não será apenas, espera.”

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

POESIAS

A CONSCIENTIZAÇÃO DO SER-MAIS

Adriana Silva Lemos

Que nossos coletivos se unam cada vez mais
Lutando por nossos ideais
Lendo e escrevendo o mundo
Fazendo história, indo fundo
Na busca por política social
Onde o bem sempre vence o mal
Onde a justiça seja feita
E a humanidade seja eleita
Para possibilitar uma melhoria
Que deve acontecer a cada dia
Construindo um coletivo
Que seja enfim efetivo
Transformando nossa realidade
Juntando o campo e a cidade
Fortalecendo nossas lutas
Mesmo que as realidades sejam brutas
Diante do desgoverno que aí está
Nossa força não pode acabar
Conscientizar e não desistir
Desafiar e insistir
Numa educação que construa
E contribua
Para a emancipação do cidadão
Em ação e em reflexão
Apropriando de sua história
Nesta vida tão contraditória
Com lucidez compreender
Que o oprimido deve aprender

Que possibilidades existem
Para aqueles que não desistem
Não estão determinadas
Podem sim, ser mudadas
Se situar de forma radical
Com utopia e esperança pontual
Que nos projeta para frente
Fortalecendo nossa gente
Criando perspectiva de um futuro
Onde ninguém fiquem em cima do muro
Onde o presente se faz importante de fato
Parteando um futuro estupefato
Onde a palavra seja pronunciada
Explicitada, expressada
Numa educação libertadora
Que afirma uma posição emancipadora
Diferente deste mundo individualizado
Que nos é colocado
Concretiza
E desumaniza...

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

O ISOLAMENTO ISOLADO

Alberto Dias Mendes

No isolamento, isolo-me do mundo isolado
Distanciado do mundo, isolo o verbo e o predicado
Nunca o sujeito

AO SER DESCOBERTA

Alciliane Antunes de Sousa Bonomo

Ao pensar, sinto... Ao sentir me distraio...
Ao se distrair, me oprimo... Ao me oprimir, sinto...
Inédito viável seria o opressor usando estratégias de
convencimento.
Inédito viável seria além do opressor estar em destaque, o
oprimido desfalecer.
Ao pensar... Como pensar? Sinto tristeza ao me distrair, a me
oprimir.
Quero viver, quero correr, contar histórias de lutas vividas e
vitórias, mas lembrar
me das percas, por isso quero sentir.
Inédito viável seria a ideia de alegrar se com o que não se sabe
o que é.
Ao pensar, descubro e sinto o desejo do sonho realizado com
público ou sem
público, com aperfeiçoamento de ser aquele que, acredita em
dias melhores por
ser resistência sujeito da minha própria história.

O DESABROCHAR DE UMA EDUCADORA

Aline de Abreu Andreoli

De uma criança que amava ler,
Profundos poemas, na juventude,
Passei constantemente a escrever.
Um dia o “Vento” bateu tão forte
Que me fez tomar uma atitude
Mudando definitivamente minha sorte.
Entrei na faculdade querendo ser Escritora,
Depois de alguns alguns anos, muita teoria,
Didáticas e estágios mudaram meu norte,
Quando notei, eu já era uma Professora,
Mas em cada aula fui percebendo,
Que ao ensinar eu muito mais aprendia,
Então, para entender a transformação
Que comigo estava acontecendo,
Resolvi começar a estudar o que podia,
Sobre todos os tipos de Educação,
Fui confirmando “que a leitura do mundo,
Realmente, precede a leitura da palavra”,
Que educar é um ato político e não é estático,
pois o mundo está em constante evolução.
Fui me adaptando de modo profundo,
Juntando à minha práxis, tudo que estudava,
Com esse processo ocorreu algo fantástico,
Eu, que um dia fui botão, uma rosa me tornei,
Gratidão a todos professores e estudantes
Que contribuíram para o meu desabrochar
Nas escolas, estágios e em todos os instantes
Pois, tornaram real um sonho, que eu nem podia
imaginar

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Quando dei por mim, já era uma Educadora
E hoje, tenho a certeza de que nasci para Educar...

PANDEMIA

Astanilsen Duarte

Em tempos de pandemia
passamos tanta agonia
É de noite e de dia
Pai nosso ave Maria
Valei-me Santa Luzia

Todo povo , não sabia
que isso ia acontecer um dia
E que a vida mudaria

È preciso paciência
e muita resiliência
Pra aguentar tanta
Sofrência

De onde vem tanta força
Fica a pergunta na boca
Será que a gente aprendeu
A lição que a vida deu?

A TEIMOSA ARTE DE LUTAR

Dalva Mendes de França

Paulo Freire nos mobiliza
A celebrarmos a vida, a arte de amar.
Brindar com alegria, a oportunidade
De com os outros, dialogar,
A importância de educar pra a vida,
E a realidade poder transformar.

A História nos convoca,
O conhecimento sempre buscar.
E com sabedoria, criatividade,
Tencionar,
Os que em nome do capital,
A perversidade quer instalar.

Com requintes de crueldade,
Insiste em tudo e todos padronizar.
Assim como mercadorias, as vidas,
Explorar e descartar.

Mas em marcha,
A poesia embala nossas lutas,
A sensibilidade de enxergar,
O quanto a Mãe Terra
Tem pra nos ensinar:
Nos presenteia com sementes, água, ar,
Sombra fresca,
Frutos para saborear.
Flores na primavera,
Beleza maior, não há.

O sol aquece nossos sonhos,
A lua vem celebrar,
O carinho dos namorados,
E as estrelas... os encantar.

Vejam!

A natureza vem contemplar:
O uno e o diverso,
Pra vida no Planeta preservar,
Cultivando a amorosidade,
A pluralidade vamos abraçar!
Consciente de seu papel,
A humanidade a de se levantar,
E na batalha por mudanças,
A luta reinventar.

Com alteridade, ousadia, solidariedade,
Viver o verbo esperançar,
E em comunhão com os seres humanos e a natureza,
Ter o prazer de partejar,
Uma educação libertadora,
Com o compromisso de experienciar,
A partilha de saberes,
E com alegria compartilhar,
O sonho de uma Casa Comum,
Vamos juntas/juntos conquistar!

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

PROCURA

Maria Aparecida Santos de Aguiar

Procuro
Ser único
Singular
Diversa
Mulher, Homem
Ser inacabado
Incompleta
Que se constrói
A partir das errancias
Desse sujeito
Que no coletivo
Busca esperar
Sua Humanidade!

Ilhéus Bahia, out/2020

O CONHECIMENTO NOS LIBERTA

Laura Pereira Leite

Com a simplicidade nas palavras
descrevo esse momento valioso
momentos de leituras e diálogos
em busca de sabedoria e amor um pelo outro

Nesse processo formativo
com Círculos de Cultura
diálogo, participação, trabalho em grupo
Aprendizado respeito e amor mútuo

Círculos de Cultura
Práxis e reflexão
Experiências, linguagens de vida
Democracia de expressão

Espaço de aprender e ensinar
Diálogo e reflexão
Trocas de experiências
Luta por transformação

Este é o lugar de tod@s
Tod@s aqueles que lutam
Por autonomia e democracia
Sociedade equilibrada
Com paz e soberania

Nesse espaço de aprendizado
no qual temos a oportunidade
de conhecer alguns

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

dos companheiros e companheiras
deste nosso Brasil afora
unidos por objetivos comuns
liberdade, luta, resistência,
transformação social...

Laura Pereira Leite
Cáceres, 26 de outubro de 2020

SEMPRE A LUTAR

Marcelo Fernando da Silva Mateus

Brasil,

Nascestes em terras férteis e solo de grande esplendor.
Rios, cachoeiras, matas, florestas e mares,
Fizestes de ti uma terra de amor.

De harmonia ímpar,
Chega a seu solo o “desbravador”.
Com toda sua pomposidade, em seus olhos e braços,

Chegou a dor.

De impetuosidade vil,
Povos a escravizar.
Por sua ganância hostil,
Indígenas a massacrar.

Não contentes com o que fizestes,
Pelo Atlântico pôs a navegar.
Sempre guiando à leste,
Seu destino Mãe África a chegar.

Numa terra infinita,
Cenário desolador.
Os habitantes desta terra,
Não deixaram em paz o “colonizador”.

Dentro de seu seio,
Agitação a marcar.

Indígenas e Negros,
A luta puseram a começar.

Colonizador eloquente,
Não via com bons olhos.
Começou a pensar,

Qual seria a forma com esse povo acabar?

300 anos a explorar,
A riqueza desta nação.
Portugal e Inglaterra,
Pôs a disputar.

E com o solo exaurido,
Com estilo mandatário
Foi assim dividido
Só para latifundiário.

Quanto à educação,
Sem nenhum tratamento
Somente precarização
Governada sem conhecimento.

Surge então no Brasil,
Um educador ferrenho.
Seu nome é Paulo Freire
Senhor de empenho.

Mostrando para nós,
Que a educação é importante.
Que devemos lutar,
E sermos militantes.

Contra as desigualdades sociais,
No mundo em que vivemos
Um país de iguais
É o que queremos.

Da desigualdade latente,
Elite sempre a aproveitar.
Terra de boa gente,
Preparada para lutar.

Fica aqui uma dica,
Para a elite da concentração.
E ao governo segregacionista
Faremos a Revolução!!!

Poema inspirado no pedagogo Paulo Freire pela atenção que deu à educação e as desigualdades sociais, e meu cotidiano frente as angústias compartilhadas entre alunos e meus companheiros de trabalho: os professores.

DESPERTA

SEM O AUTR(A)

Desperta! Desperta Amor!
Precisamos de você aqui, na sua plenitude e bondade
Se demoraes mais um pouco, talvez, seja demais tarde
O ódio está trabalhando sem descanso.
Os pássaros perdem seu guia e outros tomam seu lugar
Mas quem tomou é turvo e mal
Quem põe ordem aqui está nos levando ao caos.
Estão privatizando a água, logo ela que cai do céu.
Eles que a contaminam e envenenam serão donos.
E queimando nossas florestas, maltratando nossa Terra.
A água virá em tempestades causando erosões.
Colocando agrotóxicos em nossas plantações
Pobre povo que sofrerá de doenças por intoxicação.
Terão bebês doentes e com má formação.
Desperta! Desperta Amor!
Vem enternecer a todos.
Pois já petrificados olham a horrores e não se comovem.
A impiedade se espalha sem escrúpulos
Só o lucro importando para os cegos gananciosos
Que tudo fazem para salvar um sistema dizimador
Opressão e fome aos pobres garantindo lhes poder.
Estão deixando o povo se contaminar em pandemia
Perdendo seus irmãos sem se importarem com a morte
Cada qual vivendo suas dores e apertos calados
Tripudiam sobre corpos e mentes os malvados
São egoístas e interesseiros desprezando vidas
Mergulhando suas mãos em sangue
Vão aos poucos sobre calos formando apatia
Desperta! Desperta Amor!

Vem contagiar a humanidade com seu afeto bom
Fazer-nos irmãos que zelam uns pelos outros sem fronteiras e
sem desigualdades.

Faça-nos entender que o Universo aceita todas as nossas
diferenças

Temos nossas adversidades e assim nos complementamos
Estão tentando nos amordaçar, acabar com nossa Democracia
Mostrando-se fascistas, racistas, homofóbicos e sectários.

Mas, o ódio e a maldade, ardis, não triunfarão

Porque diante deles somos resistência e coragem florescendo

Somos esperança de amor em movimento e não desistiremos

Nossas feridas ardem como animo e sede de justiça.

Desperta! Desperta Amor!

Desperta-nos em empatia e solidariedade

Para que possamos viver em coletividade e luz.

CARTA PEDAGÓGICA

Alexandra de La Torre

A mística me mostrou
Que, através das ideias
e pensamentos Sociais,
A transcendência se faz.
Pensar no ser humano coletivo
É muito mais importante
Que qualquer outro objetivo.

Lutar junto com os companheiros
Por seu ideal
É muito mais transcendental.
E, a própria vida cotidiana, no final,
Mostra que a mística
Está no processo em geral

O que o monge Marcelo Barros mostrou,
Com suas palavras brilhantes,
Foi que a mística de Paulo freire
Vai para a além do horizonte.
Vamos ter que buscar.
E, a solução encontrar
numa simples palavra com codinome “amar”.

PAULO FREIRE

Nadja Valéria dos Santos Ferreira

*P*acificador na luta

*A*morosidade incessante, não só no olhar

*U*m ícone da justiça e igualdade

*L*eitor do mundo – um mundo em crise

*O*rientador e defensor da prática do respeito ao ser humano

*F*raternidade é seu lema e deve ser o nosso

*R*esponsividade com o outro como reflexo de meu eu

*I*dealizador de uma pedagogia que valoriza a identidade humana e

*R*emove a ideia de homogeneização cruel

*E*ste é Paulo Freire – o grande defensor dos oprimidos do mundo!

É NECESSÁRIO...

Núbia Lafaete Santos Viana

Paulo Freire me ensinou
Que é necessário sonhar,
Que é necessário ver as bonitezas da vida,
Que é necessário ir para o lugar do outro
E assim ver com ele a possibilidade de juntos mudar,
Modificar,
Transformar
Seu entorno.
Isso é que é bonito em Paulo Freire,
Se importar,
Trazer para dentro a relação com o outro para juntos,
Somente juntos,
Ser transformado
E
Transformar...

ALÉM DAS CORES

Neusa Daglisia Fernandes Teixeira

Dia/Noite

Sol/ Lua

Bem/Mal

Branco/Negro

Qual a cor do amor?

Qual a cor da justiça?

À noite, se sonha ao sabor da lua, para se construir, de dia sob o sol, o Bem: o Bem sem cor, com alma e amor...

E por mais que queiram soterrar, enterrar, sufocar nossos sonhos, saibam: o mal não tem cor e se esconde atrás de ares de superioridade, perversa autoridade, que injustamente cega o olhar da justiça e age. Age não ao Sol, à luz do dia; age na cegueira da sua mente, no vazio do seu coração, no qual nunca morou e nem morará A MÍSTICA DO AMOR. Diferente de nós, irão demorar para evoluir e aprender a conjugar o verbo amar...

Somos, fomos e seremos o ESPERANÇAR do Brasil.

CARTA PEDAGÓGICA POÉTICA

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre

Estamos aqui reunidos,
nesse círculo de cultura,
pra fazer a carta pedagógica,
e discutir a conjuntura.
O tema desse debate,
todo mundo já viu,
falar sobre paulo freire,
o maior educador do brasil.
Expôr aqui nesse espaço,
toda sua luta e labor,
pra fazer o aprendizado,
do povo trabalhador.
Mostrar que só aprendendo,
o homem pode lutar,
pelas suas idéias de classe,
para fazer o mundo mudar.
Trabalhador que se preze,
não deixa a luta não,
socializar tudo na vida,
faz dele um bom cidadão.
Ter amor e carinho ao próximo,
faz parte dessa lição,
olhar para o futuro,
esperançando um novo “chão”.
“chão” esse palco de luta,
luta essa pela união,
renovando a política de hoje
e começando uma nova discussão.
Discussão pelos seus direitos,

direitos de cidadão,
tercasa, comida e água,
saneamento e principalmente educação.
Para mudar a atual situação,
só a luta muda a vida!
Reivindicar nossos direitos,
não deixar camarada sem acolhida.
Fechando essa carta poética
e sem muita pretensão,
temos que juntar nossa luta,
e mudar nossa nação.

EDUCADOR: QUAIS SÃO SUAS POSSIBILIDADES?

Andiara Floresta Honotório

Quais são suas possibilidades?

Quem são suas prioridades?

Aqui não há neutralidade.

Qual a nossa contribuição educativa?

Se indignar com nossa realidade.

e atuar de forma crítica?

Ou contribuir para um a sociedade ainda mais passiva?

Construir mutuamente nosso processo de consciência

Reconhecer o outro enquanto sujeito histórico

Possibilitar uma educação libertadora

Nos libertar da nossa prática esmagadora.

Compreender o universo do outro

Elaborar práticas de revolução

Estabelecer o diálogo

E assim livrar-nos da opressão.

FREIRE, UMA BIOGRAFIA: IGUALDADE, AMOR E ERRÂNCIA

Manoel Rodrigues

Hoje eu escutei falar, de uma coisa interessante
Quem falou foi o mestre Passos que é muito inteligente
Referindo-se a Paulo Freire, este educador galante
Disse que a Igualdade, o amor e a errância tá no DNA da gente

Falou com a voz firme e me deixou confiante
Mas também em tom suave feito os versos de um repente
Estimulou aos freirianos para segui-lo empolgante
Somos iguais e diferentes e isto é pra ficar contente

Igualdade de direitos e o dever com o semelhante
As errâncias são de todos e nos faz tocar pra frente
Não nos torna incapaz nem tão pouco um ser errante
Servem de aprendizagem, e favorece ao aprendente

Intolerância é do opressor no seu agir indecente
Ele serve a um sistema que tem rolo esmagante
Pra fazer escravos seus, amarrados na corrente
Tome cuidado com ele, antes que ele te encante

A palavra embuchada é sinal de calamento
E a negação da diferença é opressão sufocante.
Sem a palavra algemada pra se viver livremente
Conquistaremos a liberdade com mais um grito de avante!

Passos falou de outra coisa também muito interessante
Da doce animalidade versus a humanidade cadente
Chega a ser contraditório e há até quem se espante

Mas se quiser entender viva amorosamente

Paulo Freire educador viveu muito intensamente
Pra ensinar e aprender foi da escola um amante
Ele apostou nas mudanças para um mundo diferente
Deixou sua biografia, de mestre e de estudante

Penso nesta relação deste homem ser vivente
Que pela gênese criacional devia ser comungante
Com os outros animais, com a terra e com a semente
Se não respeitar esta regra é um grande ignorante

A terra é casa comum pra se viver amplamente
Foi criada para todos, somos dela ocupante
Pela ganância e o poder dividiram erradamente
Contra estes mal feitos, que a nossa voz se levante.

Compreender que na vida, a luta é muito importante
Cai, levanta e recomeça vivendo esperançosamente
O medo empurra a gente pra uma marcha confiante
E o sonho de liberdade tá no corpo, alma e mente .

Viva Paulo e Pedro Casaldáliga com Irmã Dorothy presente
Viva Paulo e a negra Mariele, que foi do mal denunciante
Viva o samba da Mangueira que trouxe o Jesus da gente
E Viva o povo que luta contra todo mal reinante

Em nossas biografias Paulo vive eternamente
Nosso brilho se refrata muito mais que no diamante
Certos que para o universo a nossa vida é presente
Num mundo de diferenças com poder edificante.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

VAMOS BRINCAR DE QUADRINHAS FREIREANAS?

Ana Fátima

Aprender
Ensinar
Pertenc(s)er
Esperançar

Sentir
Amar
Sorrir
Chorar

Indignar-se
Denunciar
Declarar-se
Anunciar

Semear
Nutrir
Cuidar

Colher
Construir
(Con)Viver

Abrços e beijinhos virtuais da Ana Fátima
Varginha, Sul de Minas, 26 de outubro de 2020.

CONSCIENTIZAÇÃO DO SER “MAIS”

Maria Girlene Callado da Silva

Quero agora convida-los,
A num instante pensar,
Sobre a concepção do ser mais,
Que nos faz esperar...

Paulo Freire, vive,
E nos faz refletir,
Sobre as lutas do dia a dia
Que nos faz resistir...

Diante do contexto social,
É preciso pensar,
Num caminho que pode ser lento,
Mas, o importante é não parar...

Nossas ações podem fazer a diferença,
Nas lutas dos processos de emancipação,
A partir de Freire aprendemos
A lutar com união...

Não há uma leitura única,
Para pensar a emancipação,
Lutar contra os opressores,
Essa é nossa missão...

Paulo Freire, nos convida,
A reinventar o seu pensar
Com atenção e cuidado
Para compreender ato de lutar...

O “ser Mais” é preciso,
Na busca de emancipação,
A luta pelo lugar de direito,
Cabe a cada cidadão...

A formação da consciência,
Aos poucos vai surgindo,
Com a pedagogia do oprimido,
Vamos este olhar construindo.

EDUCAÇÃO QUE INSPIRA ESPERANÇA

Givanildo de Oliveira Martins

A educação de hoje não seria a mesma, se não tivéssemos “conhecido” os escritos de Paulo Freire, que optou em viver a realidade do seu povo e se introduzir por inteiro na causa de educar o cidadão desprovido, acreditando numa (re)valorização do ser e da vida, na dignidade e na esperança de dias melhores

.

Para falarmos em educação no Brasil,
É preciso ter um bom conhecimento.
Não desistir de continuar buscando,
Nem deixar que se caia no esquecimento,
Pois como afirma o grande Paulo Freire:
Quem escolhe aprender, vive um novo nascimento.

Tantos livros ele escreveu e nos deixou,
Para aumentarmos nossa experiência.
Não adianta estudar por todo tempo,
Se não houver desejo pra vivência.
A ele sim, devemos respeito e gratidão,
Por que não dizer: prestar continência!

A partir do olhar de Paulo Freire,
Resgataram os valores, nossos irmãos:
O pobre, o negro, e tantos excluídos,
Que hoje vivem alegres e com satisfação,
Pois além de aprender o nome e as letras,
Orgulham-se da mente e do coração.

Dessa forma, precisamos reconhecer

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Toda sua luta, dedicada com valor,
Assim devemos fazer nos dias de hoje
Transformar vidas e acabar com a dor,
Daqueles que não tiveram a chance
De aprender a ler com tanto amor.

Quem conheceu esse grande homem
Pode bater no peito e se orgulhar,
Pois feliz carrega em sua memória
O aprendizado e a lembrança do olhar
De amor, de afeto e de esperança,
Para fazer um dia o mundo mudar.

Quem nos dera que todos dessem valor
Ao legado que ele deu à educação
Reconhecer a importância desse tesouro
Independente da raça, cor ou religião
É preciso lutar pela garantia de direitos
De uma vida pautada no coração.

Givanildo de Oliveira Martins (PE)

SOBRE AUTORAS E AUTORES

Adriana Silva Lemos

Professora da E. M. Vale do Tinguá – Nova Iguaçu – RJ

Alberto Dias Mendes

Alciliane Antunes de Sousa Bonomo

Nova Venécia, e.mail: alciliane.antunes@gmail.com

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre

Aline de Abreu Andreoli

Aline Menezes

Campina Grande, PB

Ana Clara

Petrópolis

Ana Clara São Thiago

Ana Fátima

Ana Maria de Campos

Educadora Popular, Campinas, SP

Andiara Floresta Honotório

Ângela Barreto

Recife, PE

Aroma Bandeira

Astanilsen Duarte

Belén Magdalena Oberti

Argentina, Ciudad de Buenos Aires. 22 años. Cursando Antropología en la Universidad de Buenos Aires. Actividad: Alfabetización de jóvenes y adultxs desde hace 4 años en La Campaña Educativa “El Futuro es Nuestro”, Acompañamiento integral a niñeces, adolescencias y juventudes, enfatizando en el área educativa.

Bianca Silva de Oliveira

Natural de Alagoa Grande PB, atualmente, estudante de Pedagogia.

Carlos Eduardo Pereira

São João do Piauí, PI

Carolina Nascimento de Jesus

Cristiane Costa do Carmo

Juiz de Fora, MG

Cristina Ferreira da Silva

Pedagoga, Esp. em Gestão, Coordenação e Orientação Educacional, Ms. em Educação de Jovens e Adultos. Prof^{ca} da Rede pública de Irará- Ba. Membro dos grupos de pesquisa GEPILIS, GEPE e GEPED. Coordenadora do Fórum EJA da região de Irará. Atualmente exerce a função de Supervisora pedagógica da EJA.

Dalva Mendes de França

MST/ES

Eliane Almeida de Souza e Cruz

Doutora em Educação (UFRRJ/2020), Mestra em Relações Etnicorraciais (CEFET/RJ/2014). Especialização em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras (IFRJ/SG/2016). Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica (UFRJ/2011). Especialização em Raça, Etnias e Educação no Brasil (UFF/1999). Graduada em História (UERJ/FFP/1990). Professora do Ensino Médio da rede Estadual do RJ.

Fátima Guimarães

Teresina, PI

Franciane Sousa Ladeira Aires

Prados, MG

Geysa Novais Viana Matias

Gisele Lucowicz Costa

Cambuquira, MG

Giselle Ferreira Gomes

Tem 25 anos, gosta de estudar coisas novas e atualmente é provável formanda no curso de Biologia. Gosta de se sentir próxima à natureza e ama os animais, além de gostar da área da saúde, por tudo isso, escolheu ser bióloga. Está aprendendo a ler e a escrever academicamente.

Givanildo de Oliveira Martins

Mestre em Mudanças Climáticas, Especialista em Geografia do Brasil, graduado em Geografia. Ex-Secretário de Educação de Surubim/PE, professor das Redes Pública e Particular de Ensino, atuando na educação há 31 anos. Atualmente, exerce a função

de Coordenador Pedagógico, além de atuar na parte de Formação Pedagógica de Professores, com ênfase em Legislação Educacional e Gestão Ambiental.

Gloria Agustina Ríos

Nací en Buenos Aires, Argentina, un 30 de septiembre de 1962. Vivi mi infancia y adolescencia con temor por la represión policial y militar. Más de una vez mi casa fue víctima de abuso de la fuerza policial, que buscaban a mi hermana, militante del partido comunista. Mis experiencias vividas me hicieron capacitarme, convirtiéndome en docente primaria en danzas folclóricas. Hoy día milito en el Movimiento Nuestra América, en alfabetización de jóvenes y adultos en situaciones de vulnerabilidad.

Graciana

Tenho 41 anos e moro em Jandira. Atuo como professora de Geografia nas redes de ensino municipal e estadual de São Paulo. Trabalho com grêmio estudantil desde 2003. Participo nos GTs de Educação e Ensino, da Questão Alimentar e de Saúde da AGB.

Hélio Tinoco

Nascido suburbano, na cosmopolita cidade do Rio de Janeiro, quando esta completava 450 anos, cresci sob o regime militar, porém não contaminado, até que nos efervescentes anos 1980 me formei Jornalista. Nesta graduação, certamente meu caleidoscópio do mundo abriu-se em visões libertadoras.

Laís da Hora

Recife, PE

Laura Correia de Oliveira

Rio de Janeiro, RJ

Laura Pereira Leite

Maíra Mendes de F. Alves

Manoel José Rodrigues Filho

Natural de Aliança, PE, licenciado em matemática pela UPE, especialista em educação do campo pela UFRPE, bacharel em Teologia pela UCDB, professor da rede pública municipal e estadual, membro do comitê pernambucano da Educação do Campo. Fruto da Escola Cel. Luiz Ignácio.

Marcelo Fernando da Silva Mateus

Maria Aparecida Santos de Aguiar

Maria Celina Pedroso Alves

Maria da Conceição Solva Cardozo

Normandia, Caruaru, PE

Maria Eduarda

Brasília

Maria Girlene Callado da Silva

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEduc), da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste da UFPE -CAA, na linha de Educação, Estado e Diversidade em 2020. Especialista no ensino de Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas pela Universidade de Pernambuco (UPE) em 2018. É

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2016. Atualmente é professora no quadro efetivo do município de Jurema PE, atuando nos anos iniciais de ensino. Participa do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação do Campo e Quilombola (GEPECQ-CNPQ), tem interesse por Educação do Campo, Relações Étnico-Raciais e Poesia. Registro na plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/1635732707587894>

Marle Fidélis

Vitória, ES

Marta Argolo

Mônica Nascimento da Silva

Mestra em Ciências e Licenciada em Física, Docente do Ensino Médio, Sonhadora e Freireana.

Nadja Valéria dos Santos Ferreira

Neusa Daglisia Fernandes Teixeira

Nilceia Vieira

Nilmara Helena Spressola

Núbia Lafaete Santos Viana

São Carlos, SP

Patrícia Santos Santana

Salvador, BA

Taís Rodrigues da R. M.

CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo (Org.)

Thaís Gomes dos Santos

Graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ-FEBF. E-mail: thaisgsnt@gmail.com

Vera Maria de Souza

São Paulo

Yasmin Rodrigues Roque

Catalão, GO

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil. O Evento ao reverenciá-lo comemorou, também, em 2016 seus 95 anos de nascimento. Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

O **Centro de Formação Paulo Freire (CFPF)** é um dos principais espaços de educação popular do campo no Brasil, faz parte de uma área coletiva de 15 hectares de terra regulamentada e integrante ao Plano de Desenvolvimento Assentamento Normandia - MST - Caruaru/PE. Contando com uma trajetória de 22 anos de existência, onde já foram formados(as) 8 mil estudantes em cursos de especialização presenciais e vinculados à universidades, institutos, entre outras instituições de ensino. Além de cerca de 40 mil estudantes que se beneficiaram de formações em cursos online, oferecidos gratuitamente por meio do canal do Youtube do Centro de Formação Paulo Freire. Promovendo às ciências, educação e desenvolvimento do campo em pró à segurança alimentar, saúde popular e economia rural a partir da Reforma Agrária Popular, agroecologia e agricultura familiar camponesa.

